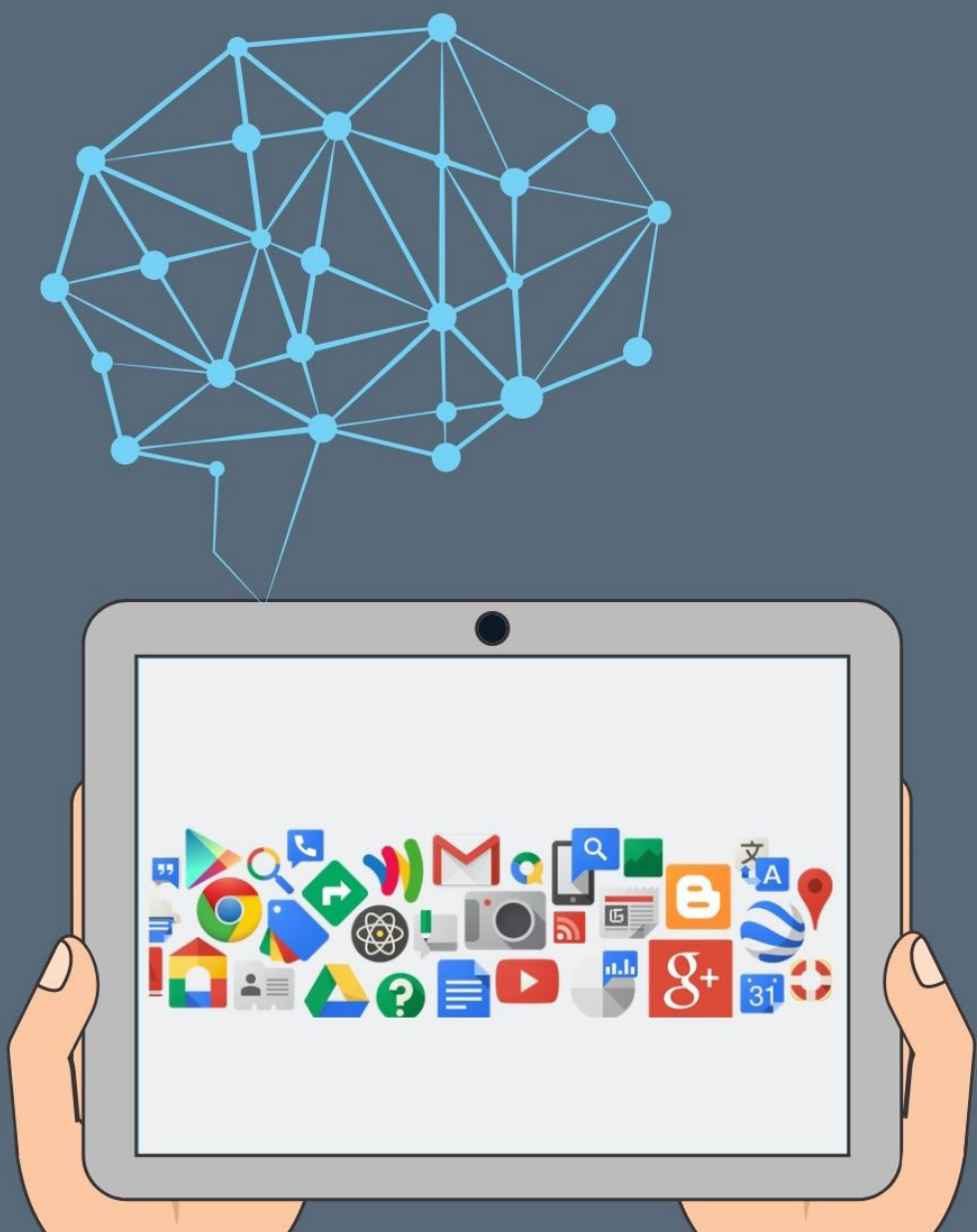


A POESIA DE APRENDER INTEGRANDO TECNOLOGIAS À EDUCAÇÃO DE FORMA INTERDISCIPLINAR



Gilnei Neves Nepomuceno

A POESIA DE APRENDER INTEGRANDO TECNOLOGIAS À EDUCAÇÃO DE FORMA INTERDISCIPLINAR



Gilnei Neves Nepomuceno

A POESIA DE APRENDER INTEGRANDO TECNOLOGIAS À EDUCAÇÃO DE FORMA INTERDISCIPLINAR

Edição 1

Belém-PA



2021

<https://doi.org/10.46898/rfbe.9786558891208>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

P745

A poesia de aprender integrando tecnologias à educação de forma
interdisciplinar [recurso digital] / Gilnei Neves Nepomuceno. -- 1.
ed. -- Belém: RFB Editora, 2021.

4.777 kB; PDF: il.

Inclui Bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web.

ISBN: 978-65-5889-120-8

DOI: 10.46898/rfbe.9786558891208

1. A evolução das tecnologias educacionais. 2. Tecnologias
educacionais na prática pedagógica. 3. Interdisciplinaridade, formação do
professor e novas tecnologias educacionais.

I. Título.

CDD 370.11



Nossa missão é a difusão do conhecimento gerado no âmbito acadêmico por meio da organização e da publicação de livros digitais de fácil acesso, de baixo custo financeiro e de alta qualidade!

Nossa inspiração é acreditar que a ampla divulgação do conhecimento científico pode mudar para melhor o mundo em que vivemos!

Equipe RFB Editora

Copyright © 2021 da edição brasileira.
by RFB Editora.

Copyright © 2021 do texto.
by Autor.

Todos os direitos reservados.



Todo o conteúdo apresentado neste livro, inclusive correção ortográfica e gramatical, é de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es).

Obra sob o selo *Creative Commons*-Atribuição 4.0 Internacional. Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - UFOPA (Editor-Chefe).

Prof.^a Dr.^a. Roberta Modesto Braga - UFPA.

Prof. Me. Laecio Nobre de Macedo - UFMA.

Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida - UFOPA.

Prof.^a Dr.^a. Ana Angelica Mathias Macedo - IFMA.

Prof. Me. Francisco Robson Alves da Silva - IFPA.

Prof.^a Dr.^a. Elizabeth Gomes Souza - UFPA.

Prof.^a Me. Neuma Teixeira dos Santos - UFRA.

Prof.^a Me. Antônia Edna Silva dos Santos - UEPA.

Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa - UFMA.

Prof. Dr. Orlando José de Almeida Filho - UFSJ.

Prof.^a Dr.^a. Isabella Macário Ferro Cavalcanti - UFPE.

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares - UFPI.

Prof.^a Dr.^a. Welma Emidio da Silva - FIS.

Diagramação:

Laiane Borges.

Arte da capa:

Pryscila Rosy Souza.

Imagens da capa:

www.canva.com

Revisão de texto:

O autor.



Home Page: www.rfbeditora.com.

E-mail: adm@rfbeditora.com.

Telefone: (91)3085-8403/98885-7730.

CNPJ: 39.242.488/0001-07.

Barão de Igarapé Miri, sn, 66075-971, Belém-PA.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, José Nepomuceno e minha mãe Maria Neves Nepomuceno, pela minha existência e oportunidade de eu ter vindo a terra pela vontade de Deus.

A minha querida esposa, Maria Ivoneide de Oliveira, pelo incentivo e compreensão da minha ausência. Obrigado pela dedicação e amor.

Às minhas filhas Bruna Oliveira Nepomuceno e Gilnara Nóbrega Nepomuceno, com muito amor, para as quais eu sigo adiante lutando e crescendo.

Ao meu enteado Mateus de Oliveira Sousa, com muito carinho.

A tia Graça e tio Baltazar pela acolhida e apoio.

Aos irmãos, irmãs, sobrinhos, sobrinhas, cunhados, cunhadas, com meu orgulho de ter nascido em uma família que prezo tanto e que é o meu amparo.

Aos(as) colegas de curso(turma 5), pelos momentos de trocas de experiências e aprendizagens – deixamos marcas de amizades e laços concretos de companheirismo.

A direção da Escola Egídia Cavalcante Chagas e alunos(as) da turma do primeiro ano do ensino médio, turma B, que participaram de forma brilhante para a realização da Oficina Poética.

A professora de Língua Portuguesa Socorro Raulino e à professora do Centro de Multimeios Isabel Cecília pelo acompanhamento e colaboração quando da realização da Oficina Poética Escola Egídia.

Ao professor/pesquisador José Manuel Moran pelo feedback às minhas mensagens de e-mail.

À Dra. Marta Canese pela disponibilidade e presteza nos atendimentos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	11
1 A EVOLUÇÃO E O USO DAS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS	15
1.1 As tecnologias mais usuais na educação	19
1.1.1 Material impresso e livro didático	20
1.1.2 O computador conectado à Internet	21
2 TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	27
2.1 Professor, aluno e tecnologia educacional	32
2.2 Leitura e tecnologias educacionais.....	42
2.2.1 Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita	45
3 INTERDISCIPLINARIDADE, FORMAÇÃO DO PROFESSOR E NOVAS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS.....	49
3.1 A plataforma moodle	53
3.2 As novas tecnologias e a educação à distância.....	56
3.3 Literatura (poesia) como tema transversal do conhecimento interdisciplinar	63
3.4 A construção do projeto político pedagógico na perspectiva do trabalho coletivo	67
4 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	77
4.1 Descrevendo o local da pesquisa.....	80
4.1.1 O primeiro contato com a escola	82
4.2 O universo da pesquisa e amostra	82
4.3 Termo de autorização da pesquisa na escola	84
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA OFICINA E PESQUISA DE CAMPO	87
5.1 Aplicação da oficina poética	88
5.2 Visão dos participantes (alunos e alunas) sobre a importância do projeto-oficina	104
5.3 Visão de professores sobre a integração de tecnologias educacionais na aprendizagem.....	107
5.4 Visão de internautas sobre a integração de tecnologias educacionais na aprendizagem.....	110
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS	118
APÊNDICES.....	122
ANEXOS	124
SOBRE O AUTOR	133
ÍNDICE REMISSIVO.....	134



APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa aborda o estudo de uma oficina de poesia, na disciplina literatura, interdisciplinar, voltada à integração de tecnologias educacionais capazes de favorecer o conhecimento, com uma turma de alunos do 1º ano do ensino médio da Escola Egídia Cavalcante. Objetivo geral elaborar um projeto-oficina de poesia integrando tecnologias para favorecer o conhecimento em literatura de forma interdisciplinar. Objetivos específicos: identificar a evolução e uso das tecnologias educacionais pontuando as aplicações favoráveis à aprendizagem; desenhar e aplicar uma proposta interdisciplinar de integração das tecnologias educacionais na produção de estudos literários através de uma oficina de poesia; detectar os benefícios da proposta interdisciplinar de ensino no processo de ensino-aprendizagem, na visão dos alunos e professores. É uma pesquisa descritiva, ação. Conclui que foi possível comprovar a integração das tecnologias educacionais com a aplicação do projeto-oficina, a participação de professores e internautas na coleta de dados, em um trabalho dissertativo que envolveu a interdisciplinaridade através do trabalho oral, escrito, digital e audiovisual com os participantes.





INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema A POESIA DE APRENDER INTEGRANDO TECNOLOGIAS À EDUCAÇÃO DE FORMA INTERDISCIPLINAR.

A disseminação das tecnologias mais recentes, em especial as surgidas com o advento da Internet, faz com que alguns pesquisadores da área de educação estejam considerando a existência destas como uma nova era para a educação: o antes e o depois da Internet. Com esse pensamento, consideramos que é ignorância ter uma atitude de descaso diante dessa nova realidade. Portanto, ignorar essas possibilidades e não as utilizar para disseminar a leitura e o ensino em geral é algo que jamais pode ser pensado pelos que fazem a educação, seja em nível local, nacional e até mundial.

Há muito observamos o contrassenso existente na escola quanto ao uso das novas tecnologias no ambiente escolar. Quando muito, esses são utilizados como um verniz de superfície, para levar o aluno ao laboratório sem um propósito didático específico – o laboratório é mais usado para “pesquisa”; utilizado para a apresentação de filmes (videocassete) e outros usos sem foco na aprendizagem. A escola ainda não encontrou uma maneira própria de integrar velhas e novas tecnologias para promover o conhecimento.

Este tema já foi explorado em uma anterior pesquisa de especialização e agora ampliado para um trabalho mais aprimorado envolvendo a integração das tecnologias educacionais. Essa pesquisa de mestrado traz em seu desenvolvimento a contribuição com o fazer docente, com um trabalho que aborda o estudo da integração de tecnologias favoráveis à aprendizagem, enfocando a literatura (poesia) como objeto de estudo. Para tanto, realizamos uma combinação entre as tecnologias oral e escrita (estudo e construção de poemas de forma interdisciplinar) com as novas tecnologias (computador e Internet) ou tecnologias digitais, bem como a construção de poemas e ilustração destes através do PowerPoint. Toda a oficina encontra-se postada em um grupo e/ou página construída em uma rede social Facebook, no seguinte endereço: <https://www.facebook.com/groups/417121935077674/>. O resultado de todas as fases da oficina foi publicado para apreciação da comunidade virtual.

Como as velhas e novas tecnologias educacionais podem ser integradas de forma a promover o ensino-aprendizagem em literatura através de uma oficina de poesia?

Para favorecer respostas a essa problematização nos sustentamos em algumas indagações:

- É possível identificar a evolução e o uso das tecnologias educacionais com as aplicações didáticas favoráveis à aprendizagem?
- Podemos trabalhar uma proposta de aplicação das tecnologias educacionais na produção de estudos literários (oficina de poesia) e integrando-os com outras tecnologias educacionais de forma interdisciplinar?

- É possível detectar os benefícios de uma proposta de estudo no processo de ensino-aprendizagem, na visão dos alunos e professores?
- Com a finalidade de obter respostas a essas perguntas de pesquisas, trabalhamos com os seguintes objetivos:

Esse trabalho dissertativo tem como objetivo geral: Elaborar um projeto-oficina de poesia integrando tecnologias para favorecer o conhecimento em literatura de forma interdisciplinar. E como objetivos específicos: Identificar na evolução e uso das tecnologias educacionais pontuando as aplicações favoráveis à aprendizagem; desenhar e aplicar uma proposta interdisciplinar de integração das tecnologias educacionais na produção de estudos literários através de uma oficina de poesia; detectar os benefícios da proposta interdisciplinar de ensino no processo de ensino-aprendizagem, na visão dos alunos e professores.

Com intuito de descobrir respostas a esses objetivos, esse trabalho foi desenvolvido seguindo diretrizes traçadas dentro de hipóteses (principal e secundárias) e variáveis, no sentido de dar sustentabilidade ao trabalho de pesquisa. Assim apresenta como hipótese principal “A integração das tecnologias educacionais através de projetos interdisciplinar pode ser utilizada para propiciar o ensino aprendizagem em literatura” e como hipóteses secundárias: trabalhar com projeto interdisciplinar, poesia, com a produção literária dos alunos integrando o uso de tecnologias para a aquisição do conhecimento pode ser uma solução; a aceitação dos alunos aos projetos desenvolvidos na escola é importante para o processo de aquisição do conhecimento; a visão do professor pode ampliar a discussão e a prática sobre a integração das tecnologias favoráveis à aprendizagem. Como variável independente tem-se que “Integração das tecnologias educacionais através de projetos educacionais” e apresenta como variável independente a “Interdisciplinaridade no ensino-aprendizagem”.

Através desses marcos introdutórios, elaboramos essa pesquisa no sentido de entender que a escola precisa refletir para que o sucesso escolar seja meta fundamental na vida do corpo discente e de toda comunidade escolar através da aprendizagem colaborativa.

Com base em Moran (2012) colocamos que

a aprendizagem colaborativa precisa ter como referência uma prática pedagógica num paradigma emergente. Para alicerçar uma prática pedagógica compatível com mudanças paradigmáticas da ciência, num paradigma emergente, Bherens (1999), apud Moran (2012) acredita na necessidade de desencadear uma aliança de abordagens pedagógicas, formando uma verdadeira teia, da visão holística, com a abordagem progressista e com o ensino de pesquisa (MORAN, 1998, pp. 86-87).

Para isso, o ensino mediado pela pesquisa, pedagogia de projetos e aproveitamento das tecnologias educacionais existentes tende a oferecer uma mudança no perfil

e oportunidades aos profissionais mais capacitados para o mercado de trabalho, com maior valorização do indivíduo que tem flexibilidade em aprender e de adaptar-se às mudanças cada vez mais rápidas ocorridas na sociedade do conhecimento.

É discurso recorrente na educação que a escola deve aprender a trabalhar levando em conta a realidade social do aluno. O uso das tecnologias já faz parte dessa realidade em todos os lares brasileiros.

Diante dessas introduções é imperativo perceber que a escola necessita aprender e se adaptar, bem como aprender a manusear as variadas tecnologias existentes para oferecer um serviço eficiente e eficaz em educação, envolvendo as tecnologias oral, escrita e digital.

Após a finalização desse trabalho de pesquisa, esperamos deixar um legado literário capaz de contribuir com a (re)significação da linguagem literária, construída com criatividade e com a expressividade espontânea dos(as) alunos(as), participantes diretos da pesquisa de campo (oficina de poesia presencial e semipresencial).

Enfim, que nosso legado para a educação atinja os sentimentos e expectativas didáticas, para a humanização da educação através de definições sobre o uso das tecnologias na educação em literatura de forma interdisciplinar, com atividades presentes no pensar cotidiano da escola e comunidade em geral.

CAPÍTULO 1

A EVOLUÇÃO E O USO DAS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

A evolução tecnológica promoveu e segue nesse ritmo provocando mudanças e discussões nos novos modos de ensinar, abrangendo seus métodos e valores, e isso vem acontecendo através o aperfeiçoamento dos equipamentos tecnológicos antigos, como o giz, o quadro negro, o caderno, o lápis e o livro. Podemos ponderar que, com o passar dos anos, os mecanismos de trabalho com educação vão mudando, ganhando novas formas através dos equipamentos que vão surgindo e substituindo outros mais modernos: o mimeógrafo foi substituído pela fotocopiadora/imprensa, as máquinas de escrever pelos computadores/notebook, retroprojektor virou Datashow, disquetes foram substituídos por pendrives /cds, telefone fixo passou a ser telefone móvel, livros agora são e-books (livros eletrônicos), as correspondências por cartas passaram a ser feitas através de e-mail. Assim, a educação não teve forças para seguir com esse avanço de forma integral. A evolução tecnológica está tão avançada que os recursos que se usam em casa também têm ou deveria ter sua extensão para a escola, como notebooks, computadores portáteis, celulares com sistema WiFi/andriode, tablets. Tais recursos ainda não são, no todo, utilizados pela escola para propiciar o conhecimento e isso leva a uma grande discussão entre o grupo gestor e os(as) alunos(as) quanto ao uso ou não desses aparelhos tecnológicos no cotidiano escolar.

O termo tecnologia pode ser considerado como um instrumento que envolve o conhecimento técnico e científico através de suas ferramentas, processos e materiais criados e/ou utilizados a partir de tal conhecimento.

Do grego *τεχνη* – “técnica, arte, ofício” e “estudo” esse termo pode ter vários significados, podendo mostrar-se como sendo uma ferramenta com auxílio das máquinas para agilizar a solução de problemas. Tais ferramentas podem ser desde um pedaço de giz até avançados programas de computação desenvolvidos entre outras finalidades para a educação. Outro destino dado às técnicas que envolvem os conhecimentos, métodos, matérias, ferramentas e processos para resolver problemas ou ao mesmo facilitar a solução dos mesmos. Entre as finalidades primordiais o método ou processo de construção e trabalho, sendo o estado atual de nosso conhecimento de como combinar recursos para produzir produtos desejados (ROCHA, 2012).

A educação é um mecanismo poderoso de articulação das relações de poder, conhecimento e tecnologias. As tecnologias são tão antigas quanto à espécie humana, haja vista que foi graças à criatividade do homem, com o passar do tempo, que se originou diversos equipamentos tecnológicos.

As tecnologias invadem as nossas vidas, não há mais dúvidas, desde a amplitude física à nossa memória, garantindo novas possibilidades de bem-estar e mexem com as capacidades naturais do ser humano. Diferentemente dos nossos antepassados, nos

acostumamos com alguns privilégios presentes nos confortos tecnológicos – água encanada, energia elétrica, fogão, televisão, telefones, roupas, carros e muitos outros – e nem podemos mais nos imaginar sem esses instrumentos que se mostram para muitos como de necessidade básica.

Segundo Kenski (2007) a evolução social do homem confunde-se com as tecnologias desenvolvidas e empregadas em cada época histórica. Diferentes períodos da história da humanidade são marcados pelos avanços tecnológicos correspondentes. As idades da pedra, do ferro e do ouro, por exemplo, são alguns períodos marcantes em que foram criadas novas tecnologias para o aproveitamento desses recursos naturais. Desde então a sociedade, de forma permanente, vem criando tecnologias cada vez mais sofisticadas.

A evolução tecnológica não se limita somente aos novos usos e costumes de determinados equipamentos, visto que ela altera comportamentos individuais e coletivos. Dessa forma, existem outras tecnologias que não estão ligadas diretamente a equipamentos e máquinas e que são bastante utilizadas pela humanidade desde o início da civilização. Podemos citar a linguagem, uma construção tecnológica criada pela inteligência humana para propiciar a comunicação entre os membros de determinado grupo. Ela foi estruturada dentro dos grupos de convivência e transformada pelas múltiplas interações e deu origem a diferentes idiomas existentes e que são característicos de um determinado povo e de sua cultura, de acordo com Kenski (2007).

A linguagem pode ser dividida em três vertentes: a oral, a escrita e a digital.

A linguagem oral, de acordo com Kenski (2007) é

a mais antiga forma de expressão (...) é uma construção de signos comuns de voz, que eram compreendidos pelos membros de um mesmo grupo (...) a fala possibilitou o estabelecimento de diálogos, a transmissão de informações, avisos e notícias (...) o uso regular da fala definiu a cultura e a forma de transmissão de conhecimento de um povo (...) a oralidade primitiva requeria a presença dos interlocutores (...) a língua falada limitava o homem ao espaço do seu grupo, onde ele se comunicava. Em cantos, poesias, na narrativa de lendas e histórias da tribo, os homens perpetuavam a memória do grupo, sua cultura e identidade para as gerações seguintes (KENSKI, 2007, p. 28-29).

A linguagem é, pois, uma tecnologia que ainda perdura nos dias atuais, principalmente pelo apego à afetividade e tem como principal utilidade educacional a transmissão de valores e comportamentos que lapidam a educação humana. A fala é ainda o meio mais usual na sala de aula entre professores e alunos como recurso para interagir, ensinar, aprender e verificar a aprendizagem.

Quanto à criação da linguagem escrita, segundo Kenski (2007) esta

surge quando o homem deixa de ser nômade e passa a ocupar de forma mais permanente um determinado espaço (...) A temporalidade prevista na plantação e na colheita interfere na criação do suporte para a escrita. (...) os primeiros registros gráficos do pensamento humano foram encontrados em materiais como paredes de cavernas, ossos, pedras e peles de animais. Muitos outros materiais foram utilizados como suporte para a escrita antes da invenção do papel. Os egípcios criaram um tipo de papel denominado papiro que, pelo seu uso generalizado, acabou por também denominar o tipo de documento que nele era escrito (...), documentos funerários, legais, administrativos e literários que, milhares de anos depois, foram encontrados pelos arqueólogos em escavações. (...) outro tipo caro e raro de papel, o pergaminho, feito de pele de ovelha, era utilizado por nobres ricos para registro de seus bens (KENSKI, 2007, p. 30).

Como vemos, a tecnologia escrita faz interação com o pensamento, libertando o homem da obrigatoriedade de memorizar de forma permanente uma informação. Trata-se, portanto, de uma tecnologia para firmar a ampliação da memória e para a comunicação.

Até hoje, com o uso mais abrangente, a escrita como tecnologia da informação e comunicação é muito utilizada para registro dos fatos cotidianos, como biografias, livros didáticos, agendas, livros paradidáticos e redações em geral, auxiliando no registro do pensamento e possibilitando ao homem a exposição de suas ideias.

A terceira e última linguagem citada aqui, a linguagem digital, está amparada nas tecnologias eletrônicas de informação e comunicação. É uma linguagem simples, baseada em códigos binários, pelos quais temos a possibilidade de informar, comunicar, interagir e aprender, incorporando aspectos da oralidade e da escrita em um novo contexto tecnológico.

Recorremos a Kenski para informar que a linguagem, enquanto tecnologia digital

rompe com as formas narrativas circulares e repetidas da oralidade e com o encaminhamento contínuo e sequencial da escrita e se apresenta como um fenômeno descontínuo, fragmentado e, ao mesmo tempo, dinâmico, aberto e veloz. Deixa de lado a estrutura serial e hierárquica na articulação do conhecimento e abre para o estabelecimento de novas relações entre conteúdos, espaços, tempos e pessoas diferentes. A base da linguagem digital são os hipertextos. (...) a estrutura do hipertexto permite que você salte entre vários tipos de dados e encontre em algum lugar a informação de que precisa (KENSKI, 2007, p. 32).

Como percebemos, a linguagem digital através do hipertexto e das múltiplas Tecnologias da Informação e comunicação (TIC) nos permite a ler um livro, assistir um vídeo, ver imagens de vários ângulos, publicar fotos, desenhos, textos, sons, poesias, impondo mudanças radicais nas formas de acesso à informação, à cultura, ao entretenimento e à educação, sustentada com todas as possibilidades de convergências e sinergias entre as mais variadas aplicações dessas mídias. Percebemos, assim, uma nova cultura de aprendizagem dentro da realidade na forma de ensinar e aprender.

Moran, Masetto e Behrens (2012) reforçam nossa fala quando dizem que

a construção do conhecimento, a partir do processo multimídico, é mais “livre”, menos rígida, com conexões mais abertas, que passam pelo sensorial, pelo emocional e pela organização do racional; uma organização provisória, que se modifica com facilidade, que cria convergências e divergências instantâneas, que precisa de processamento múltiplo instantâneo e de resposta imediata. (...) Quanto mais mergulhamos na sociedade da informação, mais rápidas são as demandas por respostas instantâneas. As pessoas, principalmente as crianças e os jovens, não apreciam a demora, querem resultados imediatos. Adoram as pesquisas síncronas, as que acontecem em tempo real e que oferecem respostas quase instantâneas. (...) As crianças e os jovens estão totalmente sincronizados com a multimídia e, quando lidam com texto, fazem-no mais facilmente com o texto conectado através de links, de palavras-chave, o hipertexto (MORAN, MASETTO E BEHRENS, 2012, pp. 19-21).

Frente ao enunciado da citação acima, é de fundamental importância que a escola estabeleça, desde o início, uma relação empática com os alunos, procurando conhecê-los, fazendo um mapeamento dos seus interesses, formação e perspectiva futura. A preocupação com os alunos – a forma de nos relacionarmos com eles – é imprescindível para o sucesso pedagógico. Os alunos captam se o professor gosta de ensinar, se tem segurança no que faz e principalmente se gosta deles e isso facilita a sua prontidão para aprender.

É importante que o professor tenha o domínio de ministrar suas aulas integrando as velhas e novas tecnologias, ressaltando que

utilizar a mídia na escola é o primeiro passo para a leitura do mundo. Em contrapartida, é essencial que o exercício cotidiano no uso da mídia na sala de aula não se limite à leitura de jornais, revistas ou dos veículos eletrônicos. Para se ler o mundo a partir dos olhares dos outros, é fundamental que seus leitores aprendam antes a ler o mundo em que vivem, por meio da construção do conhecimento, a transformação do educando em sujeito de sua própria história. A aquisição do pensamento crítico é resultado da inserção e percepção direta do aluno como agente mobilizador na sua realidade (CALDAS, 2002, p. 129).

Só com esses procedimentos, entendemos pelas leituras realizadas, que poderá haver uma integração maior das tecnologias e das metodologias de trabalhar com o oral, a escrita e o digital. Não há necessidade de a escola abandonar as formas já conhecidas pelas tecnologias híbridas, mas integrar às tecnologias novas e as já conhecidas, utilizando-as como mediação facilitadora do processo de ensinar e aprender de forma participativa.

1.1 AS TECNOLOGIAS MAIS USUAIS NA EDUCAÇÃO

Historicamente, a relação entre a escola e a tecnologia começa com o uso de diferentes recursos, como: material impresso, lápis, giz, quadro negro, retroprojetor, gravador, televisão, vídeo e, atualmente, a informática, dentre outros.

Dessa forma, o conceito de tecnologia educacional vem, ao longo do tempo, incorporando novos elementos em função dos avanços tanto no campo da pedagogia e didática, como no campo da ciência e da tecnologia através da produção de novos recursos. De acordo com os objetivos desse trabalho as principais tecnologias utilizadas são o material impresso, o computador e a internet, motivo pelo qual falaremos desses recursos tecnológicos educacionais.

1.1.1 Material impresso e livro didático

O livro didático, enquanto recurso tecnológico, é um instrumento de acompanhamento do aluno conforme sua série de estudo. Stray o define como sendo um produto cultural composto, híbrido, que se encontra no “cruzamento da cultura, da pedagogia, da produção editorial e da sociedade” (1993, pp.77-78).

Sua origem está na cultura escolar, mesmo antes da invenção da imprensa no final do século XV. Na época em que os livros eram raros, os próprios estudantes universitários europeus produziam seus cadernos de textos. Com a imprensa, os livros tornaram-se os primeiros produtos feitos em série e, ao longo do tempo a concepção do livro como “fiel depositário das verdades científicas universais” foi se solidificando (GATTI JÚNIOR, 2004, p.36).

A trajetória para que os livros didáticos, dicionários, obras literárias e livros em Braille, segundo Gatti Júnior (2004) chegassem até as escolas brasileiras teve início em 1929, com a criação de um órgão específico para legislar sobre políticas do livro didático, o Instituto Nacional do Livro (INL).

O atual Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) foi promulgado pelo decreto nº 91.542, de 19/8/85. O PNLD tem como foco o ensino fundamental público, incluindo as classes de alfabetização infantil, e assegura a gratuidade dos livros. De acordo com o programa cada aluno tem direito a um exemplar das disciplinas de língua portuguesa, matemática, ciências, história e geografia, que serão estudadas durante o ano letivo. Aos estudantes do primeiro ano é destinada também uma cartilha de alfabetização.

Além do PNLD, o governo federal executa outros dois programas relacionados ao livro didático para prover as escolas das redes federal, estadual e municipal e as entidades parceiras do programa Brasil Alfabetizado: o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) criado em 2004 e o Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA) criado em 2007.

1.1.2 O computador conectado à Internet

O computador não pode ser encarado como o subsídio que surgiu com capacidade de resolver magicamente todas as questões do ensino. É de fundamental importância uma reflexão acerca do ambiente pedagógico no qual o ensino deve ser ministrado.

A partir daí, será necessário pensar em que medida a introdução do computador poderá contribuir para a melhoria do ambiente pedagógico tradicional de ensino, a fim de não se constituir apenas em mais um modismo de sofisticação tecnológica sem resultados eficazes.

O computador pode ser entendido como uma ferramenta da *informática educativa* ou como uma ferramenta da *ciência da computação*? Eis a questão a se pensar. No primeiro caso, entendemos esse recurso como um valioso instrumento que pode ser utilizado como agente facilitador no trabalho com os mais diversos conteúdos da escola. Ele permite, inclusive, que se atue dentro do campo da interdisciplinaridade e exerce o papel de ferramenta mediadora no processo de ensino/aprendizagem. No segundo, o computador é a ferramenta, que é produto, lógica e concretamente, um produto da ciência da computação, com as suas mais diversas plataformas e linguagens.

Todavia, entende-se aqui, o computador dentro da primeira proposta, isto é, como o instrumento que pode ser aliado ao ensino, a fim de permitir ao aprendiz construir, elaborar e definir seus próprios projetos ou estratégias de maneira ativa e interativa, sendo ele o condutor desse processo.

Frente a essa nova vertente propícia à aprendizagem, embasado em Moran, Masetto e Behrens (2012), colocamos que para intermediar essa aprendizagem, existe o acesso a programas que facilitam a criação de ambientes virtuais, que colocam alunos e professores juntos na internet. Programas como Eureka da PUC de Curitiba, o LearningSpac da Lotus- IBM, o WEBCT, o Aulanet da PUC do Rio de Janeiro, o Firstclass, o Universite, o Blackboard e outros semelhantes, permitem que o professor disponibilize o seu conteúdo, oriente as atividades dos alunos, e que estes criem suas páginas, participem de pesquisa em grupo, discutam assuntos em fóruns ou chats.

O ambiente de aprendizagem pode ser construído aos poucos, de forma que crie portas onde deixe as interações registradas, as entradas e saídas dos alunos monitoradas. Com essa metodologia de ensino, o papel do professor amplia-se de forma significativa. Do informador, que dita conteúdo, transforma-se em orientador de aprendizagem, em gerenciador de pesquisa e comunicação, dentro e fora da sala de aula, de um processo que caminha para ser semipresencial, aproveitando o que podemos fazer na sala de aula e no ambiente virtual.

O professor – tendo uma visão pedagógica inovadora, aberta, que pressupõe a participação dos alunos – pode utilizar algumas ferramentas simples da Internet para melhorar a interação presencial-virtual entre todos (MORAN, MASETTO E BEHRENS, 2012, pp. 45-46).

Ao se pensar em seu uso, o computador é tido como uma ferramenta que o aprendiz utiliza para desenvolver algo, entendendo-se seu aprendizado pelo fato de estar executando tarefas pelo computador (VALENTE, 1999). Essas tarefas podem ser a elaboração de textos, usando processadores de texto; a pesquisa em banco de dados existentes ou criação de um novo banco de dados; o controle de processos em tempo real, em forma de simulação.

Outro fato relevante no uso do computador é a criação de um ambiente aberto, onde o aprendiz é livre para propor e resolver qualquer projeto que tenha interesse. Não existe uma sequência pré-definida de ações ou problemas a serem resolvidos, perguntas abertas, com diversas respostas possíveis (SANDHOLTZ, 1997).

O conhecimento adquire uma nova dinâmica, passa a se realizar através de simulações, típico da cultura informatizada. Esse fato faz com que o computador seja também visto como um recurso didático a cada dia mais indispensável. Ele é apontado como um instrumento que traz as mais versáteis possibilidades ao processo de ensino e aprendizagem, seja pela presença na sociedade moderna, seja pelas possibilidades de aplicação nesse processo. Segundo Sancho (1998),

tudo indica que seu caráter lógico pode ser um grande aliado do desenvolvimento cognitivo dos que obedece a distintos ritmos de aprendizagem dos alunos, principalmente na medida em que ele permite um trabalho (SANCHO, 1998, p. 25).

A introdução do computador conectado à Internet na escola pode constituir, assim, uma oportunidade ímpar para a introdução concomitante de inovações pedagógicas no ensino e, com isso, encaminhar uma solução significativa para os problemas de aprendizagem.

Não se trata, portanto, de abolir a pedagogia tradicional, pelo contrário, trata-se, ao lado do ensino tradicional, de introduzir melhorias pedagógicas e didáticas, aproveitando a introdução da inovação tecnológica representada pelo computador. Entretanto, os ambientes tradicionais, exageradamente centrados no professor, dificultam a reprodução em sala de aula das situações lúdicas dos ambientes informatizados, em que o computador faz a mediação entre alunos e professor.

O que “encanta” o uso do computador e a Internet é a capacidade de se estabelecer a harmonia de grandes estruturas. É óbvio que o processo de construção a partir do computador envolve um sem número de técnicas imprescindíveis ao seu

aprendizado. Parece, porém, igualmente óbvio que o computador não se reduz ao uso de suas técnicas, mas saber aproveitar-se destas para promover um bom ambiente de aprendizagem. Portanto, ensinar apenas as técnicas computacionais ao aluno equivale a tratá-lo como um banco de dados passivo (VALENTE, 1998), repetindo assim a prática do professor tradicional.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN (Brasil, 1997), o computador é apontado como um recurso que traz versáteis possibilidades ao processo de ensino-aprendizagem, seja pela sua destacada presença na sociedade moderna, seja pelas possibilidades de sua aplicação neste processo.

Frente a isso, tudo leva a crer que, por mostrar-se como um instrumento lógico e simbólico, pode vir a contribuir muito para que o aluno aprenda a lidar com sistemas representativos simbólicos, linguísticos e/ou numéricos. Assim, pode não apenas consolidar a construção de conceitos como o de número, mas também construir a base da inteligência mais abstrata que virá depois, ou seja, a inteligência formal propriamente dita, que é a que vai trabalhar com os possíveis, com as hipóteses, com as deduções.

Ao pensarmos no computador conectado à Internet como ferramenta para auxiliar no ensino, estamos nos referindo aos aplicativos que usamos com a finalidade de nos ajudar no processo de ensino-aprendizagem. Desta forma, é preciso que o educador procure aspectos considerados positivos nestes aplicativos, a fim de que realmente se constituam em facilitadores para uma aprendizagem significativa, dentro dos objetivos definidos pelo educador e a escola.

Ressaltamos que um fator importante na determinação desses aspectos positivos está diretamente relacionado às concepções do professor sobre conhecimento e sobre o processo de ensino e aprendizagem.

Por exemplo, numa orientação pedagógica mais construtivista do processo, (MISUKAMI, 1986) afirma que serão mais efetivos os aplicativos que permitam uma grande interação do aluno com os conceitos ou ideias, direcionando-o a descobertas e a inferir resultados, com a possibilidade de testar suas hipóteses.

Precisamos, para isso, escolher aplicativos (software) abertos que permitam ao aluno criar situações-problema (BRASIL, 1997), de acordo com sua realidade cultural e explorá-las ativamente, teriam um papel importante neste tipo de concepção, mas, no que se referem ao Ensino Fundamental, estes ainda são bastante raros no mercado.

Por outro lado, essas características construtivistas ficam muito pouco exploradas em softwares do tipo “exercício e prática”, que podem ser interessantes em situações

de reforço da aprendizagem, mas que utilizados isoladamente, não permitem grandes explorações das ideias matemáticas aí envolvidas.

Quando nos detemos às aplicações do computador para propiciar a aprendizagem, deparamos com inúmeros benefícios. Dentre eles, o desenvolvimento do cérebro, considerando que as concepções voltadas para o conhecimento adquirido pelo indivíduo e suas relações com o meio o faz construir possibilidades infinitas, embora que, para o seu desenvolvimento completo, esse mesmo indivíduo tenha que dominar as diversas competências mediadas por muitas habilidades existentes, principalmente, no mundo globalizado.

As estruturas cerebrais em sua organização e suas divisões funcionam em completa harmonia. O computador permite a compreensão abstrata, visual, tridimensional, espacial, atendendo todas as características sensoriais necessárias.

Referindo-nos às características colocadas acima, enfatizamos que a linguagem surgiu como produção humana voltada para o mundo exterior (um conjunto de símbolos corretamente ordenados, difundido para fora do organismo), como também as representações intracerebrais destes símbolos e regras para associá-los. O cérebro representa a linguagem e qualquer outro objeto da mesma forma. Ao estudar as bases neuronais da representação de objetos, eventos e suas relações, os neurologistas esperam descobrir os mecanismos de representação da linguagem. A linguagem é elaborada pelo cérebro de acordo com a interação de três conjuntos de estruturas neuronais. O primeiro constitui numerosos sistemas neuronais dos dois hemisférios, representado por interações não linguísticas entre o corpo e seu meio, concebido por vários sistemas sensoriais e motores; ele elabora uma representação de tudo o que uma pessoa faz, percebe, pensa ou sente (REVISTAS VIVER MENTE & CÉREBRO, 2004).

O segundo, um conjunto menor de estruturas neuronais, normalmente situadas no hemisfério esquerdo, representa os fonemas, suas combinações e as regras sintáticas de ordenação destas palavras em frases. Quando solicitados pelo cérebro, esses sistemas reúnem palavras em frases destinadas a ser ditas ou escritas - se demandados em reação a um estímulo linguístico externo, como a escuta de uma palavra ou um texto, garantem os processamentos iniciais das palavras e frases percebidas. Enfim, o terceiro conjunto, também presente no hemisfério esquerdo, coordena os dois primeiros. Produz palavras a partir de um conceito ou conceitos a partir de palavras (REVISTAS VIVER MENTE & CÉREBRO, 2004).

Nessa perspectiva, o desenvolvimento de linguagem poderia ou fica comprometido com as faltas de ferramentas. Sendo assim, as novas tecnologias, como o computar

e a Internet, podem mediar ou facilitar essa necessidade, auxiliando de forma efetiva no desenvolvimento da aprendizagem.

As formas de linguagens fomentam mudanças nos sistemas de conhecimento da sociedade, implicando em transformações nas operações produtivas e nos negócios, levando à criação ou substituição de produtos e à racionalização de procedimentos decisórios. Assim também acontece na escola. O conhecimento acelera processos, torna instantâneas inúmeras ações de interesses econômicos e gera um novo quadro organizacional, caracterizado, principalmente, pela flexibilidade decorrente da utilização de equipamentos informatizados e programáveis. Este quadro determina alterações no mercado de trabalho.

Nesta proposta pedagógica, percebe-se que há um grupo de pessoas torcendo e agindo para que as capacitações do professor aconteçam de forma mais sistemática, de fato e de direito, com total qualidade, pois quem ganha com tudo isto são os alunos, com o uso nas salas de aula, das tecnologias da informação e comunicações, desde as velhas às novas.

Para que isso aconteça, precisamos valorizar e respeitar os limites de aprendizagens, pois, estamos trabalhando com o novo paradigma de aprendizagem em que aprender consistirá em saber interagir com as fontes de conhecimento existentes e saber integrá-los de forma satisfatória.





CAPÍTULO 2

TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Historicamente, como já registramos, a relação entre a escola e a tecnologia começa com o uso de diferentes recursos, como: material impresso, retro-projetor, gravador, televisão, vídeo e atualmente a informática. Dessa forma o conceito de tecnologia educacional vem, ao longo do tempo, incorporando novos elementos em função dos avanços tanto no campo da pedagogia e didática, como no campo da ciência e da tecnologia através da produção de novos recursos. Para Gabriela Lion (apud VALENTE, 1999) a tecnologia educacional nasce com a marca tecnicista e tem um caráter instrumental voltado para a racionalização da prática pedagógica.

A concepção tecnicista da educação privilegia o uso da técnica em detrimento do conteúdo e da construção do conhecimento pelo aluno, levando o professor a um mero “seguidor de regras” e “leitor de livros-guia”. Atualmente, a tecnologia educacional incorporou novas abordagens a partir do desenvolvimento e a difusão de novas tecnologias, como a informática, telemática, correio eletrônico, hipertextos, CD-ROM, entre outros (VALENTE, 1999).

O uso das novas tecnologias também remete a outras questões como a precária formação dos professores, a insipiência das políticas públicas, a estrutura e funcionamento da escola, os poucos recursos para a educação, bem como a escassez de recursos eminentemente pedagógicos como software, aplicativos multimídias, etc. Não é raro encontrarmos professores que manifestam fobias, receios, insegurança, limitação de toda espécie em relação ao uso de DVDs, computadores e outros recursos midiáticos. Essas limitações remetem-se ao tipo de formação que tiveram, distanciados do manuseio dessa tecnologia como recurso pedagógico. Acrescenta-se a essas limitações a própria estrutura das escolas em relação à falta de equipamentos e de uma cultura de uso da tecnologia no aperfeiçoamento da prática educativa.

Em relação a esses aspectos, Oliveira (1997) registra a questão da falta e da necessidade de desenvolvimento de “tecnologia de baixo custo por aluno” (p. 17). Para ele, essa falta é decorrente da ausência de apoio político e acadêmico.

A insuficiência de recursos prejudica as pesquisas; nem mesmo os estudos no campo da teleducação (que vinham recebendo um incremento maior que os de outros campos da tecnologia) foram suficientemente financiados. A administração da inovação tecnológica carece, sobretudo, de teorias apropriadas, de canais adequados e de liderança; e esta é mais uma reflexão dos anos 80 a ser lembrada e mantida no presente, para que não se perca no futuro (OLIVEIRA, 1997).

Enquanto isso, a escola, inserida num contexto social que tem uma dinâmica de mudanças mais veloz, sofre sem ter estrutura adequada, ao mesmo tempo em que continua com práticas pedagógicas que resistem às exigências de um novo cenário que

surge, o qual estabelece relacionamentos entre atividades que antes não se comunicavam. Bastos (1996) nos alerta de que

na verdade, as realidades são outras e os sistemas de relações que elas presidem são nitidamente novos. A globalização ou internacionalização deixa de ser palavra para se tornar paradigma do conhecimento sistemático da economia, política, ciência, tecnologia, informação e espaço (BASTOS, 1996, p. 2).

Precisamos ficar atentos à oportunidade e ao desafio de repensar os contextos educacionais abrindo espaço às novas possibilidades tecnológicas.

Para se chegar a um determinado objetivo de ensino, precisamos considerar que os fatos e os espaços das metas educativas estão ligados às novas formas de comunicação, às novas linguagens utilizadas, aos meios empregados para se conseguir, às interações que surgem no contexto em que a ação educativa está ocorrendo.

As inovadoras possibilidades elencadas pelas tecnologias da comunicação e da informação apontam novas dimensões que permitem estruturar contextos educativos mais ricos, variados e complexos.

Nesse contexto, a educação, em todos os níveis, tem que considerar esse novo paradigma emergente e passar a encarar os desafios que surgem, com a introdução, em seus espaços de aprendizagem, dos meios que a tecnologia oferece. Bastos nos alerta para o fato de que

os desafios situam-se na busca de novos conceitos e práticas que irão reformular as dimensões da tecnologia, do papel social do técnico inserido numa sociedade em mutação e do perfil de docentes e alunos que irão atuar num mundo tecnologicamente diferente (BASTOS, 1996, p. 1).

Para absolver tal linha de raciocínio, conforme Bastos (1996, p. 2) “a escola, qualquer que seja sua modalidade, terá que abster-se da formalidade e ser mais flexível”, para não apenas transmitir conhecimentos técnicos e livrescos, mas para gerar conhecimentos a partir das reflexões sobre as práticas inseridas num mundo que age e se organiza diferentemente dos esquemas tradicionais, e que cresce diariamente.

Outro aspecto a ser considerado é no que diz respeito ao recurso tecnológico em si. Qualquer que seja a abordagem metodológica adotada para inserir uma tecnologia nas ações pedagógicas da escola, principalmente no processo ensino-aprendizagem, uma coisa se torna primordial, na concepção de Fagundes, quando diz que

o profissional precisa conhecer os recursos da tecnologia para escolher aqueles que poderão servir a seus claros propósitos práticos e teóricos. Além disso, é preciso dispor, como condição essencial, de um modelo de metodologia para o uso de tais recursos (FAGUNDES, 1996, p. 24).

É preciso também que este profissional fique atento ao fato de que a velocidade da transformação tecnológica que se observa em todo o mundo, onde a escola não

pode ficar de fora, tem sido um dos fatores que têm aumentado a importância da necessidade dos indivíduos desenvolverem a capacidade de aprender novas habilidades, de assimilar novos conceitos, de avaliar novas situações, de lidar com o inesperado.

Os acontecimentos de natureza social e todo o seu contexto devem também ser considerados em qualquer metodologia de ensino. Comentando sobre as exigências desse tempo em que novos paradigmas surgem em todas as atividades, principalmente quando há o envolvimento de novas tecnologias, Bryan (1996) chama a atenção para os saberes e habilidades surgidos nos novos tempos, em consequência do emprego conjunto de novas tecnologias. O autor apresenta como especial relevância, dentre outras, as seguintes competências, saberes e habilidades: Iniciativa e autonomia; cooperação; trabalho em grupo; formação mútua; avaliação; comunicação; capacidade de raciocínio; capacidade para resolução de problemas.

Bryan (1996) fortalece nossa convicção de que existe necessidade de serem diversificadas as possibilidades e formas de agir e aprender com as tecnologias educacionais, abrindo oportunidades para a ação dos indivíduos e a diversificação e transformação nos ambientes de aprendizagem. Tais ambientes requerem novas dinâmicas, propostas, atuações e interações, bem como novas organizações de tempos e espaços, para que os indivíduos possam utilizar as novas mídias para expressarem e desenvolverem suas atitudes particulares e coletivas.

Oliveira (1997) assinala que a tecnologia, seja a que se inclui nos multimeios e, portanto, nos recursos audiovisuais, nos videocassetes, audiocassetes, materiais instrucionais, seja a que se inclui nos meios de comunicação de massa, como os que se empregam na telecomunicação e na radiodifusão, não é sinônimo de busca de excelência ou de qualidade técnica em educação. Ele acredita que a compreensão da tecnologia e da sua contribuição possa se dar no sentido da ampliação de oportunidades de acesso ao conhecimento e da sua atualização por pessoas de diversos segmentos sociais, em diferentes comunidades, através do uso de recursos tecnológicos de comunicação de massa, ou ampliação de recursos didático-pedagógicos de sala de aula, pelo uso de multimeios.

Conforme o pensamento de Oliveira (1997) é necessário refletirmos sobre aspectos importantes para a escolha adequada de uma metodologia de ensino pautada na inovação didática com o uso das tecnologias educacionais. Precisamos ponderar sobre alguns aspectos que podem nortear sobre o que fazer no momento de inserir qualquer Tecnologia da Informação e da Comunicação – TIC – no processo ensino aprendizagem. Esta reflexão não deve ser estanque, mas procurar nortear o que a experiência

vivenciada em alguns projetos já demonstrou, bem como alguma fundamentação de discussões pertinentes de alguns autores.

No contexto atual, torna-se indispensável à capacidade de pensar a realidade criticamente, de conseguir selecionar a informação e de inter-relacionar conhecimentos, principalmente, quando se trata do uso das novas tecnologias.

O docente com visão holística propicia ações que levam à criação, à imaginação e às atividades que promovam a aprendizagem, contemplando o homem como um todo. Com a visão de que a tecnologia está a serviço do homem e pode ser utilizada como ferramenta para facilitar o desenvolvimento de aptidões para atuar como profissional na sociedade do conhecimento, os professores precisam ser críticos para contemplar em sua prática pedagógica o uso da informática, oferecendo os recursos inovadores aos alunos.

Hoje, já se tem a concepção de que a Internet permite a formação de grupos de discussão por meio de chats e fóruns, que possibilitam o acesso de alunos e professores como usuários do sistema para compartilharem informações sobre determinado assunto de interesse comum ou até participando do mesmo projeto, local, nacional ou internacional. Esse processo se amplia com a possibilidade de dialogar com outros usuários do sistema. As conversas na rede desencadeiam processos coletivos em que uns alunos dependem dos outros. As dificuldades, os problemas, as descobertas, as opiniões e as dúvidas podem ser compartilhadas pelo grupo e por outros usuários que queiram colaborar, sugerindo ideias e respondendo às questões postas na rede.

Os bancos de dados, os sistemas especializados, os programas educativos e os recursos de multimídias proporcionam informações e experiências que podem contemplar, enriquecer, instigar os processos de aprendizagem.

Com o auxílio da informática, há possibilidade de propor trabalhos presenciais e semipresenciais, pois ela proporciona o aumento do aproveitamento do tempo, reduzindo a necessidade de deslocamento e a flexibilização dos horários. Os alunos independentemente dos horários em que frequenta a escola, podem continuar as atividades individuais e coletivas pela rede.

Assim, o fato de poder publicar e disponibilizar a produção individual e coletiva do conhecimento dos alunos e do grupo cria um ambiente de atração e estímulo. A publicação dos trabalhos finais na rede gera a possibilidade de expor e defender ideias e estar sujeito a críticas e sugestões.

2.1 PROFESSOR, ALUNO E TECNOLOGIA EDUCACIONAL

O professor necessita tomar ciência de que, seja atuando de forma presencial, semipresencial ou à distância, tem o papel de compreender e aprender a gerenciar várias tecnologias nos ambientes de aprendizagem de forma transparente, inovadora e equilibrada.

O primeiro ambiente diz respeito à sala de aula que deve ser um espaço acolhedor e que sejam utilizadas atividades diversificadas, além de promover idas aos laboratórios disponíveis na escola para pesquisa. Tais atividades tanto podem ser realizadas de forma presencial quanto à distância desde que sejam focadas para favorecer a aprendizagem.

Em outros tempos a única preocupação do professor consistia em trabalhar no espaço da sala de aula. Com a evolução tecnológica a escola ganha uma nova metodologia de ensino com ênfase de trabalhar com o estudante no laboratório (organizando a pesquisa), ou nas pesquisas complementares com o auxílio da Internet (atividades à distância), como também em acompanhamentos a projetos interdisciplinares que faz conexão entre o aluno e sua realidade e a novas maneiras de absolver o conhecimento.

Até o final do século XX o professor atuava, praticamente, apenas dentro do limite da sala de aula. Com a inovação tecnológica, necessita aprimorar sua metodologia com atividades à distância, estar em contato com as conexões digitais e com o mundo.

Um computador e outros recursos tecnológicos no ambiente escolar, juntamente com outros recursos tecnológicos, já fazem parte da realidade do aluno e precisa estar presente na escola para favorecer alternativas variadas de aprendizagens. Mas, diante da nossa realidade, ainda são poucas as escolas com tais recursos, contradizendo assim o discurso presente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (9394/96) de que a educação precisa ter qualidade, boas infraestruturas pedagógicas no quesito novas tecnologias.

Essa infraestrutura deve estar a serviço de mudanças na postura do professor, deixando de ser uma “babá”, de dá tudo pronto, mastigado, para ajudar o aluno, de um lado, na organização do caos informativo, na gestão das contradições dos valores e visões de mundo, enquanto, do outro lado, o professor provoca o aluno, o “desorganiza”, o desinstala, o estimula a mudanças, a não permanecer acomodado na primeira síntese.

Podemos, assim, dizer que o aluno deve ser despido de toda sua ignorância tecnológica e iniciar, passo a passo, seu revestimento intelectual com recursos das Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs, subsidiados pela Internet.

Os novos espaços de atuação do professor e o uso das tecnologias com os alunos podem ser mostrados através de construção de jornais on-line, com notícias relacionadas com o assunto que está sendo tratado em classe. Os alunos podem contribuir com suas próprias pesquisas on-line. Há um campo de possibilidades didáticas até agora pouco desenvolvidas, mesmo nas salas que detêm esses equipamentos (SILVA, 2000).

Precisamos ponderar que as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e tempo, de comunicação audiovisual, e estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estarmos juntos e o estarmos conectados à distância.

O ensino necessita organizar-se numa série de atividades didáticas para ajudar os alunos a compreenderem áreas específicas do conhecimento (ciências, história, matemática). Na educação, o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão de totalidade, considerando, conforme Moran, Masetto e Behensque

educamos aprendendo a integrar em novas sínteses o real e o imaginário; o presente e o passado olhando para o futuro; ciência, arte e técnica; razão e emoção. Nosso desafio maior é caminhar para um ensino e uma educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano. Para isso precisamos de pessoas que façam essa integração em si mesmas no que concerne aos aspectos sensorial, intelectual, ético e tecnológico, que transitem de forma fácil entre o pessoal e o social, que expressem nas suas palavras e ações que estão sempre evoluindo, mudando e avançando (MORAN, MASETTO E BEHRENS, 2012, p. 15).

Os autores acima afirmam que conhecemos mais e melhor conectando, juntando, relacionando, acessando o nosso objeto a partir de vários pontos de vista, por todos os caminhos, integrando-os da forma mais rica possível.

Atualmente, cada vez mais processamos a informação de forma multimídica, juntando pedaços de textos de várias linguagens superpostas simultaneamente, que compõe um mosaico impressionista, na mesma tela, e que se conectam com outras telas multimídicas (MORAN, MASETTO E BEHRENS, 2012, p. 19).

Diante disso, percebemos que a educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. É importante educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos.

No que diz respeito à metodologia à luz das novas tecnologias, é de suma importância que o professor necessita aprender a equilibrar processos de organização e de “provocação” na sala de aula. Isso nos permite registrar que uma das dimensões fundamentais do educador é ajudar a encontrar uma lógica dentro do caos de informações que temos: organizar numa síntese coerente (mesmo que momentânea) das informações dentro de uma área de conhecimento. Compreender é organizar, sistematizar, comparar, avaliar, contextualizar (MORAN, 2004). Uma segunda dimensão pedagógica, conforme também Moran, procura questionar essa compreensão, criar uma tensão para superá-la, para modificá-la, para avançar para novas sínteses, novos momentos e formas de compreensão. Para isso o professor precisa questionar, tencionar, provocar o nível da compreensão existente em seu aluno.

Frente a isso, predomina a organização no planejamento didático quando o professor trabalha com esquemas, aulas expositivas, apostilas, avaliação tradicional. Conforme Moran e Mazetto (2008) o professor que dá tudo mastigado para o aluno, de um lado facilita a compreensão; mas, por outro, transfere para o aluno, como um pacote pronto, o nível de conhecimento de mundo que ele tem. Mas, por outro prisma, predomina a “desorganização” no planejamento didático quando o professor trabalha em cima de experiências, projetos, novos olhares de terceiros: artistas, escritores e outros autores da dinâmica social.

Isso posto, nos faz perceber que ao professor cabe organizar seu espaço escolar com o aluno e não se apoderar, podemos assim dizer, de um projeto de terceiros para implantar em sua sala de aula, principalmente no que diz respeito a aplicação da tecnologia da informação e comunicação na sala. Em qualquer área do conhecimento podemos transitar entre a organização da aprendizagem e a busca de novos desafios sínteses.

Há atividades que facilitam a organização, e outras a superação. Os relatos de experiências diferentes dos componentes de um grupo, uma entrevista polêmica pode desencadear novas questões, expectativas, desejos. Mas, também, há relatos de experiências ou entrevistas que servem para confirmar nossas ideias, nossas sínteses, para reforçar o que já conhecemos. Por exemplo, na utilização do vídeo na escola, Moran (2003) aponta dois momentos ou focos que podem alternar-se e combinar-se equilibradamente:

- 1) Quando o vídeo provoca, sacode, provoca inquietação e serve como abertura para um tema, como uma sacudida para a nossa inércia. Ele age como tensionador, na busca de novos posicionamentos, olhares, sentimentos, ideias e valores. O contato de professores e alunos com bons filmes.
- 2) Quando o vídeo serve para confirmar uma teoria, uma síntese, um olhar específico com o qual já estamos trabalhando. É o vídeo que ilustra, amplia, exemplifica. O vídeo e as outras tecnologias tanto podem ser utilizados para

organizar como para desorganizar o conhecimento. Depende de como e quando os utilizamos. Educar é um processo dialético, quando bem realizado, mas que, em muitas situações concretas, vê-se diluído pelo peso da organização, da massificação, da burocratização, da “rotinização”, que freia o impulso questionador, superador, inovador.

Para a utilização de tais recursos há suporte, haja vista que em quase toda escola existe um videocassete. Entretanto, quando nos transportamos a querer trabalhar construção de vídeos e colocá-los em uma página na Internet da própria escola, isso ainda está distante da realidade da maioria das escolas públicas do país.

Outra atividade importante nesse momento de organização do professor é a capacitação para o uso das tecnologias necessárias para acompanhar o aluno em seus momentos virtuais: conhecer a plataforma virtual, as ferramentas, como se coloca material, como se enviam atividades, como criar um e-mail e uma página na Internet (existem muitos portais que oferecem esse serviço grátis), como se participa num fórum, num chat, tirar dúvidas técnicas.

Exige-se do professor, para isso, o contato com o laboratório, que é fundamental, porque há professores, por incrível que pareça, poucos familiarizados com essas novas tecnologias. Portanto, para que todos tenham uma informação comum sobre as ferramentas, sobre como pesquisar e sobre os materiais virtuais que podemos ter acesso é preciso haver comunicação para explorar a pesquisa individual de temas, experiências, projetos, textos - realizando debates off-line e online sobre esses temas e experiências pesquisadas, com produção, divulgação dos resultados no formato multimídia, hipertextual, “linkada” e publicação de tais resultados para os colegas e para a comunidade externa à escola através de uma produção colaborativa, compartilhada e interativa (MORAN E MAZETTO, 2008).

Recorremos a Silva (2003) e Azevedo (2000), para expressar nossa ideologia de que a Internet favorece a construção colaborativa, o trabalho conjunto entre professores e alunos, próximos física ou virtualmente. Podemos participar de uma pesquisa em tempo real, de um projeto entre vários grupos, de uma investigação sobre um problema da atualidade.

Entendemos, pelo enunciado dos autores acima, que o importante é combinar o que podemos fazer melhor em sala de aula: conhecer-nos, motivar-nos, reencontrar-nos, com o que podemos fazer a distância pela lista de discussão, fórum, chat ou blog – pesquisar, comunicar-nos e divulgar as produções dos professores e dos alunos. Com essa linha de pensamento, percebemos, embasados em Silva (2003) e Azevedo (2000), que nós, educadores, temos que nos preparar e instrumentalizar nossos alunos para enfrentar as exigências dessa nova tecnologia, a Informática, e de todas que estão

a sua volta – a TV, o vídeo, a telefonia celular, os novos processos de editoração, os tutoriais¹, enfim, a telemática, que permitem a professores e alunos desenvolverem ações em parceria, por meio da cooperação e da interação com o contexto, com o meio ambiente e com a cultura circulante.

Trata-se, portanto, de um novo fazer pedagógico fundamentado em um paradigma educacional emergente (MORAES, 1997), o qual coloca uma nova maneira de pensar e (re)pensar a educação por parte do professor. Esta nova maneira de pensar é considerada como um sistema complexo, aberto e flexível, que inter-relaciona conceitos, ideias e teorias (MORIN, 1996) sem uma hierarquia prévia ou entidade fundamental, capaz de criar e recriar nós e ligações, provisórios e transitórios; como em uma rede de ligação (MACHADO, 1995) aberta a novas interconexões propiciada por relações de parceria e reciprocidade (FAZENDA, 1994), na qual o conhecimento encontra-se em movimento contínuo de construção e reconstrução na relação professor-aluno em um novo ambiente educacional emergente de interação escolar.

Portanto, seguindo os preceitos de Moran, Masetto e Behrens (2012) podemos frisar que

O conhecimento se dá fundamentalmente no processo de interação, de comunicação. A informação é o primeiro passo para conhecer. Conhecer é relacionar, integrar, contextualizar, fazer nosso o que vem de fora. Conhecer é saber, é desvendar, é ir além da superfície, do previsível, da exterioridade. Conhecer é aprofundar os níveis de descoberta, é penetrar mais fundo nas coisas, na realidade, no nosso interior. Conhecer é conseguir chegar ao nível da sabedoria, da integração total, da percepção da grande síntese, que se consegue ao comunicar-se com uma nova visão do mundo, das pessoas e com o mergulho profundo no nosso eu (MORAN, MASETTO E BEHRENS, 2012, p. 25).

Para que o professor tenha condições de criar e participar dos ambientes de aprendizagem que possam garantir esse movimento supracitado, é preciso reestruturar seu processo de formação, de modo a assegurar a característica da contínua aquisição do conhecimento através dos recursos digitais existentes, principalmente a Internet. Para que isso ocorra, o professor deve ser preparado para desenvolver competências, motivo pelo qual recorremos a Almeida (1998), que as relacionam:

- Estar aberto a aprender a aprender;
- Atuar a partir de temas emergentes no contexto e de interesse dos alunos;
- Promover o desenvolvimento de projetos cooperativos;
- Assumir atitude de investigador do conhecimento e da aprendizagem do aluno;
- Propiciar a reflexão, a depuração e o pensar sobre o pensar;
- Dominar recursos computacionais;
- Identificar as potencialidades de aplicação desses recursos na prática pedagógica;

1 - Um tutorial é um software no qual a informação é organizada de acordo com uma sequência pedagógica particular e esta informação é apresentada ao estudante seguindo essa sequência, ou o estudante pode escolher a informação que deseja.

Desenvolver um processo de reflexão na prática e sobre a prática, reelaborando continuamente teorias que orientem sua atitude de mediação (ALMEIDA, 1997, p. 67).

Precisamos, com isso, estar cientes que aprendemos quando relacionamos e integramos. Uma parte importante da aprendizagem acontece quando conseguimos integrar todas as tecnologias, as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas, corporais e outras.

É bem verdade que passamos muito rapidamente do livro para a televisão e o vídeo e destes para o computador e a Internet, sem aprender a explorar todas as possibilidades de cada meio comunicacional. De qualquer forma, o professor tem um grande leque de opções metodológicas, de possibilidades de organizar sua comunicação com os alunos, de introduzir um tema, de trabalhar com os alunos presencial e virtualmente, de avaliá-los.

Cada docente pode constatar sua forma mais adequada de integrar as várias tecnologias e os muitos procedimentos metodológicos. Mas, também, é importante que amplie, que aprenda a dominar as formas de comunicação interpessoal/grupal e as de comunicação audiovisual/telemática.

Não se trata de receitas, porque as situações são muito diversificadas. É importante que cada docente encontre sua maneira de sentir-se bem, comunicar-se bem, ensinar bem, ajudar os alunos a aprender melhor. É importante diversificar as formas de dar aula, de realizar atividades, de avaliar e observar, principalmente o nível de interesse do aluno, visto que, conforme Moran, Masetto e Behrens (2012)

aprender depende também do aluno, de que esteja pronto, maduro, para incorporar a real significação que essa informação tem para ele, para incorporá-la vivencialmente, emocionalmente. Enquanto a informação não fizer parte do contexto pessoal – intelectual e emocional – não se tornará verdadeiramente significativa, não será aprendida verdadeiramente. Ajudar o aluno a acreditar em si, a sentir-se seguro, a valorizar-se como pessoa, a aceitar-se plenamente em todas as dimensões da sua vida. Se o aluno acredita em si, será mais fácil trabalhar os limites, a disciplina, o equilíbrio entre direitos e deveres, a dimensão grupal e social (MORAN, MASETTO E BEHRENS, 2012, p. 30).

Para trilhar por esses novos caminhos, o professor necessita, antes de tudo, romper com as práticas tradicionais de educar e avançar em direção a uma ação pedagógica interdisciplinar voltada para a aprendizagem do aluno – sujeito envolvido no processo não somente com o seu potencial cognitivo, mas também com todos os fatores que fazem parte do ser unitário, ou seja, também os fatores afetivos e sociais.

Frente ao exposto, recorremos a Moran, Masetto e Behrens (2012) para expressar que

ensinar com as novas mídias será uma revolução de mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos.

Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial. A internet é um novo meio de comunicação, ainda insipiente, mas que pode nos ajudar a rever, a ampliar e a modificar muitas das formas atuais de ensinar e aprender (MORAN, MASETTO E BEHRENS, 2012, p. 63).

Percebemos, assim, com fundamentação em Almeida (1998), que a formação do professor não pode ser dissociada da atuação, sem se limitar à dimensão pedagógica ou a uma reunião de teorias e técnicas.

A formação e a atuação do professor para o uso da Informática na Educação e a promoção da inclusão digital do aluno é um processo que inter-relaciona o domínio dos recursos tecnológicos com a ação pedagógica e com os conhecimentos teóricos necessários para refletir, compreender e transformar essa ação.

Pelo enunciado, nota-se que, quando o professor incorpora os recursos tecnológicos à sua prática, atua como agente de mudanças, valorizando os interesses e necessidades de seus alunos ao utilizar como ponto de partida de trabalho pedagógico os conhecimentos cotidianos no contexto, os quais são trabalhados com o uso de todos os meios tecnológico disponíveis, destacando-se a Informática, em busca de desenvolver uma educação emancipatória.

Na dimensão educacional, a escola foi e sempre será, cada vez mais, um ponto de partida e de chegada, um espaço importante, mas que se combina com outros espaços e segmentos sociais para ampliar as possibilidades de atividades de aprendizagem.

Para se vislumbrar uma sala de aula voltada à educação de qualidade, é preciso fundamentalmente de professores bem preparados, motivados e bem remunerados e com formação pedagógica atualizada – esse discurso é histórico e incontestável. Precisa também de salas confortáveis, com boa acústica e tecnologias, das simples até as sofisticadas.

Uma sala de aula hoje precisa ter acesso fácil ao vídeo, DVD e, no mínimo, um ponto de Internet, para acesso a sites em tempo real pelo professor ou pelos alunos, quando necessário. Pode-se dizer com isso que estamos fazendo poesia quando nos remetemos à qualidade da educação pública, principalmente no que se refere à infraestrutura.

Com essa argumentação, percebemos, enquanto educador, que uma das reclamações generalizadas de instituições de ensino é a de que os alunos não aguentam mais a forma de ministrar aulas na escola atual. Os alunos reclamam o tempo todo de ficar ouvindo um professor falando na frente por horas, da rigidez dos horários, da distância entre o conteúdo das aulas e realidade de suas vidas, como se o que estão “aprendendo” estivesse aquém do mundo ao qual pertencem. Enquanto isso, não vê

à hora de terminar a aula para ligar seus aparelhos eletrônicos e manter suas relações virtuais com a linguagem digital.

A escola precisa vislumbrar para o fato de que a ampliação dos espaços de ensino-aprendizagem ganha nova dimensão com a linguagem. Colocam-se tecnologias nas escolas, mas, em geral, para continuar fazendo o de sempre – o professor falando e o aluno ouvindo – como um verniz de modernidade. É necessário, com isso, fazer com que as tecnologias sejam utilizadas de forma mais construtiva, não apenas como um recurso para ilustrar o conteúdo do professor, mas para criar novos desafios didáticos.

Na atual sociedade da informação, todos precisamos reaprender a conhecer, a comunicar-nos, a ensinar; reaprender a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social (MORAN, MASETTO E BEHRENS, 2012).

Nesse mundo tecnológico precisamos nos tornar pessoas abertas, sensíveis, humanas, que valorizem mais a busca que o resultado pronto, o estímulo que a repreensão, o apoio que a crítica, capazes de estabelecermos formas democráticas de pesquisa e de comunicação, que desenvolvam formas de comunicação autêntica, abertas, confiantes.

Para tanto,

faremos com as tecnologias mais avançadas o mesmo que fazemos conosco, com os outros, com a vida. Se somos pessoas abertas, iremos utilizá-las para nos comunicar mais, para interagirmos melhor (MORAN, MASETTO E BEHRENS, 2012, p. 63).

Não podemos negar que as transformações econômicas, políticas e sociais pelas quais o mundo vem passando são reais e sem retorno. O mundo tem sido desafiado a ser testemunha de duas transições importantes que afetam profundamente a sociedade: o advento da sociedade do conhecimento e a globalização.

É notório o acúmulo da informação em todos os domínios da sociedade, com um verdadeiro potencial de armazenamento, gerando a necessidade das pessoas a aprenderem a acessar as informações. O acesso ao conhecimento e, em especial, à rede informatizada desafia o professor a inserir em suas práticas essa nova metodologia de trabalho para atender às exigências da sociedade.

Diante desse pensamento, verificamos que o docente necessita servir-se, além do material impresso, também da informática como instrumento de sua prática pedagógica, tendo consciência de que a lógica do consumo não pode ultrapassar a lógica da produção do conhecimento. Nessa ótica, o computador e a rede devem estar a serviço da escola e da aprendizagem (MORAN, MASETTO E BEHRENS, 2012, p. 75).

O professor, perante o pensamento dos autores acima, precisa se manter atento para o fato de que, ao propor uma metodologia inovadora, é importante também levar em consideração que a tecnologia digital possibilita o acesso ao mundo globalizado e à rede de informação disponível em todo o universo. A sala de aula passa a ser um local privilegiado como ponto de encontro para acessar o conhecimento, que pode acontecer através da interação entre professores, do professor com o aluno, dos alunos entre si, e entre os alunos e professores envolvendo os usuários da rede, propiciando, com isso, a inserção no universo mundial da informação.

Nunca podemos esquecer nesse mundo globalizado, que derruba barreiras de tempo e espaço, que o acesso à tecnologia exige atitude crítica e inovadora, possibilitando o relacionamento com a sociedade como um todo. O desafio por criar e permitir uma nova ação docente na qual o professor e alunos participam de um processo conjunto para aprender de forma criativa, dinâmica, encorajadora e que tenha como essência o diálogo e a descoberta (MORAN, MASETTO E BEHRENS, 2012, p. 78).

Os autores supracitados colocam que o aprendiz, quando movido pela dúvida, encontra o prazer da descoberta, da investigação e da pesquisa. Nesse processo de aprender a aprender, segundo Cunha (1996, p. 32), citado por Moran, Masetto e Behrens (2012) propõe um ensino baseado em procedimentos que:

Enfoca o conhecimento a partir da localização histórica de uma produção e o percebe como provisório e relativo.

Estimula a análise, a capacidade de compor e recompor dados, informações, argumentos e ideias.

Valoriza a curiosidade, o questionamento existente e a incerteza.

Percebe o conhecimento de forma interdisciplinar, propondo pontos de relações entre eles e atribuindo significados próprios aos conteúdos, em função dos objetivos acadêmicos.

Entende a pesquisa como instrumento de ensino e a extensão como ponto de partida e de chegada da apreensão da realidade (MORAN, MASETTO E BEHRENS, 2012, p. 89).

A utilização da WEB enfatiza, de maneira geral, como percebemos no enunciado acima, informações organizadas, como Gadotti (1999, p. 6), apud Moran, Masetto e Behrens (2012) esclarecem, colocando que

o grande diferencial da Internet num futuro próximo estará no uso intensivo do hipertexto e da hipermídia. O hipertexto introduziu uma nova linguagem na educação. O texto linear, isto é, construído, organizado, “tecido” a partir de uma sequência de “linhas” que permitem “saídas” ou “links”, elos de ligação com outros textos, imagens, sons, etc. A Internet é essencialmente uma aplicação desta linguagem do hipertexto e principalmente do uso de diversas mídias (hipermídias). Com essa nova linguagem podemos navegar pelo assunto tratado, nos detendo no que mais nos interessa, aprofundando o que nos convém (MORAN, MASETTO E BEHRENS, 2012, pp. 115-116).

Não podemos negar a importância do material impresso, mas a Internet, hoje, se afigura como um grande recurso de aprendizagem múltipla, visto que, aprende-se a ler, a buscar informações, a pesquisar, a comparar dados, a analisá-los, a criticá-los e organizá-los.

Ainda, com fundamento em Moran, Masetto e Behrens (2012), devemos entender que é importante não nos esquecermos de que a tecnologia possui um valor relativo: ela somente terá importância se for adequada para facilitar o alcance dos objetivos e se for eficiente para esse fim. As técnicas não se justificam por si mesmas, mas pelos objetivos que se pretenda que elas alcancem que, no caso em estudo nesse trabalho, consiste na aprendizagem.

Mesmo diante de toda resistência por parte de alguns educadores, podemos afirmar que o chat ou bate-papo on-line funciona como uma técnica de brainstorming² eficiente na aprendizagem.

Precisamos, enquanto professores, desenvolver habilidades para utilizar e explorar esse novo recurso tecnológico com criatividade, valores éticos, políticos e sociais na consideração dos fatos e fenômenos que chegam aos nossos conhecimentos de toda a parte do mundo. Autoaprendizagem e Interaprendizagem (com os outros, com o mundo e suas realidades, e seu contexto) (MORAN, MASETTO E BEHRENS, 2012, p. 161).

Diante das informações acima, precisamos repensar todo o processo, reaprender a ensinar, a estar com os alunos, a orientar atividades, a definir o que vale a pena fazer para aprender, juntos ou separados. Abrem-se novos campos na educação on-line, pela Internet, principalmente na educação à distância. Mas também na educação presencial a chegada da Internet está trazendo novos desafios para a sala de aula, tanto tecnológicos como pedagógicos. As tecnologias sozinhas não mudam a escola, mas trazem inúmeras possibilidades de apoio ao professor e de interação com e entre os alunos (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2003).

Enfim, os professores e os alunos podem utilizar as tecnologias da informação para estimular o acesso à informação e à aquisição individual e coletiva do conhecimento, favorecendo processos para aumentar a interação entre eles. A rede informatizada cria a possibilidade de exposição e de disponibilização das pesquisas dos alunos,

2 - **Brainstorming** significa tempestade cerebral ou tempestade de ideias. É uma expressão inglesa formada pela junção das palavras "brain", que significa cérebro, intelecto e "storm", que significa tempestade. Brainstorming é um **método** criado nos Estados Unidos, pelo publicitário Alex Osborn, usado para **testar e explorar a capacidade criativa** de indivíduos ou grupos, principalmente nas áreas de relações humanas, dinâmicas de grupo e publicidade e propaganda. A técnica de *brainstorming* propõe que um grupo de pessoas se reúna e utilize seus pensamentos e ideias para que possam chegar a um denominador comum, a fim de gerar ideias inovadoras que levem um determinado projeto adiante. Nenhuma ideia deve ser descartada ou julgada como errada ou absurda, todas devem estar na compilação ou anotação de todas as ideias ocorridas no processo, para depois evoluir até a solução final. Fonte: <http://www.significados.com.br/brainstorming/>

de maneira mais atrativa e produtiva, através da demonstração e da vivência de simulação por textos e imagens, facilitando a discernimento e o envolvimento dos alunos com problemas reais da sociedade.

2.2 LEITURA E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) trata-se de uma prova aplicada pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) com a intenção de medir o nível de habilidades de estudantes de diferentes países em três áreas do conhecimento: matemática, leitura e ciência. O exame acontece de forma trienal com alunos(as) na faixa etária dos 15 anos. O Brasil, apesar de não ser um país-membro da OCDE, participa do Pisa desde 2000. Apesar da evolução dos países nas últimas edições, os alunos brasileiros ainda estão em posição crítica, pois dos 65 países avaliados, o Brasil ficou na posição 55 no ranking do Pisa, conforme vemos no quadro seguinte:

Quadro 1 Desempenho dos estudantes em leitura no ano 2012 - PISA	
1. <u>Xangai (China)</u> 570 pontos	34. Israel 486 pontos
2. Hong Kong (China) 545 pontos	35. Croácia 485 pontos
3. Cingapura 542 pontos	36. Suécia 483 pontos
4. Japão 538 pontos	37. Islândia 483 pontos
5. Coreia 536 pontos	38. Eslovênia 481 pontos
6. Finlândia 524 pontos	39. Lituânia 477 pontos
7. Canadá 523 pontos	40. Grécia 477 pontos
8. República da China 523 pontos	41. Rússia 475 pontos
9. Irlanda 523 pontos	42. Turquia 475 pontos
10. Polônia 518 pontos	43. Eslováquia 463 pontos
11. Estônia 516 pontos	44. Chipre 449 pontos
12. <u>Liechtenstein</u> 516 pontos	45. Sérvia 446 pontos
13. Austrália 512 pontos	46. Emirados Árabes 442 pontos
14. Nova Zelândia 512 pontos	47. Chile 441 pontos
15. Holanda 511 pontos	48. Tailândia 441 pontos
16. Macau (China) 509 pontos	49. <u>Costa Rica</u> 441 pontos
17. Suíça 509 pontos	50. Romênia 438 pontos
18. Bélgica 509 pontos	51. Bulgária 436 pontos
19. Vietnã 508 pontos	52. México 424 pontos
20. Alemanha 508 pontos	53. <u>Montenegro</u> 422 pontos
21. França 505 pontos	54. Uruguai 411 pontos
22. Noruega 504 pontos	55. Brasil 410 pontos
23. Reino Unido 499 pontos	56. Tunísia 404 pontos
24. Estados Unidos 498 pontos	57. Colômbia 403 pontos
25. Dinamarca 496 pontos	58. Jordânia 399 pontos
26. República Checa 493 pontos	59. Malásia 398 pontos
27. Áustria 490 pontos	60. Argentina 396 pontos
28. Itália 490 pontos	61. Indonésia 396 pontos
29. Letônia 489 pontos	62. Albânia 394 pontos
30. Espanha 488 pontos	63. <u>Cazaquistão</u> 393 pontos
31. Hungria 488 pontos	64. Catar 388 pontos
32. Luxemburgo 488 pontos	65. Peru 384 pontos
33. Portugal 488 pontos	

Fonte: <http://www.ebc.com.br/educacao/2013/12/ranking-do-pisa-2012#leitura>

Diante desse quadro preocupante a escola precisa elencar iniciativas para promover o gosto pela leitura através da pedagogia de projetos, de forma interdisciplinar. Em visita às redes sociais percebemos o quanto a escrita dos internautas revela o nível do aprendizado e escolarização em leitura, pois é comum percebermos o grau de analfabetismo funcional através dos erros ortográficos os mais rudimentares.

A escola é responsável pelo acompanhamento da aprendizagem, o incentivo à leitura, mas a família é a grande responsável pela educação e, infelizmente, essa instituição está a cada dia mais afastada das tarefas educativas dos filhos, deixando tudo por conta da escola. Essa parceria precisa estabelecer novos planos de ação para a formação de leitores.

Com o advento da tecnologia computacional, as crianças cedo têm acesso ao mundo virtual, em especial as redes sociais. Muitos pais de família não orientam os filhos para uma navegação segura. A escola ainda não acordou para o fato de que seus alunos estão invadindo o mundo virtual e tendo acesso a outros tipos de informação do que somente às informações do livro didático. É necessário, portanto, que a escola e a família direcionem as crianças e os adolescentes para o mundo dos hipertextos³ e, assim, eles possam ter acesso a um mundo variado de leitura, mais proveitosa, que exerça pontos positivos em seus crescimentos intelectuais.

Além dos inúmeros paradidáticos que as escolas públicas dispõem para trabalhar a leitura com os alunos, precisamos também, muito mais do que expor uma simples enumeração de vantagens e problemas em relação à falta de leitura, com urgência, utilizar o argumento de uma reflexão sobre o hipertexto, hoje tão presente nas novas tecnologias, o qual se apresenta não só como uma nova forma de produção e transmissão cultural, mas também de escrita e leitura, afigurando-se como uma poderosa ferramenta para se repensar alguns aspectos da própria educação.

Se há dificuldade em se trabalhar a leitura em sala de aula, como é discurso de alguns professores, existe a possibilidade de se integrar as tecnologias para incentivar a leitura por meio, por exemplo, do computador e sua ramificação de links que conduzem a inúmeras possibilidades de se explorar um assunto de várias formas e sobre a percepção de outras pessoas.

O contato do aluno com as tecnologias educacionais mais aplicadas com finalidades didáticas como os livros didáticos, os retroprojetores, a televisão, os aparelhos de vídeo, e a integração destas com as novas tecnologias, como o computador e a internet

³Significado de Hipertexto: sm. Texto ou conjunto de textos cuja organização permite a escolha de diversos caminhos de leitura por meio de remissões que os vinculam a outros textos ou blocos de texto. Texto ou conjunto de textos disponíveis em mídia eletrônica e acessados por computador, organizados de modo que se possa percorrê-los por meio de links, ou por relação entre elementos correlatos, e não só sequencialmente. Fonte: <http://www.dicionarioweb.com.br/hipertexto/>

podem ser explorados para incentivar o gosto pela leitura, conforme apresentamos no estudo de caso desse projeto em estudo – a integração de tecnologias para favorecer a aprendizagem de forma interdisciplinar.

Com essa visão de contribuir com esse novo paradigma emergente no mundo educacional no tocante ao uso e integração de velhas e novas tecnologias, é imperativo pensar-se em construir um novo educando a escola necessita, cada vez mais, empregar meios que priorize e facilite a aprendizagem.

Na perspectiva de ofertar uma aprendizagem significativa para os alunos e alunas, para que estes sejam vistos como elementos ativos da construção de seus conhecimentos, a professora as interações simbólicas, impregnadas de significados, a partir da perspectiva do interacionismo simbólico de Goffman, entendido como meio de desenvolvimento pessoal dos indivíduos e processo pelo qual estes se associam entre si (RIBEIRO, 1986).

Enfatizamos que deve vir do professor a promoção de uma aprendizagem para os alunos de maneira que estes tenham condições de construir o conhecimento estando em um ambiente que crie desafios e que os motivem para a “exploração, a reflexão, a depuração de ideias e a descoberta”. Frente a isso, para que o professor possa ter um bom desempenho, ele precisa conhecer as potencialidades, limites e condições de seus alunos, considerando suas experiências anteriores. Junto a isso, o professor precisa criar situações para usar os novos recursos tecnológicos como instrumento capaz de favorecer a cultura educativa, para mediar no aluno o “pensar-com e o pensar-sobre-o-pensar”, tentando identificar os níveis de desenvolvimento dos seus alunos e seus estilos de pensar as novas formas de se aprender (RIBEIRO, 1986).

O professor Moran (2000), em suas pesquisas, registra que devemos insistir na necessidade de viabilizar o acesso assíduo e personalizado para professores e alunos às novas tecnologias, salientando que as salas de aulas estejam conectadas, que existam salas adequadas para as pesquisas, bem como laboratórios bem equipados, garantindo que os professores e os alunos e as alunas tenham facilidade de acessar as plataformas de aprendizagem, como também a aquisição de computadores pessoais.

Colocamos ainda que, outro aspecto relevante é que a escola precisa colocar em seu projeto pedagógico formas de diminuir a distância entre o real e o virtual para acompanhar a revolução tecnológica e a sociedade precisa se preparar para incluir os que tem poder aquisitivo para ter seus próprios recursos (computador conectado à Internet) com os que não podem dispor de recursos financeiros para ter acesso a informação (RIBEIRO, 1986).

Com o constante crescimento da necessidade de integrar educação presencial com educação a distância (EaD), evidencia-se a emergência de elaborarmos pesquisas abordando esse novo contexto educacional, analisando como fica a postura e a visão escolar e dos próprios alunos e alunas como se dá a formação da identidade dos sujeitos. Essa nova modalidade de ensino precisa ser explorada para criar fundamentação teórica no estudo desse novo cenário que mobiliza uma grande quantidade de pessoas que buscam elevar seu nível de conhecimento nesse momento histórico tão relevante, conforme Moram (2000), o uso e domínio de ferramentas tecnológicas nos ambientes virtuais de aprendizagem.

2.2.1 Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita

Sabemos que perante a Lei, o estado brasileiro é obrigado a garantir escolaridade gratuita às crianças menores de 14 anos, e dentre as muitas habilidades cultivadas na escola, ganha destaque o ensino da leitura e da escrita.

Hoje, mais do que nunca, ler e escrever passou a ser uma necessidade do dia a dia. Tanto é que a lei orienta o Estado a garantir escola para todas as camadas. E sabendo ler e escrever, um mundo de possibilidades se abre diante de todos, pelo menos é isso que se escuta diariamente nas dinâmicas sociais.

A linguagem escrita foi e continua sendo desenvolvida pela sociedade para responder a diversas necessidades sociais, culturais, econômicas e políticas.

Nas sociedades letradas, a leitura e a escrita têm sido definidas como instrumentos básicos para o ingresso e a participação dos indivíduos, tornando-se, portanto, formadoras dos sujeitos pertencentes a esta, e assim imprescindível para a socialização destes. Sobre isto Cocco afirma que

estas (a leitura e a escrita) são ferramentas para a compreensão e a realização da comunicação do homem na sociedade contemporânea e a chave para apropriação dos saberes já conquistados pela humanidade. (...) o homem se torna um ser global simbólico, social, um cidadão inserido na civilização moderna, com perfeito domínio dos símbolos da comunicação humana (CÓCCO, 1995, p. 2).

Desta forma, percebemos que se tornou imprescindível à aquisição da leitura e escrita pelo homem, visto que a sociedade tem se desenvolvido aceleradamente e a imposição da qualificação do sujeito tem sido cada vez mais necessária, principalmente a do professor.

Em sua função de mediador, o professor é peça fundamental no desencadeamento do processo de desenvolvimento do aluno no tocante à superação das dificuldades de leitura e escrita, pois é dele o papel de estimular as trocas verbais entre todos os participantes do processo de ensino e, com isso, proporcionar às condições necessárias

ao desenvolvimento das funções psicointelectuais superiores dos alunos, as quais aparecem, segundo Vygotsky (1988), duas vezes no curso desse desenvolvimento, a saber:

A primeira vez, nas atividades coletivas, nas atividades sociais, ou seja, como funções interpessoais; a segunda, nas atividades individuais, como propriedades internas do pensamento (...) como funções intrapessoais (VYGOTSKY, 1988, p. 114).

Sob esse prisma, o trabalho docente deve ser organizado de modo a envolver o aluno em situações que possibilite o interesse pela leitura e escrita, com uma posterior reflexão sobre o material que se lê ou escreve, entendendo essa iniciativa como um momento em que o material escrito está sob questionamento, coletivo ou individual, em qualquer um dos níveis de sua organização e em qualquer das duas situações já consideradas acima.

No plano da leitura, instigar o aluno sobre o texto requer muito mais que apenas ler e responder a questões escritas sobre o material lido; os alunos precisam ser motivados a fazerem eles mesmos, com a ajuda e interferência do professor, seus próprios textos, as produções e os questionamentos acerca dos elementos que envolvem a compreensão global do texto, desde os mais amplos como o contexto em que foi escrito, autoria, destinação, estruturação, até os mais específicos que configuram a organização textual com coesão e coerência, incluindo também, isso é de suma importância, a exploração das entrelinhas contidas na mensagem do texto.

Quanto à escrita, o processo de aquisição requer que os alunos sejam orientados a criar a sua própria produção, para, em seguida, mediante confrontações com os textos de seus pares e com outros textos, previamente selecionados para essa tarefa, fazer as necessárias intervenções no texto que escreve. Desta perspectiva, os alunos experimentam um processo de ação coletiva que lhes possibilita, num primeiro momento, lançar mão de seus conhecimentos prévios para produzir seu texto; em seguida, pelas leituras, análises e confrontações que faz dos textos lidos com sua própria produção, em interação com os demais alunos e com o professor, refletir acerca da adequação de seu texto à situação de comunicação em que se insere e às exigências linguísticas próprias do texto que escreve, para fazer nele as alterações que forem necessárias ao longo do processo e, finalmente, chegar à escrita definitiva do texto (VYGOTSKY, 1988).

É preciso, antes de qualquer iniciativa para melhorar a leitura e a escrita do aluno, que o professor faça uma auto avaliação de sua prática, visto que é muito comum ainda a concentração do processo de ensino fortemente centrado no educador, que comanda todas as ações: que faz as perguntas, que dá as respostas, que corrige, que passa lições na lousa, que toma a leitura, que informa, enfim, que deixa muito pouco espaço para o diálogo, para a reflexão, a discussão e a tomada de decisões coletivas. Diante disto, afirmamos que, em um contexto onde não há espaço para a realização de

atividades de reflexão sobre textos, também não pode haver aproveitamento por parte do aluno, no que se refere ao seu crescimento em leitura e escrita.

Para que haja esse processo de forma correta, a partir do ponto de vista do sujeito que aprende, é necessário que se propicie o convívio do indivíduo com um vasto material que envolva leitura e escrita espontânea, desde as velhas às novas tecnologias (livros, computadores) sem que haja censuras quanto ao “certo” e “errado”.

Comumente se considera a aprendizagem da leitura e da escrita como um processo de aprendizagem escolar, de tal forma que se torna difícil reconhecer-se que seu desenvolvimento começa muito antes da escolaridade.

Sobre essa ótica, Cagliari (1997) critica a escola pelo fato dela agir sem considerar a ralação das pessoas como o meio social, partindo do princípio de que elas não tiveram um passado, não acumularam conhecimentos de habilidades.

É necessário privilegiar um modelo que permita aos(as) alunos(as) fazerem tentativas, experimentações e descobertas próprias (Cagliari, 1989), tendo como pano de fundo a ideia de Vygotsky (1988), de que a aprendizagem na escola tem uma pré-história, e não pode deixar de considerar os conhecimentos que o ser humano detém ao entrar na escola.

Cagliari (1994) explica que, a maioria das escolas não apresenta o seu aprendizado da escrita como faz o da fala. Ela não tem liberdade para tentar, perguntar, errar, comparar, corrigir, tudo deve ser feito “certinho”, desde o primeiro dia de aula.

É necessário que a escola reveja sua posição mediante a oralidade e a escrita e considere o processo evolutivo da produção da linguagem vivida pelo indivíduo, evitando assim entender que, não saber escrever convencionalmente equivale a não saber escrever.

Para que isso aconteça, torna-se imprescindível que o(a) professor(a) compreenda que não é o(a) dono(a) do saber, mas um pesquisador(a), responsável pelo processo de um ensino-aprendizagem e, de forma geral, deve ser elemento fundamental que transforme esta aprendizagem numa construção prazerosa e vinculada com a realidade – uma aprendizagem equilibradora, provocadora com situações problemas capazes de vencer conflitos cognitivos, através uma ação democrática e sistematizada do ensino-aprendizagem.





CAPÍTULO 3

INTERDISCIPLINARIDADE, FORMAÇÃO DO PROFESSOR E NOVAS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

A formação do professor, no que se refere às inovações curriculares proposta com o uso integrado das tecnologias educacionais, conforme o nosso entendimento, deve abordar competências variadas disciplinares para exercer práticas de interdisciplinaridade.

Nesse sentido, a formação deve ser conjugada dentro de princípio que contemplem o desenvolvimento de diferentes dimensões, visões e áreas cognitivas do professor, possibilitando com isso que ele desenvolva não apenas o domínio de determinadas áreas do conhecimento, ou que apreenda um determinado conjunto de estratégias de integração das disciplinas, mas que detenha uma base de formação com o conhecimento interligado de forma global.

A formação, na perspectiva das inovações curriculares para mediar às aulas com uso das tecnologias, precisa contemplar uma revisão do professor em sua visão de mundo em relação à disciplina que está lecionando, sem perder de vista os enunciados das demais disciplinas do currículo escolar. Em síntese, o professor precisa ser um eterno aprendiz, cultivando sempre em seu campo de ação docente o avanço em auto-conhecimento e na troca de experiência com seus pares.

Com essa postura de construção e reconstrução do conhecimento, o professor deve se colocar como ente em constante formação, para que a interdisciplinaridade se afigure como um mecanismo sempre em movimento em direção às transformações mais amplas em sua relação com o aluno. Dentro dessa concepção, notamos que a formação para a interdisciplinaridade depende dos avanços do professor no que se denominam de *aprender a conhecer* para facilitar sua prática interdisciplinar (LENOIR, 1997).

Diante esse pensamento, entendemos que a interdisciplinaridade é uma atitude a ser exercida diariamente e este aprender deve, necessariamente, englobar experiências ativas de interdisciplinaridade. Até por questão de congruência, conforme já proposto por Lenoir (1997), a formação para a interdisciplinaridade deve envolver a experiência direta de interdisciplinaridade que, inevitavelmente, estará englobando aspectos do aprender a conhecer, fazer e interagir de um modo interdisciplinar.

Nessa perspectiva, devemos conceber que a formação do professor de uma determinada disciplina, perante as tecnologias educacionais dentro das inovações curriculares, com ênfase na interdisciplinaridade, deve implicar uma profunda interligação social entre os professores das demais áreas do conhecimento e outros conhecimentos, considerando que ensinar, afinal, como já foi bem pontuado por Freire (1996), requer a disposição para o diálogo.

Esse diálogo precisa acontecer entre professores das diversas disciplinas. No final da década de 60, a interdisciplinaridade chegou ao Brasil e logo exerceu influência na elaboração da Lei de Diretrizes e Bases Nº 5.692/71. Desde essa época, a presença desse documento no cenário educacional brasileiro tenta de inserir nos currículos, principalmente depois da promulgação da nova LDB Nº 9.394/96 e com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Somente a partir de 1996, com a criação da atual LDB, é que se tem na legislação a condição da flexibilidade e do atendimento às peculiaridades de cada instituição educacional de forma a se fazer a prática escolar com a interação das disciplinas. E trata de forma ampla a formação do professor para que este se adapte às inovações curriculares.

Dentre às novas propostas curriculares está à interdisciplinaridade de conhecimentos, conteúdos e saberes na formação docente e prática profissional na escola.

A interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos do conhecimento produzida por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles, visto que questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente, se constituiu. Desta forma interdisciplinaridade, refere-se a uma relação entre disciplinas e outros conhecimentos.

Na proposição de uma visão orgânica do conhecimento, a título de facilitar o desenvolvimento intelectual, social e afetivo mais completo e integrado, as disciplinas devem ser didaticamente solidárias, buscando entre si interações que proporcionem uma compreensão mais ampla da realidade.

É preciso acreditar e apostar que a interdisciplinaridade significa defender um novo tipo de pessoa, mais aberta, flexível, solidária, democrática e crítica e, principalmente, participativa. O mundo atual precisa de pessoas com a formação cada vez mais polivalente para enfrentar uma sociedade na qual a palavra mudança é um vocábulo mais frequente, onde o futuro tem um grau de imprevisibilidade como nunca em outra época na história da humanidade e, em especial, da educação.

Diante deste trabalho de pesquisa percebemos nas leituras que realizamos para aprofundamento teórico, a extrema relevância de o professor reestruturar seus estudos com base em Morin (2001), enriquecendo suas práxis docentes com base nos sete saberes necessários à educação do futuro:

- I as cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão;
- II os princípios do conhecimento pertinente;
- III ensinar a condição humana;
- IV ensinar a identidade terrena;

- V enfrentar as incertezas;
- VI ensinar a compreensão;
- VII a ética do gênero humano.

Com o estudo cuidadoso e a isenção desses sete saberes em sua prática curricular, de forma interdisciplinar, o professor se tornará um possuidor das chaves que abrirão as portas de um futuro melhor para a educação.

I - As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão

É impressionante que a educação que visa a transmitir conhecimentos seja cega ao que é conhecimento humano, seus dispositivos, enfermidades, dificuldades, tendências ao erro e à ilusão e não se preocupe em fazer conhecer o que é conhecer. Faz-se necessário introduzir e desenvolver na educação estudo das características cerebrais, mentais, culturais dos conhecimentos humanos, de seus processos e modalidades, das disposições tanto psíquicas quanto culturais que o conduzem ao erro ou à ilusão (MORIN, 2001).

II - Os princípios do conhecimento pertinente

Existe um problema capital, sempre ignorado, que é o da necessidade de promover o conhecimento capaz de aprender problemas globais e fundamentais para neles inserir os conhecimentos parciais e locais (MORIN, 2001).

III - Ensinar a condição humana

O ser humano é a um só tempo, físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Enraizamento/desenvolvimento do ser humano. O homem é um ser a um só tempo plenamente biológico e plenamente cultural (MORIN, 2001).

IV - Ensinar a identidade terrena

Convém ensinar a história da era planetária, que se inicia com o estabelecimento da comunicação entre todos os continentes e mostrar como todas as partes do mundo se tornaram solidárias, sem, contudo, ocultar as opressões e a dominação que devastaram a humanidade e que ainda não desapareceram (MORIN, 2001).

V - Enfrentar as incertezas

Será preciso ensinar princípios de estratégia que permitiriam enfrentar os imprevistos, o inesperado e a incerteza, e modificar seu desenvolvimento em virtude das informações adquiridas ao longo do tempo (MORIN, 2001).

VI - Ensinar a compreensão

A compreensão é a um só tempo meio e fim da comunicação humana. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensão mútua (MORIN, 2001).

VII - A ética do gênero humano

A ética não poderia ser ensinada por meio de lições de moral. Deve formar-se nas mentes com base na consciência de que o humano é, ao mesmo tempo, indivíduo, parte da sociedade, parte da espécie (MORIN, 2001).

Concluindo as considerações no tocante à formação do professor, acrescentamos que um dos maiores desafios da escola na atualidade diz respeito em pensar uma formação que possibilite superar as orientações teóricas e as práticas que já estão concretizadas em um modelo pronto, as quais, em muitos casos, mostram-se equivocadas, com propostas arcaicas, desvirtuadas dos sujeitos/alunos, dos professores e das escolas, no que concerne a nova proposta de se trabalhar a interdisciplinaridade no âmbito escolar, principalmente na integração de tecnologias, novas e velhas, no contexto escolar.

Quando falamos em formação do professor estamos nos referindo, principalmente, na formação para esse profissional conhecer todos os recursos tecnológicos disponíveis na atualidade, principalmente o manuseio das redes e softwares educacionais como, por exemplo, a Plataforma Moodle.

3.1 A PLATAFORMA MOODLE

A palavra Moodle referia-se originalmente ao acrônimo: *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment* (...). Em inglês a palavra Moodle é também um verbo que descreve a ação que, com frequência, conduz a resultados criativos, de deambular com preguiça, enquanto se faz com gosto o que for aparecendo para fazer, pode ler-se num dos documentos sobre o Moodle, no próprio sítio de apoio à comunidade de utilizadores da plataforma¹.

O nome Moodle é um acrônimo do termo *Modular Object-Oriented Developmental Learning Environment* e é um sistema de gestão de cursos (*Course Management System - CMS*) através da Internet. Uma das suas principais vantagens é ser open source, ou seja, possui código aberto, permitindo que qualquer utilizador com conhecimentos de programação modifique e adapte o ambiente de acordo com as suas próprias necessidades.

O Moodle pode ser instalado sem nenhum custo em muitos servidores. Como possui código aberto não há custos de manutenção nem é necessário pagar por atua-

lizações. Ninguém pode forçar o usuário a fazer atualizações, comprar ferramentas que não deseja ou determinar quantos utilizadores deverá possuir, o professor gera a Plataforma de acordo com as suas necessidades, registra Alves e Brito (2005).

Hoje em dia esta plataforma é largamente utilizada em todo o mundo por universidades, comunidades, escolas, instrutores de cursos, professores e até mesmo empresas. Este sistema foi desenvolvido por Martin Dougiamas que, graças à sua formação tanto em educação como em computação, conseguiu desenvolver uma ferramenta com características tecnológicas e pedagógicas satisfatórias. Conquistou utilizadores e desenvolvedores, que hoje trabalham em forma de comunidades colaborativas para incluir cada vez mais funcionalidades no Moodle (ALVES E BRITO, 2005).

O grande sucesso do Moodle também se deve ao fato do sistema ter seu código disponibilizado para que desenvolvedores em várias partes do mundo contribuam com novas aplicações para o programa, fazendo com que o sistema seja hoje um dos mais utilizados em cursos na modalidade à distância (SILVA, ET AL, 2006).

O público alvo do Moodle são professores, responsáveis pelas áreas de treinamento e desenvolvimento de empresas, escolas e organizações públicas, equipes de apoio às atividades pedagógicas mediadas por computador, demais profissionais de EAD e tecnologia educacional e todos os interessados que gostariam de utilizar ou experimentar o Moodle, para disponibilizar cursos à distância ou, por exemplo, para complementar aulas ou cursos presenciais, semipresenciais de universidades e centros de pesquisa.

Segundo Silva et.al., (2006), Alves e Brito (2005) os pontos fortes do Moodle, quando utilizado para o ensino, são:

- Aumento da motivação dos alunos;
- Maior facilidade na produção e distribuição de conteúdos;
- Partilha de conteúdos entre instituições;
- Gestão total do ambiente virtual de aprendizagem;
- Suporte tecnológico para a disponibilização de conteúdos de acordo com um modelo pedagógico e design instrucional;
- Realização de avaliações de alunos;
- Controlo de acessos;
- Atribuição de notas.

Conforme Bottentuit Junior e Batista (2007),

o Moodle é composto por uma interface simples, que mais parece um portal de informações. As páginas dos cursos são divididas em três colunas que podem ser personalizáveis pelo professor ou gestor do curso, inserindo elementos como: calendário, utilizadores on-line, lista de atividades, dentre outros. Estes elementos são dispostos

nas colunas à direita e à esquerda da tela do utilizador podendo ser deslocados de um lado para o outro pelo professor. Na coluna central, encontramos um conjunto de opções que podem representar a sequência da aula por meio de uma lista de tópicos numerados ou datados semanalmente ou, se se preferir, áreas para agrupar conteúdos ou atividades semelhantes. Na coluna central dos cursos que usam o Moodle como ambiente virtual, geralmente, há áreas de convívio, para o registro de notícias relacionadas ao curso, fóruns para discussão, áreas de conteúdo para inserir os textos, imagens e apresentações relativos à temática em questão, áreas de atividades, para orientar as tarefas a serem realizadas e/ou entregues ao professor ou seja, a coluna central, é o local onde os recursos e actividades são disponibilizados (BOTTENTUIT JUNIOR e BATISTA, 2007, p. 59).

Percebemos que a parte visual e a operacionalização da plataforma Moodle são de fáceis manuseios e seu desenvolvimento está assentado em uma teoria social-construtivista que poderemos organizar segundo quatro conceitos principais:

Construtivismo, conceito baseado em perspectivas de Piaget e Papert segundo as quais os indivíduos constroem ativamente o seu conhecimento;

Construcionismo, sustentado na ideia de que o indivíduo aprende efetivamente quando constrói algo para os outros experimentarem;

Construtivismo social, conceito que aplica os anteriores a um grupo que cria conhecimento orientado para terceiros baseando-se em conhecimentos mais complexos, construindo, de alguma forma uma cultura de artefatos partilhados com significados também partilhados;

Comportamento Conectado e Separado, conceito relacionado com as motivações individuais numa discussão (BOTTENTUIT JUNIOR E BATISTA, 2007, p. 60).

A plataforma Moodle pode ser manuseada em qualquer sistema operacional que suporte PHP (Hypertext Preprocessor), nomeadamente Unix, Linux, Windows, MacOS X.

Os dados são armazenados numa única base de dados, normalmente MySQL, mas a partir da versão 1.7 também podem ser utilizadas bases de dados Oracle ou Microsoft SQL Server. A Moodle integra muitas das características esperadas de uma plataforma de e-learning, entre as quais, registra Alves e Brito (2005):

- fóruns de discussão configuráveis, ainda que de forma limitada;
- gestão de conteúdos, permitindo a edição direta de documentos em formato texto e HTML (HyperTextMarkupLanguage);
- criação de questionários com possibilidade de opção por vários tipos de resposta;
- sistema de Chat com registro de histórico configurável;
- sistema de Blogs;
- editor Wiki;
- sistema de distribuição de inquéritos standardizados;
- sistema de gestão de tarefas dos utilizadores, etc.

Com base em Bottentuit Junior e Batista (2007, p. 61), colocamos que, por ter um desenho de tipo modular, “a plataforma pode ser enriquecida com diferentes plugins,

desenhados para satisfazer necessidades específicas de um determinado conjunto de utilizadores”. Também por causa dessa característica, o Moodle está traduzido em mais de 60 idiomas, fato que pode confirmar a grande aceitação de que a plataforma goza junto aos utilizadores da Internet. Essa plataforma foi idealizada para ser utilizada no ensino à distância.

3.2 AS NOVAS TECNOLOGIAS E A EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

A Educação à Distância consiste na modalidade educacional onde a interação didática dos processos de ensino-aprendizagem acontece com a intervenção de tecnologias de informação e comunicação, onde professores e alunos desenvolvem o conhecimento através de atividades educacionais em lugares ou tempos diferentes, fora do corpo a corpo da sala de aula, Moran (2000), através das plataformas de aprendizagens colaborativas.

O conceito oficial de Educação a Distância no Brasil é definido no Decreto nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005):

Art. 1º - Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a Educação a Distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

Embora entendida como à distância, para se completar, a educação à distância precisa de momentos presenciais, conforme percebemos no primeiro parágrafo do mesmo artigo, como se segue:

§ 1º - A Educação a Distância organiza-se segundo metodologia, gestão e avaliação peculiares, para as quais deverá estar prevista a obrigatoriedade de momentos presenciais para:

I – avaliações de estudantes;

II – estágios obrigatórios, quando previstos na legislação pertinente;

III – defesa de trabalhos de conclusão de curso, quando previstos na legislação pertinente e

IV – atividades relacionadas a laboratórios de ensino, quando for o caso (BRASIL, 2005).

A nomenclatura Educação a Distância nos remete para a ideia da ausência do professor e do estudante sem a interação corpo a corpo que acontece em um modelo convencional de ensino. Fragale Filho (2003, p. 27) coloca que muitos educadores veem essa forma de ensino como “sinônimo de ensino de baixa qualidade ou de oportunismo mercantilista”. É inerente colocar que não é o fato da educação ser feita à distância que vai definir o nível de aprendizado do aluno. É a forma de criar estratégias pedagó-

gicas eficientes que vai definir o sucesso ou insucesso da ensino, seja de forma presencial ou à distância. Fragale Filho (2003, p.51) acrescenta que

a qualidade da EaD não recai apenas sobre o educador, enquanto indivíduo, mas também para a instituição que promove o curso, pois a mesma é responsável pela infraestrutura necessária à operacionalização de um curso. Para esta infraestrutura, além daquilo que é necessário a um curso presencial, é prevista a necessidade de apoio técnico adicional para suporte ao uso dos equipamentos e sistemas necessários ao desenvolvimento das estratégias pedagógicas (FRAGALE FILHO, 2003, p. 51).

Para reforçar a citação acima, recorremos a Moore (1990), quando o mesmo enfatiza que a educação presencial ou a educação à distância depende de uma relação de diálogo, da estrutura da instituição e da autonomia dos profissionais, que necessita de recursos para mediar a construção do conhecimento. O autor reforça também que a educação a distância é um subconjunto de todos os programas educacionais, cujas características são: grande estrutura, baixo diálogo e grande distância transacional.

Mesmo diante de tantas críticas, a EaD tem ganhado muito espaço e adesão nos últimos anos, tendo como principal razão para esse avanço o advento da Internet. É evidente que na Educação a Distância, professores e alunos estão longe fisicamente, contudo, conectados, saindo do encontro físico para o encontro virtual, vencendo os obstáculos do espaço e do tempo, como também quebrando paradigmas. Quicá a mudança positiva seja provocar a mudança no controle da aprendizagem nessa quebra de paradigma. Nessa nova modalidade de ensino criar estratégias de ensino seja o grande desafio do educador – criar no educando a autonomia da autoaprendizagem, criando no sujeito da consciência de construir seu conhecimento.

A grande demanda de pessoas buscando aperfeiçoamento profissional já é uma realidade (GONZALEZ, 2005, p.29), e a Educação a Distância afigura-se no cenário educacional como vigente uma oportunidade com a missão de contribuir para esta finalidade. Com essa nova forma de ensino, aos poucos os educandos estão se adaptando a essa nova construção dinâmica do conhecimento, numa constante interação entre educador e educando, entre fios e conexões, entre colegas que nunca vimos pessoalmente, estabelecendo de forma integrada uma rede colaborativa de troca de experiências e saberes.

A evolução da EaD no Brasil, sua evolução histórica é iniciada com o aparecimento e a disseminação dos meios de comunicação. Esta modalidade de educação iniciou, primeiramente, por correspondência, através do rádio, da televisão, até chegar ao atual estágio e a interação de vários meios de comunicação, o rádio, a televisão, o videocassete, o computador e a internet.

Segundo Alves (2009, p. 9), a trajetória da EaD no Brasil é marcada por avanços e retrocessos, e ainda, alguns momentos de estagnação, provocados principalmente pela ausência de políticas públicas para o setor. De acordo com o mesmo autor, existem registros que colocam o Brasil entre os principais do mundo no que se referia à EaD até os anos de 1970. Depois dessa época o Brasil estagnou e outras nações avançaram e, somente no fim do milênio é que as ações positivas voltaram gerando desenvolvimento considerável nesta modalidade educacional.

Até chegar ao estágio de desenvolvimento atual, a Educação à Distância passou por diversos acontecimentos históricos, os quais registramos através de (MAIA & MATTAR, 2007; MARCONCIN, 2010; RODRIGUES, 2010; SANTOS, 2010), apud Lucineia Alves, (2011, pp. 5 e 6):

- 1904 – o Jornal do Brasil registra, na primeira edição da seção de classifica- dos, anúncio que oferece profissionalização por correspondência para datiló- grafo;
- 1923 – um grupo liderado por Henrique Morize e Edgard Roquette-Pinto criou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro que oferecia curso de Português, Francês, Silvicultura, Literatura Francesa, Esperanto, Radiotelegrafia e Telefo- nia. Tinha início assim a Educação a Distância pelo rádio brasileiro;
- 1934 – Edgard Roquette-Pinto instalou a Rádio-Escola Municipal no Rio, projeto para a então Secretaria Municipal de Educação do Distrito Federal. Os estudantes tinham acesso prévio a folhetos e esquemas de aulas, e também era utilizada correspondência para contato com estudantes;
- 1939 – surgimento, em São Paulo, do Instituto Monitor, o primeiro instituto brasileiro a oferecer sistematicamente cursos profissionalizantes a distância por correspondência, na época ainda com o nome Instituto Rádio Técnico Mo- nitor;
- 1941 – surge o Instituto Universal Brasileiro, segundo instituto brasileiro a oferecer também cursos profissionalizantes sistematicamente. Fundado por um ex-sócio do Instituto Monitor, já formou mais de 4 milhões de pessoas e hoje possui cerca de 200 mil alunos; juntaram-se ao Instituto Monitor e ao Instituto Universal Brasi- leiro, outras organizações similares, que foram responsáveis pelo atendimen- to de milhões de alunos em cursos abertos de iniciação profissionalizante à distância. Algumas dessas instituições atuam até hoje. Ainda no ano de 1941, surge a primeira Universidade do Ar, que durou até 1944.
- 1947 – surge a nova Universidade do Ar, patrocinada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Serviço Social do Comércio (SESC) e emissoras associadas. O objetivo desta era oferecer cursos comerciais radio- fônicos. Os alunos estudavam nas apostilas e corrigiam exercícios com o auxí- lio dos monitores. A experiência durou até 1961, entretanto a experiência do SENAC com a Educação a Distância continua até hoje;
- 1959 – a Diocese de Natal, Rio Grande do Norte, cria algumas escolas radio- fônicas, dando origem ao Movimento de Educação de Base (MEB), marco na Educação a Distância não formal no Brasil. O MEB, envolvendo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e o Governo Federal utilizou-se inicialmente de um sistema rádio-educativo para a democratização do acesso à educação, promovendo o letramento de jovens e adultos;

- 1962 – é fundada, em São Paulo, a Ocidental School, de origem americana, focada no campo da eletrônica; (ALVES, Lucineia, 2011, pp. 5 e 6).

Foi no final da década de 1960 que começou a “ação sistematizada” do governo federal em relação a educação à distância, segundo Bornenave (1987, p.56), sob várias medidas que deram suporte legal, institucional e tecnológico à teleducação. Os projetos na área das telecomunicações são justificados com base nos déficits educacionais do país, salienta Santoro (1982, p.24).

Recorremos ainda aos registros dos autores (MAIA & MATTAR, 2007; MARCONCIN, 2010; RODRIGUES, 2010; SANTOS, 2010), apud Lucineia Alves, (2011), para registrar as datas históricas da Educação à Distância até o ano de 2011. A partir daí com a intervenção e participação mais direta do governo federal:

- 1967 – o Instituto Brasileiro de Administração Municipal inicia suas atividades na área de educação pública, utilizando-se de metodologia de ensino por correspondência. Ainda neste ano, a Fundação Padre Landell de Moura criou seu núcleo de Educação a Distância, com metodologia de ensino por correspondência e via rádio;
- 1970 – surge o Projeto Minerva, um convênio entre o Ministério da Educação, a Fundação Padre Landell de Moura e Fundação Padre Anchieta, cuja meta era a utilização do rádio para a educação e a inclusão social de adultos. O projeto foi mantido até o início da década de 1980;
- 1974 – surge o Instituto Padre Reus e na TV Ceará começam os cursos das antigas 5ª à 8ª séries (atuais 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental), com material televisivo, impresso e monitores;
- 1976 – é criado o Sistema Nacional de Teleducação, com cursos através de material instrucional;
- 1979 – a Universidade de Brasília, pioneira no uso da Educação a Distância, no ensino superior no Brasil, cria cursos veiculados por jornais e revistas, que em 1989 é transformado no Centro de Educação Aberta, Continuada, a Distância (CEAD) e lançado o Brasil EAD;
- 1981 – é fundado o Centro Internacional de Estudos Regulares (CIER) do Colégio AngloAmericano que oferecia Ensino Fundamental e Médio a distância. O objetivo do CIER é permitir que crianças, cujas famílias mudem-se temporariamente para o exterior, continuem a estudar pelo sistema educacional brasileiro;
- 1983 – o SENAC desenvolveu uma série de programas radiofônicos sobre orientação profissional na área de comércio e serviços, denominada “Abrindo Caminhos”; (ALVES, 2011, p. 6).

A autora acima (ALVES, 2011) nesse ponto de seu documento salienta que entre as décadas de 1970 e 1980, fundações privadas e organizações não governamentais deram início aos cursos supletivos na modalidade a distância, seguindo o modelo de teleducação, cujas aulas eram ofertadas via satélite, e eram complementadas com kits de materiais impressos, inaugurando assim a segunda geração de Educação a Distância no Brasil.

Os ideais da modernização atribuíram à educação a largada do progresso científico e tecnológico que, por tais motivos, precisava se adequar ao desenvolvimento econômico (FADUL, 1982, p. 36). Já haviam passado algumas décadas depois que Getúlio Vargas professou a fé no poder transformador da educação, conforme afirma Plank (2001, p. 9), “os líderes brasileiros continuam a afirmar a importância da educação para a modernização nacional em termos semelhantes àqueles empregados por Vargas”.

Por isso, somente na década de 1990, (LUCINEIA ALVES, 2011) a grande maioria das Instituições de Ensino Superior brasileiras mobilizou-se para ofertar Educação a Distância com os recursos das novas tecnologias de informação e comunicação - TICs. A autora continua sua trajetória no tocante à Educação à Distância enfatizando que, em

- 1991 – o programa “Jornal da Educação – Edição do Professor”, concebido e produzido pela Fundação Roquete-Pinto tem início e em 1995 com o nome “Um salto para o Futuro”, foi incorporado à TV Escola (canal educativo da Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação) tornando-se um marco na Educação a Distância nacional. É um programa para a formação continuada e aperfeiçoamento de professores, principalmente do Ensino Fundamental e alunos dos cursos de magistério. Atinge por ano mais de 250 mil docentes em todo o país;
- 1992 – é criada a Universidade Aberta de Brasília, acontecimento bastante importante na Educação a Distância do nosso país;
- 1995 – é criado o Centro Nacional de Educação a Distância e nesse mesmo ano também a Secretaria Municipal de Educação cria a Multi-Rio (RJ) que ministra cursos do 6º ao 9º ano, através de programas televisivos e material impresso. Ainda em 1995, foi criado o Programa TV Escola da Secretaria de Educação a Distância do MEC.

Os estudos de Alves (2011) registram que em

- 1996 – é criada a Secretaria de Educação a Distância (SEED), pelo Ministério da Educação, dentro de uma política que privilegia a democratização e a qualidade da educação brasileira. É neste ano também que a Educação a Distância surge oficialmente no Brasil, sendo as bases legais para essa modalidade de educação, estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, embora somente regulamentada em 20 de dezembro de 2005 pelo Decreto nº 5.622 (BRASIL, 2005) que revogou os Decretos nº 2.494 de 10/02/98, e nº 2.561 de 27/04/98, com normatização definida na Portaria Ministerial nº 4.361 de 2004 (PORTAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO^a, 2010).
- 2000 – é formada a UniRede, Rede de Educação Superior a Distância, consórcio que reúne atualmente 70 instituições públicas do Brasil comprometidas na democratização do acesso à educação de qualidade, por meio da Educação a Distância, oferecendo cursos de graduação, pós-graduação e extensão. Nesse ano, também nasce o Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ), com a assinatura de um documento que inaugurava a parceria entre o Governo do Estado do Rio de Janeiro, por intermédio da Secretaria de Ciência e Tecnologia, as universidades públicas e as prefeituras do Estado do Rio de Janeiro.
- 2002 – o Cederj é incorporado a Fundação Centro de Ciências de Educação Superior a Distância do Rio de Janeiro (Fundação CECIERJ).

A autora salienta que a partir de 2004 vários programas para a formação inicial e continuada de professores da rede pública, por meio da EAD, foram implantados pelo MEC. Entre eles o Pro-letramento e o Mídias na Educação. Estas ações conflagram na criação do Sistema Universidade Aberta do Brasil.

- 2005 – é criada a Universidade Aberta do Brasil - UAB, uma parceria entre o MEC, estados e municípios; integrando cursos, pesquisas e programas de educação superior a distância.
- 2006 – entra em vigor o Decreto nº 5.773, de 09 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino, incluindo os da modalidade à distância (BRASIL, 2006).
- 2007 – entra em vigor o Decreto nº 6.303, de 12 de dezembro de 2007, que altera dispositivos do Decreto nº 5.622 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2007).
- 2008 – em São Paulo, uma Lei permite o ensino médio a distância, onde até 20% da carga horária poderá ser não presencial.
- 2009 – entra em vigor a Portaria nº 10, de 02 julho de 2009, que fixa critérios para a dispensa de avaliação in loco e deu outras providências para a Educação a Distância no Ensino Superior no Brasil (BRASIL, 2009).
- 2011 – A Secretaria de Educação a Distância é extinta. (ALVES, 2011, pp. 7-8).

O Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação a Distância (SEED), tinha função de ser agente de inovação tecnológica nos processos de ensino e aprendizagem, propiciando a incorporação das tecnologias de informação e comunicação nas técnicas de Educação a Distância inovando os métodos didático-pedagógicos. Paralelo a essa atividade, promovia a pesquisa e o desenvolvimento, voltados para a introdução de novos conceitos e práticas nas escolas públicas brasileiras (PORTAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010). Com a extinção desta secretaria, os programas e ações ficaram vinculados a uma nova administração, ficando por conta do Ministério da Educação - MEC (PORTAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2011).

Como vimos até aqui a EaD já tem uma história, mas ainda muita coisa para registrar e acontecer. Mesmo as tecnologias tradicionais como o rádio, a TV e o Videocassete continuam sendo muito usados, a cada dia os suportes das mídias digitais como o computador e a Internet crescem num ritmo acelerado, provocando o medo em muitos professores e incentivando a capacitação e criatividade em tantos outros. Na realidade ninguém tem ainda uma fórmula pronta para se trabalhar com as novas tecnologias, considerando que muitos ainda não encontraram também a metodologia certa para se trabalhar o ensino tradicional, haja vista que tudo vai depender da capacidade de cada educador, individualmente.

De modo geral, todos já temos a necessidade de se inovar, de promover mudanças no cenário da educação com o uso das novas tecnologias, e a construção de novas

práticas pedagógicas para fortalecer as relações entre o ser que aprende e o ser que ensina.

Para que isso aconteça, o primeiro passo é se promover estudos das condições atuais de ensino através das interações dentro das salas de aula. Essa iniciativa pode ser uma boa saída na direção da identificação das competências oferecidas pelos autores do processo de ensino e aprendizagem nos espaços de aprendizagem à distância. Referente a esse pensamento, Ribeiro (1986) chama nossa atenção para analisarmos

as interações simbólicas, impregnadas de significados, a partir da perspectiva do interacionismo simbólico de Goffman, entendido como meio de desenvolvimento pessoal dos indivíduos e processo pelo qual estes se associam entre si (RIBEIRO, 1986, p.51).

Percebemos que, diante de uma situação interativa, ainda com base em Ribeiro (1986, p.52), podemos observar dois tipos básicos de significados cognitivos: “os que o sujeito envia e os que emanam de sua atuação (expressão e modos não-verbais, emitidos em geral de modo alheio à sua consciência”, mas que tem a recepção pelos alunos como sendo elementos integrantes da informação).

Para que haja uma melhor interatividade entre professores e alunos na construção da aprendizagem por meios digitais com auxílio das novas tecnologias, ao longo do tempo foram sendo criadas plataformas para mediar às trocas de conhecimentos de forma online, os chamados Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVA.

A nova tendência da escola prevista nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) estabelece orientações didáticas para se trabalhar a interdisciplinaridade no cotidiano escolar. Uma dessas orientações diz respeito à aplicação da pedagogia de projetos. Entretanto, mais do que uma tendência ou uma estratégia sujeita a regras predeterminadas, os projetos refletem uma atitude pedagógica fundamentada numa concepção de educação que valoriza a construção do conhecimento.

Quanto ao tema, Pedagogia de Projetos, Martins coloca que

um projeto é uma intenção, que precisa ser continuamente avaliado e re-planejado. Pode ser transformado durante sua concretização, na medida em que novas ações precisem ser inseridas a fim de que os objetivos e os conteúdos possam ser alcançados. Transformar as atividades isoladas das aulas de arte em ensinar/aprender arte através de projetos, criando situações de aprendizagem através de sequências articuladas continuamente avaliadas e re-planejadas, pode se converter numa eficiente atitude pedagógica. (MARTINS, 1998, pp. 158-159).

Nossos estudos mostram que o projeto em literatura tem um desenvolvimento muito particular, pois envolve o trabalho com muitos conteúdos e organiza-se em torno de uma produção determinada. Em um projeto, o professor pode orientar suas

atividades guiadas por questões emergentes, ideias e pesquisas pelas quais os alunos tenham interesse. Martins reforça nossa fala quando cita, referindo-se a projeto:

Esse modo de trabalhar tem uma dinâmica própria que poderá ser transformada e adequada às diferentes realidades de cada aluno, não se constituindo como método, mas como uma atitude pedagógica, que envolve a investigação do professor, atento ao grupo e ao conteúdo que quer ensinar (MARTINS, 1998, p. 159).

O PCN de Arte, vol. 6 (1998), nos oferece mais subsídios quando falamos em projeto, visto que este cativa os alunos pela oportunidade de trabalhar com autonomia, tomando decisões e escolhendo temas de ação a serem desenvolvidos sob orientação do professor. Logo, em um projeto, há uma negociação entre professores e alunos, que elegem temas e produtos de interesse passíveis de serem estudados e concretizados.

Percebemos, então, que, o sentido de grupo deve ser incorporado no cotidiano escolar para que projetos sejam desencadeados de forma coletiva e, assim, possam promover uma aprendizagem satisfatória, de forma interdisciplinar, com integração de tecnologias educacionais, novas e velhas.

Seja de forma presencial ou semipresencial ou a distância, a escola tem a necessidade de trabalhar com a interdisciplinaridade e os temas transversais em sua grade curricular, no caso específico nesse estudo, explorar mais a literatura, em especial a construção poética.

3.3 LITERATURA (POESIA) COMO TEMA TRANSVERSAL DO CONHECIMENTO INTERDISCIPLINAR

Como promover o processo de integração da poesia no pensamento crítico nos conteúdos curriculares com a intencionalidade de humanização da prática educativa através de atividades criativas é uma pergunta pertinente e exige respostas imediatas. É necessário, pois, que a escola trabalhe, de forma multidisciplinar, o desenvolvimento de atividades lúdicas com a construção de leitura, produção e ilustração de textos poéticos, pois dispõe de limitados recursos socioculturais e pouco tempo para o fazer literatura, considerando as “disciplinas” que ao longo do tempo são enumeradas como as mais importantes em uma grade curricular, como o português e a matemática.

Tendo em vista que a poesia também faz parte da vida de todos nós, não podemos deixar de lado os nossos alunos, para os quais qual buscamos resgatar os valores da harmonia, do amor e da cultura e fazer sentido num mundo, onde a mídia faz as pessoas se afastarem mais uma das outras, ficando assim um vazio de fraternidade e amizade, principalmente dentro de um ambiente propício à aprendizagem, que é a escola, o lugar onde é formalizado e sistematizado o conhecimento literário.

A concepção dos gêneros do discurso literário como objeto de ensino e como eixo de progressão e articulação curricular é veiculada no ensino de língua Portuguesa no Brasil, a partir da implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – PCN – (BRASIL, 1997, 1998).

Isto nos faz ver que, movimentos culturais com a arte e com a educação em literatura não acontecem no vazio, nem desenraizadas das práticas sociais vividas pela sociedade como um todo. As mudanças que ocorrem são caracterizadas pela dinâmica social, que interfere, modificando ou conservando as práticas vigentes, conforme o interesse dos segmentos político e empresarial.

Com essa reflexão, entendemos que não se trata de formar grupos isolados, mas fazer com que o corpo discente tenha acesso a todas as formas artísticas, de forma interdisciplinar. Os registros de Fazenda (1993) exemplifica o tão ovacionado termo interdisciplinaridade como sendo as trocas entre os especialistas e a integração das disciplinas num mesmo projeto de pesquisa em um regime de copropriedade, de participação coletiva, que irá desencadear um diálogo educativo entre os que fazem o corpo docente da escola. A interdisciplinaridade espera, portanto, que aconteça uma mudança nas atitudes frente ao problema da falta de integração em prol da aquisição do conhecimento tão essencial ao ser humano.

Para que o processo interdisciplinar seja dinamizado faz-se necessário que este que derive de um projeto político-pedagógico concebido e executado de forma coletiva a partir de parcerias, integração e totalidade dos entes que fazem a escola. Para isso, exige-se um bom relacionamento entre todos os profissionais, uma boa convivência frente às divergências, contradições e conflitos, bem como adoção de valores coletivos em um processo de planejamento participativo para a tomada de decisões e definição de diretrizes gerais da escola através do diálogo. A totalidade une parceria e integração na articulação entre os “universos simbólicos específicos” para promover um processo de unicidade nas disciplinas e nas grandes áreas, pois trabalha as “partes do todo” (FAZENDA, 1993).

Em qualquer tema transversal que se trabalha na escola é necessário haver o censo comum, a ajuda mútua, o planejamento integrado e interdisciplinar, mesmo ante as divergências que ocorrem na escola entre os professores das diferentes disciplinas, como por exemplo a poesia, para o estudo da poesia. Barbosa completa esse pensamento registrando que

não é possível uma educação intelectual, formal ou informal, de elite ou popular, sem arte, porque é impossível o desenvolvimento integral da inteligência sem o desenvolvimento do pensamento divergente, do pensamento visual e do conhecimento apresentacional que caracterizam a arte (BARBOSA, 1998, p. 5).

Precisamos, conforme o enunciado do autor, materializar a produção em grupo, a integração das disciplinas, a imaginação criativa e o entendimento dos princípios articuladores da obra literária, respeitando a especificidade de cada linguagem e de cada criador, através de oficinas, no trabalho direto com a língua portuguesa e seus veículos para um maior desenvolvimento cognitivo do aluno e, por consequência, desenvolvimento do país através de interferências sociais e culturais ensinadas e descobertas pelos alunos.

Para que a integração das tecnologias possa ser, de fato, utilizada no cotidiano educacional de forma interdisciplinar e a educação literária se torne uma realidade, acreditamos que o espaço educativo possa, efetivamente, dar uma contribuição no sentido de possibilitar o acesso aos alunos de todas as formas de aprender, sem deixarmos de valorizar o meio social em que este vive e, portanto, exerce suas atividades.

Quanto a isso, LEÃO nos diz que

Sendo a escola o primeiro espaço formal onde se dá o desenvolvimento de cidadãos, nada melhor que por aí se dê o contato sistematizado [com](#) o universo artístico e suas linguagens (...) e literatura (LEÃO, 2004, p. 5).

Conforme o autor, este quadro vem reforçar a postura inadequada de que o contato com o universo mágico da escola com as tecnologias educacionais é importante, mas desnecessário. Esta contradição precisa ser objeto de reflexão e prática por parte das escolas e professores, interessados em reverter a situação em favor de uma escola que valorize os aspectos educativos contidos no universo da literatura. Daí a nossa preocupação com a formação de profissionais que vão exercer as funções de formação e orientação de cidadãos. Diretores de escola, coordenadores e professores devem estar preparados para entender a literatura como ramo do conhecimento em mesmo pé de igualdade que as outras disciplinas dos currículos escolares. É necessário reconhecer que o estudo da literatura, enquanto arte educativa, de forma interdisciplinar com o uso das tecnologias, promove a sua capacidade transformadora. Só assim os educadores estarão contribuindo para que o acesso a ela, a arte de escrever, por exemplo, seja um direito do homem.

Embora, cada disciplina tente isolar-se, só pode ser compreendida no contexto em que está inserida, como destaca Gusdorf (1984), “a característica central da interdisciplinaridade consiste no fato de que ela incorpora os resultados de várias disciplinas, tomando-lhes de empréstimo esquemas conceituais de análise a fim de fazê-los integrar, depois de os haver comparado e julgado.”

Referindo-se a esse pensamento, LEÃO (2004) coloca:

Aceitar que o fazer artístico e a fruição estética contribuem para o desenvolvimento de crianças e de jovens é ter a certeza da capacidade que eles têm de ampliar o seu

potencial cognitivo e assim conceber e olhar o mundo de modos diferentes. Esta postura deve estar internalizada nos educadores, a fim de que a prática pedagógica tenha coerência, possibilitando ao educando conhecer o seu repertório cultural e entrar em contato com outras referências, sem que haja a imposição de uma forma de conhecimento sobre outra, sem dicotomia entre reflexão e prática (LEÃO, 2004, p. 6).

Com essa reflexão, percebemos que a frágil formação do professor e as visões preconcebidas que este ainda tem acerca do ensino de literatura e do uso das tecnologias educacionais de forma interdisciplinar, associados aos problemas e dificuldades que encontra no exercício da profissão, levam-no a reproduzir uma prática irrefletida, desprovida de fundamentos, a um exercício docente sem significação (LEÃO, 2004).

Perante isso, podemos colocar que, qualquer modificação de qualidade no ensino de literatura de forma interdisciplinar no espaço escolar só será possível quando os avanços teóricos - conceituais e metodológicos - estiverem a serviço de uma efetiva capacitação de professores, tanto inicial quanto continuada, que possa ser verificada em uma mudança de atitude perante a complexidade do processo ensino-aprendizagem.

Com o advento da era tecnológica, surge a expansão dos negócios no mundo, proporcionada pela invasão das novas tecnologias, principalmente as digitais, provocando profundas no trabalho e, em consequência disso, na educação. Na educação literária, porém, ainda não se tem exemplo de robôs que possam repassar para o mundo, as emoções que um poeta tão bem expressa em sua produção poética. Daí a necessidade de uma educação permanente, integrada, interdisciplinar, que promova a continuidade dos estudos e, portanto, de acesso às informações e incentivos à produção de práticas pluriculturais que desperte o conhecimento do educando.

Neste universo de (re)significação da poeticidade, da explosão tecnológica, principalmente a digital, recorre-se a Bakhtin (1988) que leciona: a poesia é a manifestação de uma consciência poética que vê, imagina e compreende o mundo, não com os olhos de sua linguagem individual, mas com os olhos de outrem. Parafraseando esse autor no que se refere a sua análise sobre a poeticidade da palavra no romance, podemos colocar que a linguagem literária é o meio vivo e concreto onde vive a consciência do artista da palavra, onde esta evoca um ou vários contextos nos quais emerge, o que sugere a intencionalidade de uma manifestação plurilíngue em um diálogo de linguagens, graça a fantasia que distinguem a poesia, em oposição ao esforço intelectual consciente, à presença da objetividade e à razão do pensamento. Tudo isso deve estar presente quando da construção do Projeto Político Pedagógico - PPP da escola, de forma coletiva.

3.4 A CONSTRUÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO NA PERSPECTIVA DO TRABALHO COLETIVO

No cenário do século XXI, não é permitido que as decisões sejam tomadas fora de um consenso coletivo dos segmentos escolar, mas abolir o entrave que emperram as mudanças, que devem ser suscitadas por sujeitos participativos que estão sintonizados com os avanços da ciência da educação, e assim, ousam reinventar as relações pedagógicas.

O Projeto Político-Pedagógico sempre existiu ou deveria existir na escola. Não deveria ser uma novidade instituída pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96. Contudo, sua obrigatoriedade está mais explícita nesta lei, assegurando à escola o direito de elaborar e executar sua proposta pedagógica (art. 12-I), aos docentes participarem da elaboração (art. 13-I) e a participação da comunidade escolar e local em Conselhos Escolares ou equivalentes (art. 14-II).

Para todos, as leis são fontes de esperança, porém, é necessário ter paciência para que se atinja o esperado, considerando-se que não fazem milagres e que a realidade social não muda em um passe de mágica. Nesse sentido, são pontos de partida para que a realidade seja analisada, repensada e com base em sua aplicação, avanços sejam alcançados.

No nosso sistema educacional, a lei máxima reflete um processo e um projeto político para a educação brasileira. É a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96) que estabelece:

As diretrizes que definem os princípios, as finalidades, as intenções e os objetivos da educação brasileira;

As bases referentes aos níveis e as modalidades de ensino, aos processos de decisão, as formas de gestão e as competências e responsabilidades relativas à manutenção e ao desenvolvimento do ensino no país.

Na LDB, destacam-se três grandes eixos diretamente relacionados à construção do Projeto Político-Pedagógico, a saber:

O eixo da flexibilidade – vincula-se à autonomia, possibilitando à escola organizar o seu próprio trabalho pedagógico;

O eixo da avaliação – reforça um aspecto importante a ser observado nos vários níveis do ensino público (*artigo 9º, inciso VI*);

O eixo da liberdade – expressa-se no âmbito do pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas (*artigo 3º, inciso III*) e na proposta de gestão democrática do ensino público (*artigo 3º, inciso VIII*), a ser definida em cada sistema de ensino.

Considerando esses eixos, a escola é reconhecida pela LDB como um relevante espaço educativo, que deve estimular a gestão democrática e participativa, e atribui

aos gestores da educação à função de elaborar, executar e avaliar o Projeto Político-Pedagógico, de acordo com as seguintes referências legais:

Artigo 12- Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

I – elaborar e executar sua proposta pedagógica.(...)

VII – informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica.

Artigo 13. Os docentes incumbir-se-ão de:

I – participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

II – elaborar e cumprir o plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino.

Artigo 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I – participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto político da escola;

II – participação da comunidade escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes (BRASIL, 1996, p. 5).

Conforme o que explicita a Lei, deve ser ampliado o papel da escola diante da sociedade, colocando-se esta como o cerne de atenção das políticas educacionais e trabalhar de forma coletiva para garantir o fortalecimento de sua autonomia.

São de grande importância as referências apresentadas à escola e aos seus profissionais em relação à construção do Projeto-Pedagógico. É claro que, o fato da lei determinar que cada escola construa o seu projeto pedagógico, é apenas uma condição necessária, não o suficiente para o exercício pleno da autonomia, porque é preciso fazer emergir dessa autonomia garantida pela lei, outra construída na escola, que estimule e assegure a participação de gestores, professores, pais, alunos, funcionários e representantes da comunidade local na discussão do trabalho pedagógico, numa perspectiva mais ampla.

Ao orientar suas práticas para o fortalecimento de sua própria autonomia, a escola pode construir o seu conceito de qualidade de ensino e adequar melhor a sua função às necessidades da comunidade. Com isso, temos de fato, uma autonomia gerada pelas práticas da própria escola, objetivando ampliar espaços de decisões e participação de todos atendidos pela mesma, criando e desenvolvendo instâncias coletivas – como os conselhos escolares ou equivalentes – previstas no artigo 14 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Reforçando o enunciado, recorremos a Veiga que enfatiza:

A principal possibilidade de construção do Projeto Político-Pedagógico passa pela relativa autonomia da escola, de sua capacidade de delinear sua própria identidade.

Isso significa resgatar a escola como espaço público, lugar de debate, do diálogo, fundado na reflexão coletiva (VEIGA, 2002, p.14).

Não podemos também perder de vista que a autonomia assegurada na LDB, também é resultado de um processo de construção social, uma vez que essa lei é produto da discussão de muitos educadores e de outros segmentos da sociedade. Porém, a autonomia da escola é efetivamente construída, na medida em que resulta da ação dos sujeitos locais e não da determinação legal. Ocorrendo que, quando essa autonomia aumenta, também cresce o nível de responsabilidade em relação à comunidade na qual a escola está inserida. Trata-se de uma relação diretamente proporcional: mais autonomia, mais responsabilidades.

Devemos, pois, lembrar, que é preciso não confundir autonomia com soberania. Na nossa concepção, autonomia significa a capacidade de a escola decidir o seu próprio destino, porém, permanecendo integrada ao sistema educacional mais amplo do qual faz parte. Sendo assim, ela não tem a soberania para se tornar independente de todas as outras esferas, nem para fazer ou alterar a própria lei que define as diretrizes e bases da educação nacional como um todo.

O Projeto Político-Pedagógico é um instrumento teórico-metodológico que deve ser criado pela escola com intuito de ajudá-la a enfrentar os desafios do dia-a-dia de maneira sistemática, com senso de responsabilidade, consciência, embasamento científico e, principalmente, deve ser construído de forma participativa. Quando construído para realmente ser implantado, configura-se como elemento norteador para a construção da escola, buscando significar de modo prático às suas finalidades e objetivos. O Projeto Político-pedagógico deve ser o resultado do compromisso de uma equipe que atua com determinação para enfrentar a caminhada satisfatória do fazer educacional, apresentando clareza sobre as forças e os limites (DE QUE?). O corpo do PPP acontece da interação entre os sujeitos representantes dos segmentos interestelar e extraescolar: professores, funcionários, pais, alunos, grupo gestor e sociedade civil.

Evidencia-se de forma pública e notória a diversidade de problemas com os quais as instituições escolares lidam no seu cotidiano. São problemas desafiadores que precisam ser discutidos pelo coletivo da escola, o qual, por sua vez, é bastante heterogêneo, pois é formado por diversos segmentos: professores, gestores, funcionários, pessoal administrativo, alunos, pais e/ou responsáveis e representantes da sociedade civil, que, possuem conhecimentos, ideias e valores diferentes, ocasionando assim conflitos. Sobre essa ótica, o trabalho de construção do PPP não é um processo todo harmônico, ao contrário, apresenta divergências, existindo interesses de segmentos diferentes. É, portanto, essa diversidade que torna o seu processo de construção rico e dinâmico, pois é em função dessa interação que surge o coletivo da escola.

Compartilhar com os colegas os sonhos, as esperanças, as dúvidas e anseios surgidos na busca de mudanças parece ser a única forma de construir algo consideravelmente novo (SETÚBAL, 1994, vol 1, p. 3).

A citação do autor supracitado nos mostra que essa concepção da certeza de que o ser humano é um ser essencialmente social, e sua identidade, portanto, constrói-se na interação com o outro, não sendo só o estar junto, trocar ideias, dividir tarefas rotineiras, mas enfrentar dificuldades e superar divergências. Por esse motivo, a construção de um projeto que envolve vários segmentos, várias cabeças pensantes e várias ideias, é um processo lento e demanda tempo, sem esquecer que é imprescindível respeitar o momento de cada um, sem perder de vista os objetivos que se propõe alcançar. É através de um trabalho coletivo que o docente cresce, sentindo-se fortalecido com o grupo. O aluno, por sua vez, também ganha, na medida em que o processo ensino-aprendizagem se desenvolve de forma mais coerente e integrada. Assim, todos os segmentos envolvidos saem fortalecidos, de alguma forma.

Para justificar nosso argumento recorremos a Bussmann que assim se expressa:

Não restam dúvidas de que articular, elaborar, construir projeto pedagógico próprio, implementá-lo e aperfeiçoá-lo constantemente, envolvendo de forma criativa e prazerosa os vários segmentos constitutivos da comunidade escolar, com suas respectivas competências, num processo coletivo, é um grande desafio. E o é em razão da necessidade e das expectativas pela melhoria da qualidade dos serviços educacionais e dos resultados desses serviços (BUSSMANN, 2002, p. 48).

O Projeto Pedagógico sempre existiu, embora que de forma não oficial, instituído por lei específica, mas a falta de adesão coletiva dos segmentos na sua elaboração, como também a ausência de clareza na compreensão do teor e finalidade do projeto, motivo pelo qual sua implantação acontecia de forma burocrática e fragmentada.

Hoje, da maneira que é solicitado, passa a ser participativo, colaborativo, originado do seio da coletividade docente, discente, administrativo e colegiado, como, Conselho Escolar, Grêmios Estudantil, que dá uma identidade à Instituição. “É a configuração da singularidade e da particularidade da Instituição educativa” (VEIGA, 2000, p.187).

Essa elaboração exige uma reflexão acerca da concepção e das finalidades da educação e sua relação com a sociedade, como também, uma profunda análise sobre o tipo de indivíduo que se quer formar e de mundo que será construído com a nossa contribuição.

Isso nos leva a crer que, para fortalecer os alicerces da construção de um projeto educacional, a escola deve também se constituir como sendo um centro de atualização e reflexão sobre a ação educativa de seus docentes. Como o conhecimento humano, em qualquer área ou aspecto, é um processo em contínua construção, as exigências cognitivas e afetivas diferem nas fases da vida, como também, sofrem o impacto das

mudanças tecnológicas, econômicas e sociais, exigindo assim, uma adaptação constante às novas formas de vida e de trabalho.

Nessa perspectiva, a tarefa de construir o Projeto Político-Pedagógico, inserido em um contexto de reflexão/ação/reflexão, é definida por Resende, quando diz que:

Uma escola autônoma e de qualidade, onde o saber veiculado oportunize a todos a capacidade de exercer com dignidade a cidadania, deve, sem dúvida, fazer parte de uma sociedade amadurecida em sua consciência social através da luta pelos direitos da cidadania coletiva (RESENDE, 2002, p. 64).

Etimologicamente, a palavra projeto vem do latim “projectu”, participio passado do verbo projectare, que significa lançar para frente. Pode ser entendido ainda como intento, desígnio, empreendimento. Os termos Projeto Pedagógico e Projeto Político-Pedagógico não têm diferenciação no que explicitam. Ambos são usados para o mesmo significado de ser projetado, lançado, orientado, dar direção a uma ideia de processo pedagógico intencional com base nas reflexões e ações do presente (RESENDE, 2002).

O termo político, de acordo com nossa interpretação, pode ser assumido pelo adjetivo pedagógico, já que, toda ação pedagógica é política, pois está voltada para uma ação transformadora. Outro aspecto político é a autonomia que nasce com esse projeto escolar não podendo ser confundida com soberania. Como diz a LDB, a escola é incumbida do projeto, mas deve respeitar as normas comuns e as do respectivo sistema de ensino, ao qual cabe zelar pela realização de sua finalidade social (SETÚBAL, 1994).

O Projeto Político-Pedagógico é concebido como o instrumento teórico-metodológico que a escola elabora de forma participativa, com a finalidade de apontar a direção e o caminho que vai percorrer para realizar da melhor maneira possível, sua função educativa, tomando como base às condições atuais e a realidade local.

O projeto da escola não começa de uma só vez, não nasce pronto. É, muitas vezes, o ponto de chegada de um processo que se inicia com um pequeno grupo de professores com algumas propostas bem simples e que se amplia, ganhando corpo e consistência. Nesse trajeto, ao explicitar propósitos e situar obstáculos, os educadores vão estabelecendo relações, apontando metas e objetivos comuns, vislumbrando pistas para melhorar a sua atuação (SETÚBAL, 1994, 4-vol, p. 4).

Na interpretação do autor acima, o projeto é um mapa de navegação, que permite seguir viagem, porém, por mais que fixe rota, não prevê todos os acidentes do percurso. Mas em compensação, tem a vantagem de ser flexível o suficiente permitindo correções. Como sua função é a de projetar a escola para diante, ele nunca está pronto e sim, sempre em processo, e como tal, estará em contínua construção, avaliação e reelaboração.

Antes de qualquer tomada de decisão, o importante é percebermos que a escola é um espaço educativo e o seu trabalho não pode ser pensado, nem realizado no vazio e na improvisação. O PPP é um instrumento que possibilita à escola inovar sua prática pedagógica, na medida em que apresenta novos caminhos para as situações serem modificadas, conforme constatamos em nossas pesquisas teóricas. Ao construí-lo coletivamente, a escola afirma sua autonomia sem, no entanto, deixar de manter relações com as esferas: municipal, estadual e federal da educação nacional.

Sabemos que o projeto da escola não é responsabilidade apenas da direção, ao contrário, numa gestão democrática, a direção é reconhecida pela sua competência e liderança de executar um projeto coletivo. Cada escola é única, não existem escolas iguais, portanto, é preciso levar em conta o trabalho pedagógico como um todo, representando claramente as intenções da instituição.

Para propor inovações no trabalho escolar, o PPP precisa ser discutido tanto no âmbito do que a escola já é, quanto naquele que poderá vir a ser. É importante, nesse processo, a escola construí-lo considerando dois planos: as diretrizes nacionais, normas, regulamentações e orientações curriculares e metodológicas originadas nos diversos níveis do sistema educacional, e o outro é relativo às práticas e às necessidades dos vários sujeitos da comunidade escolar (professores, alunos, gestores, funcionários, pais, associações comunitárias, sociedade civil, etc.), como enfatiza Setúbal (1994).

O Projeto Político Pedagógico não é uma novidade instituída pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96, embora sua obrigatoriedade esteja mais explicitada nesta lei, como também, a possibilidade de elaboração, prevista no artigo 12, que os estabelecimentos de ensino, respeitando as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica.

A verdade é que a construção de um PPP não pode ser considerada como o cumprimento de uma legislação, a resposta a uma solicitação formal. Ele é muito mais do que isso, é a reflexão e a contínua expressão de nossas ideias sobre a relação teoria e prática, construído no contexto de uma realidade que revela as características das inter-relações existentes na instituição e no contexto social do qual faz parte. Os limites possíveis e as possibilidades a serem alcançadas devem ser questionados do contexto externo a natureza interna da escola (GADOTTI, 2001).

Na maioria das vezes, um projeto pode ser confundido com um plano que direciona o trabalho da escola, porque o conjunto de objetivos, metas e procedimentos estão inseridos no mesmo, porém ainda são insuficientes, embora faça parte do projeto, mas não é o todo. Em geral, o plano fica no campo do instituído, e o projeto, a partir

daí, rever o que precisa ser mudado e avançar na direção do que se almeja. Um projeto é um processo de

Tornar-se instituinte. Um Projeto Político-Pedagógico não nega o instituído da escola que é a sua história, que é o conjunto dos seus currículos, dos seus métodos, o conjunto dos seus atores internos e externos e o seu modo de vida. Um projeto sempre confronta esse instituído com o instituinte. Não se constrói um projeto sem uma direção política, um norte, um rumo. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é também político. O projeto pedagógico da escola é, por isso mesmo, sempre um processo inconcluso, uma etapa em direção a uma finalidade que permanece como horizonte da escola (GADOTTI, 2001, p. 34).

Como entendemos que o PPP sempre parte do que já se tem na escola e propõe outros significados à sua realidade, em função disso, ele se torna, ao mesmo tempo, um dever e um direito da escola. Dever por se tratar do elemento responsável pela vida da escola em seu tempo institucional e, direito, porque, através dele, a escola pode consolidar sua autonomia e os seus vários atores podem pensar, executar e avaliar o próprio trabalho.

A pluralidade de projetos pedagógicos está no contexto da educação atual. Então, para atender a essa diversidade de realidades, não deve existir um padrão único de projeto, até porque a escola precisa conquistar a sua autonomia para estabelecer o seu projeto, como também executá-lo e avaliá-lo. Portanto, o PPP da escola deve ser construído de acordo com a realidade da instituição, levando-se em conta, principalmente, a clientela atendida (GADOTTI, 2001).

Para tanto, a escola precisa ficar ciente de que a autonomia e a gestão democrática entendem-se do ato pedagógico. É preciso considerar também a autonomia e participação, percebendo que estes não se limitam apenas à declaração de princípios assinados em algum documento, mas que seja atuante em todas as atividades da escola.

É preciso ainda considerar que existem limitações e obstáculos que impedem o processo democrático, como parte do PPP. Então, é necessária a ousadia dos seus agentes e da escola para assumir-se no contexto histórico em que se insere.

Por isso, devemos sempre refletir que o Projeto Político-Pedagógico se constrói de forma interdisciplinar, não bastando apenas à troca de teoria e esperança que os problemas sejam resolvidos. Tal reflexão afigura-se como um momento importante de renovação da escola, lançando-se para frente e esperando um futuro diferente, visto que, segundo Gadotti,

todo projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente. Um projeto educativo pode ser tomado como promessa frente a determinadas rupturas. As promessas tornam visí-

veis os campos de ação possível, comprometendo seus atores e autores (GADOTTI, 2001, p. 37).

Nesse processo, o tempo é indispensável à noção de projeto, pois é necessário, sobretudo, tais como: tempo político, institucional, escolar para amadurecer as ideias, pois um projeto precisa ser discutido e rediscutido para que seja dado como pronto.

Como elementos facilitadores para a preparação e construção do PPP são importantes destacarmos a comunicação, adesão voluntária, suporte institucional e financeiro, controle, acompanhamento e avaliação, ambiente agradável, credibilidade e referencial teórico.

É imprescindível ficarmos atentos a presença desses elementos, pois sem eles surgirão obstáculos à elaboração e a implantação de um instrumento inovador para a escola. Não esquecendo que, projeto novo, sempre é motivo de descrença por parte dos que acreditam que, enquanto não houver vontade política de transformar a educação, não haverá uma boa escola. Com essa visão, é imprescindível a mobilização dos que executam a educação, provocando assim, uma mudança de pensamento, e é o Projeto Político-Pedagógico, o instrumento que constitui esse processo de conscientização e formação cívica, recuperando a importância e a necessidade do planejamento na educação.

O Século XXI, era da tecnologia, iniciou marcado com um novo desafio em todos os segmentos sociais e na educação marcada com interrogações quanto à formação discente: Que tipo de educação necessita os jovens de hoje, cidadãos do futuro? Os jovens, certamente, embora não explícito em seus argumentos, esperam por uma educação contextualizada na cultura da diversidade. É a denominada sociedade de variadas culturas, que deve promover a educação do ser humano com uma multiplicidade de elementos, tais como: atitudes, valores, sentimentos, imaginação, memória, enfim, o indivíduo com formação pautada em diversas vertentes do conhecimento (GADOTTI, 2001).

Esse procedimento não se mostra fácil, exigindo-se, para isso, a criação de um instrumento que viabilize o trabalho, de forma sistemática, na escola, com definição dos rumos que esta se propõe a desenvolver. O tão falado processo trata-se de um instrumento teórico metodológico que traçam metas e desafios a serem enfrentados no cotidiano escolar de forma sistemática, consciente e participativa.

Em relação ao exposto, colocamos que, há alguns anos é bastante alardeado o nome de um tema que se encontra em destaque nas pesquisas dos estudiosos em educação, chegando até aos gestores escolares – o Projeto Político-Pedagógico (PPP). Porém, faz-se necessário questionarmos os porquês dos discursos ditos críticos e inova-

dores presentes em textos e documentos, segundo Resende (2001). Estes nem sempre traduzem a realidade da escola, promovendo, assim, um descompasso entre a teoria e a ação dos elementos que dão norte à prática pedagógica dos profissionais da educação, ficando o PPP à margem do esquecimento, como mais um documento engavetado, na maioria das instituições. Para que isso não aconteça é de suma importância que os projetos sejam, na escola, resultados de um processo coletivo, não só na construção do Projeto Político-Pedagógico, mas de qualquer documento que viabilize as ações de concretização do ensino de qualidade.

Para reforçar nossa reflexão recorremos a Resende, que afirma que

para a escola concretizar a construção de seu projeto precisa antes ter clareza do aluno, do ser cidadão que deseja alicerçar; estar organizada em princípios democráticos; valorizar o interativo e por fim, embora não menos importante, que possa contar com profissionais que priorizem as orientações teórico-metodológicas de construção coletiva do projeto (RESENDE, 2001, p. 91).

Perante a citação acima, podemos refletir e chegar ao consenso de que o desejo de se conseguir lograr êxito na elaboração e execução deste trabalho deve vir de uma atitude coletiva, e para isso, é primordial, entre outros princípios, que os segmentos da escola mostrem-se aberto às mudanças. Caso a escola não esteja disposta a construir sua formação e gerir o aprimoramento profissional e o crescimento do aluno, o processo de construção do PPP fica comprometido.

Portanto, levar em conta a relevância de se estruturar as bases teórico-metodológicas pelos segmentos educacionais existentes, evitam que tais concepções resultem em rótulos e provoquem mudanças, simplesmente, obedecendo a uma exigência legal. Reis fortalece nossa fala argumentando que a necessidade de um projeto político pedagógico na escola, antecede a qualquer decisão política ou exigência legal, já que enquanto educadores e enquanto membros da Instituição escola, deve-se ter claro a que horizonte pretendemos chegar com nossos alunos, comunidade e com a sociedade, caso contrário não estamos exercendo o papel de educador, mas simplesmente de 'aventureiro' que não sabe onde quer chegar (REIS, 2002).

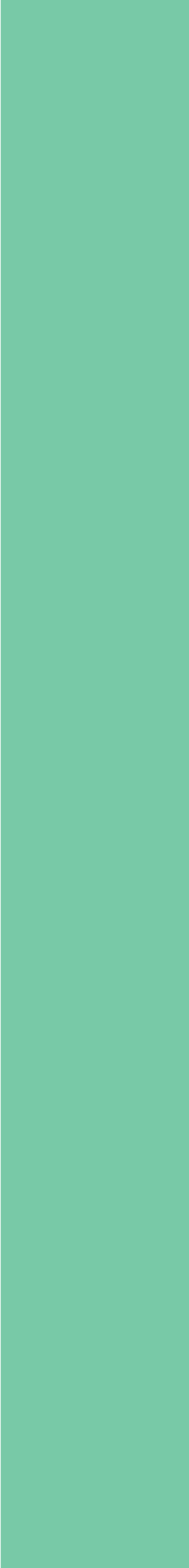
Essa citação, quando centrada em uma reflexão mais produtiva, pode proporcionar uma iniciativa positiva das pessoas que fazem a escola, tanto as que fazem a parte direta (alunos, professores, funcionário e grupo gestor) quanto as que estão fora dela (comunidade em geral), tornando imprescindível promover mudanças.





CAPÍTULO 4

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA



O presente trabalho está organizado no estudo e integração de dois recursos midiáticos: o material impresso e o computador conectado à Internet. O primeiro refere-se à aplicação de uma oficina de literatura (poesia), com produção de textos poéticos por alunos da escola pública, de forma interdisciplinar. O segundo consta de uma oportunidade de produzir no computador, usando os poemas produzidos, quadros ilustrados, usando o recurso do PowerPoint, o que denominamos de FOTOPOEMAS. O resultado dessa oficina, colocar na Internet, em especial nas redes sociais, todo material construído em sala de aula pelos alunos, produto da oficina de poesia e ilustração que foi ministrado com os alunos e alunas do ensino médio da escola pública da cidade de Morada Nova – Ceará – Egídia Cavalcante Chegas, turma B, turno manhã.

O tipo de pesquisa foi à descritiva, com um público específico, cujo fundamento consiste em analisar e descrever os porquês dos problemas, buscando identificação dos fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos (LÜDKE E ANDRÉ, 1986).

A metodologia utilizada constou da pesquisa-ação, que possibilita ao pesquisador manter uma relação de proximidade com o assunto em estudo, interagindo diretamente com os participantes.

A escolha dessa metodologia justifica-se pelo fato dela possibilitar que o pesquisador seja o mediador e faça intervenção sobre o problema social pesquisado, fazendo análise e mobilizando os participantes para a construção de novas descobertas e saberes. É por meio da pesquisa-ação que o pesquisador tem a possibilidade de refletir de forma crítica sobre suas ações.

A Pesquisa-ação, conforme Gil (2008), tem sua base empírica concebida e concretizada por meio de uma relação bem próxima à prática e, conseqüentemente, com a resolução de um problema coletivo. Os participantes desse tipo de pesquisa se envolvem de modo cooperativo ou participativo. A sua utilização, enquanto metodologia de pesquisa oferece aos participantes condições de investigar sua própria prática de maneira crítica e reflexiva. Nela estão envolvidos pesquisados e pesquisador, de forma estreita, para participar e contribuir com a solução de um problema específico e/ou estratégias para aperfeiçoamento da aprendizagem. O método de desenvolvimento do trabalho concentrou no quali(quantitativo).

O interesse de escolher o método qualitativo tem base, claro, em pretender entender o problema nas características citadas por Cassel & Symon (1994):

- a) um foco na interpretação ao invés de na quantificação: geralmente, o pesquisador qualitativo está interessado na interpretação que os próprios participantes têm da situação sob estudo;
- b) ênfase na subjetividade ao invés de na objetividade: aceita-se que a busca de objetividade é um tanto quanto inadequada, já que o foco de interesse é justamente a perspectiva dos participantes;
- c) flexibilidade no processo de conduzir a pesquisa: o pesquisador trabalha com situações complexas que não permite a definição exata e a priori dos caminhos que a pesquisa irá seguir;
- d) orientação para o processo e não para o resultado: a ênfase está no entendimento e não num objetivo pré-determinado, como na pesquisa quantitativa;
- e) preocupação com o contexto, no sentido de que o comportamento das pessoas e a situação ligam-se intimamente na formação da experiência;
- f) reconhecimento do impacto do processo de pesquisa sobre a situação de pesquisa: admite-se que o pesquisador exerce influência sobre a situação de pesquisa e é por ela também influenciado (CASSEL & SYMON, 1994, p. 127 - 129).

Apesar de abordar também a abordagem qualitativa, essa pesquisa se enquadra com mais precisão na quantitativa. Na concepção de Lüdke e André (1986), a pesquisa quantitativa

envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 13).

Trata-se de uma metodologia aplicada, pois consiste em gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigida à solução de problemas específicos, visto que envolve verdades e interesses locais sócios educacionais.

A pesquisa privilegiou também o estudo exploratório. De acordo com Gil (2008) a pesquisa exploratória permite uma maior proximidade entre o pesquisador e o tema pesquisado, considerando que este ainda é desconhecido ou pouco explorado, necessitando assim, de um estudo para o entendimento do problema. Para tanto, o pesquisador se propõe a adotar procedimentos para execução do seu trabalho, iniciando com o processo de sondagem, com vistas a enumerar ideias, descobrir intuições e construir hipóteses e, ao longo do trabalho, buscar respostas para estas.

Aplicação de uma oficina de poesia – duração de 30 horas aula – com alunos(as) do 1º ano B, turno manhã, ensino médio da Escola do Ensino Fundamental e Médio Egídia Cavalcante Chagas, da rede estadual de ensino do Ceará, Brasil.

A participação e visão dos internautas na página da oficina no Facebook, comentando sobre o tema em estudo. Uma pergunta foi dirigida aos(as) professores(as) para detectar suas opiniões sobre o uso e a integração de tecnologias educacionais para propiciar a aprendizagem de forma colaborativa (questionário no anexo 1).

O local para desenvolvimento da pesquisa de campo e aplicação da oficina poética foi a própria escola onde estudam os alunos(as) -Egídia Cavalcante Chagas, localizada no distrito Sede, na Avenida Manoel de Castro, 473, Centro, Morada Nova – Ceará.

O procedimento técnico foi embasado na pesquisa participante (CASSEL & SYMON, 1994), com interação entre o pesquisador e os membros da escola (alunos) envolvidos nos estudos através da aplicação de oficina de poesia. Nessa etapa da pesquisa elaboramos com os alunos uma oficina de produção textual, de forma específica a poesia, com a garantia de que todo o material produzido iria para o mundo virtual, onde passará por avaliação de internautas. Com essa iniciativa tivemos a possibilidade de integrar as tecnologias educacionais para favorecer a aprendizagem interdisciplinar dos(as) alunos(as). Toda a produção e digitação dos textos foram postados em redes sociais para apreciação pública (FACEBOOK). Este trabalho foi desenvolvido com as seguintes técnicas:

- Aplicação de uma oficina de poesia com alunos(as) do ensino médio (30 horas, sendo 10 presencial e 20 à distância).
- Ilustração, utilizando o PowerPoint, dos poemas produzidos (transformando os poemas em FOTOPOEMAS), através do ateliê poemático.
- Publicação das produções poéticas em rede social (Facebook).
- Análise da participação dos alunos.
- Produção de e-book pela escola e publicação na Internet, rede social Facebook.
- Aplicação de questionário com os participantes da oficina (alunos e alunas), professores da escola e internautas (questionário nos apêndices).

4.1 DESCREVENDO O LOCAL DA PESQUISA

O trabalho de pesquisa foi realizado na Escola de Ensino Fundamental e Médio Egídia Cavalcante Chagas, Localizada na Avenida Manoel de Castro, 473, Centro, Morada Nova – Ceará. Como ponto de referência podemos citar a Rua Duque Rabelo, que fica a esquerda da escola, e o Ginásio Coberto Governador Gonzaga Mota, que fica a sua direita. A escola é de ótima localização, tendo em vista que fica no centro da cidade, o que facilita o acesso de alunos, professores e funcionários em geral, que se deslocam a pé em sua grande maioria - de suas casas até chegar à escola; e outros chegam de bicicleta, motos e carros particulares, sendo estes em menor número.

A Escola de Ensino Fundamental e Médio Egídia Cavalcante Chagas, pertencente à 10ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação - CREDE 10, iniciou a sua história em Morada Nova, em 1935, originada de duas pequenas escolas isoladas, tendo como pioneiras as professoras Maria Emília Rabelo e Egídia Cavalcante Chagas. No ano de 1936, tornou-se Escola Reunida de Morada Nova. Em 1956, tornou-se

Grupo Escolar Egídia Cavalcante Chagas, em homenagem a uma das primeiras educadoras de Morada Nova, tendo funcionado como Grupo Escolar Egídia Cavalcante Chagas até 1970.

De acordo com a Lei nº 5.692/71, passou a denominar-se Escola de 1º Grau Egídia Cavalcante Chagas, e atualmente, Escola de Ensino Fundamental e Médio Egídia Cavalcante Chagas. O lema da referida Escola é: Uma escola de todos por uma educação de qualidade para todos.

Desde o início do seu funcionamento, estiveram dirigindo a referida escola as seguintes diretoras: Egídia Cavalcante Chagas, Ceci Néri Coelho, Maria Antonieta Siqueira Girão, Maria do Céu Cavalcante, Antonieta Rabelo de Castro, Maria Terceiro Chagas Maia, Maria de Lourdes Terceiro Chagas Rabelo, Maria Jucileide Luz Simões, Francisca Tereza Rabelo Almeida, Maria do Carmo Girão, Fátima Andrade Girão de Oliveira, Maria José Isaias Chagas, Maria Aurení Andrade Castilho e, na atualidade é dirigida por Sílvia Helena Claudino Brandão.

A Escola Egídia é gerenciada por um GRUPO GESTOR e uma congregação existente, formada pelo Conselho Escolar e o Grêmio Estudantil.

O Grupo Gestor é escolhido a partir de um concurso público ministrado pela Secretaria de Educação Básica do Estado do Ceará, de acordo com a Lei nº 12.861/98, de 18 de novembro de 1998, e o Decreto nº 25.297/98, de 18 de novembro de 1998. O referido concurso público acontece de acordo com um EDITAL, que estabelece as normas para o processo de escolha e indicação de Diretores das Escolas Públicas, através de Avaliação Escrita, Exame de Títulos e entrevista.

O Conselho Escolar é um órgão colegiado de caráter deliberativo, normativo, consultivo e fiscalizador/avaliativo, que atua nos assuntos referentes à gestão pedagógica, administrativa e financeira da Unidade Escola. Na Escola Egídia, o primeiro Conselho foi constituído no ano de 1997. A Composição do Conselho Escolar é feita a partir dos segmentos da escola, ou seja, alunos, pais, professores, funcionários/servidores, que mediante reunião por segmento, cada membro é escolhido de forma democrática.

O Grêmio Estudantil é um veículo de Ação Política, responsável pelo engajamento dos estudantes na discussão de problemas políticos e sociais. É um Órgão composto apenas por estudantes.

4.1.1 O primeiro contato com a escola

Para a aplicação do projeto-oficina teoria e prática poética mantivemos um primeiro contato com a professora regente da sala de multimeios da escola, no mês de agosto de 2013, para a qual expusemos nossa intenção: fazer pesquisa de campo para formatação de uma dissertação de mestrado. No primeiro momento ela aceitou de pronto a colaboração e abriu as portas da escola para a realização do projeto-oficina.

Quando falamos da metodologia de trabalho e citamos a utilização do laboratório de informática com acesso a Internet e uso das redes sociais, a mesma confessou que “as regras da escola não permitiam o uso do Facebook pelos alunos”. Explicamos que nossa metodologia previa a publicação das produções em sala de aula no Facebook, para integração de tecnologias educacionais envolvendo os três tipos de linguagens (oral, escrita e digital), para facilitar a troca de mensagens virtuais entre os (as) aluno(as) nos momentos semipresenciais, como também para conhecimento dos(as) internautas acerca do projeto para possíveis comentários.

Após minhas argumentações, a professora anunciou que precisava do aval do grupo gestor para a aplicação da nossa oficina utilizando a Internet com acesso às redes sociais. Em outra visita fomos informados de que a diretora abria mão da regra de não uso de redes sociais no horário das aulas, salientando que, caso fosse para fins exclusivamente educacionais abriria uma exceção, e assim foi feito. Essa foi a primeira quebra de paradigma conquistada com a aplicação do projeto-oficina – abrir espaço para a participação dos(as) alunos(as), para que pudessem acessar e utilizar uma rede social no horário da aula – o FACEBOOK.

Escolhemos a rede social Facebook por ser a mais acessada mundialmente; conta com mais de 1 bilhão de usuários. Conforme vemos na foto constante no anexo, em fevereiro de 2014 essa rede de relacionamento completou 10 anos de criação (figura 1).

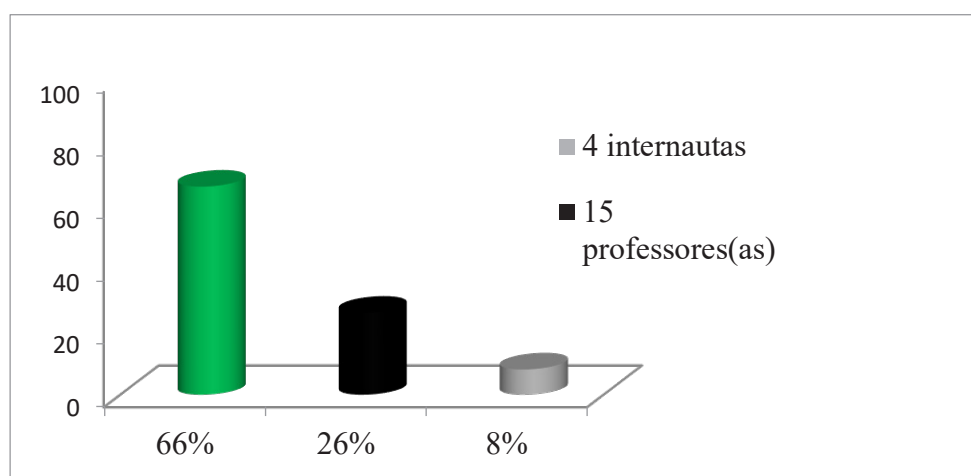
Toda a produção do projeto-oficina Teoria e Prática Poética Escola Egídia encontra-se acessível no grupo do Facebook: <https://www.facebook.com/groups/417121935077674/>

4.2 O UNIVERSO DA PESQUISA E AMOSTRA

Para o embasamento empírico da pesquisa de campo, contamos com a participação de alunos(as) do 1º ano do ensino médio da Escola do Ensino Fundamental e Médio Egídia Cavalcante Chagas, rede estadual de ensino do Ceará, Secretaria da Educação do Ceará – SEDUC, 10ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação – CREDE 10.

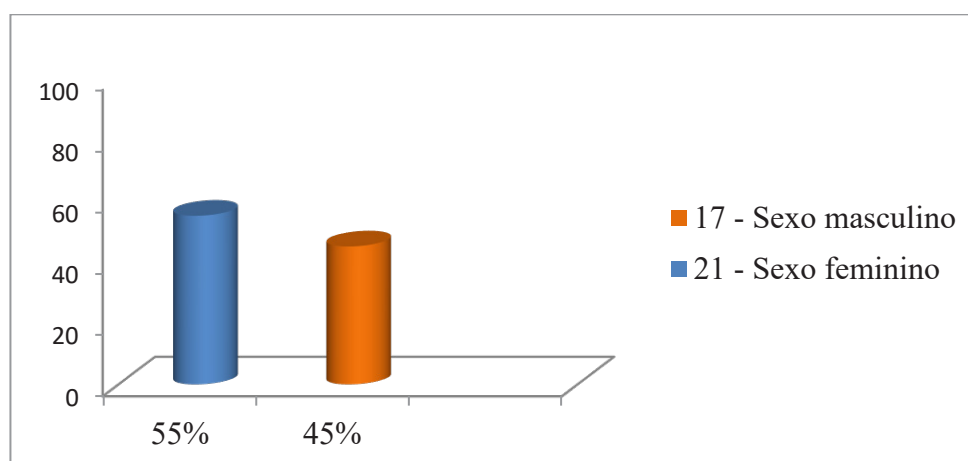
Escolhemos o ensino médio pelo fato de ser essa a etapa inicial desse nível de ensino. O 1º ano do ensino médio da escola em estudo consta com uma matrícula inicial de 358 alunos(as), divididos em 5 turmas. Desse total de alunos aplicamos a oficina para 38, turma do 1º ano B, uma amostra que representa 11% do corpo discente da escola em estudo. Tais alunos(as) também participaram da aplicação de um questionário, que também foi entregue aos 15 professores da escola. Participaram também da pesquisa de campo, respondendo ao questionário de forma virtual, quatro internautas, conforme vemos no gráfico abaixo, cuja amostra foi de 57 participantes (38 alunos, 15 professores e 4 internautas).

GRÁFICO 1 – Amostra da pesquisa



Fonte: Elaboração própria

Os alunos(as) participantes diretamente da pesquisa, através da aplicação da oficina de poesia, as idades variam entre 15 a 17 anos. A turma era composta por 38 alunos(as), sendo 21 do gênero feminino e 17 masculino, conforme vemos no gráfico abaixo:

GRÁFICO 2 – Alunos(as) por gênero

Fonte: Elaboração própria

Todos(as) foram convidados para participar da pesquisa de campo, PROJETO-O-FICINA TEORIA E PRÁTICA ESCOLA EGÍDIA, para subsidiarmos a análise empírica da dissertação ora apresentada – 38 alunos(as).

Contamos também com a colaboração da professora da turma que ministra a disciplina Língua Portuguesa, Maria do Socorro Raulino e a professora de apoio do Centro de Multimeios, Isabel Cecília Cavalcante da Silva, além do apoio integral da diretora Sílvia Helena Claudino Brandão.

Professores(as) da escola em estudo tiveram coparticipação na pesquisa de campo, respondendo apenas a segunda pergunta do mesmo questionário destinado aos alunos. Foram distribuídos 15 questionários na escola.

A participação dos internautas aconteceu de forma indireta com respostas também a mesma questão dois do questionário proposto pelo pesquisador (questionário no anexo 1). Foi dado um prazo de cinco dias para que os mesmos enviassem suas respostas para o e-mail do pesquisador. Não foi estipulada a quantidade de participantes.

4.3 TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA NA ESCOLA

Para que pudéssemos desenvolver nosso trabalho de pesquisa de campo na escola, tivemos o cuidado de legalizar nossa permanência em seu ressoito através de um termo de autorização.

Estivemos na escola em agosto de 2013 para conversar com a diretora sobre nossa proposta de realizar uma oficina de poesia para servir de base analítica para a formatação da monografia. Na primeira ida à escola a diretora estava viajando a serviço. Con-

versamos com a coordenadora do Centro de Multimeios e explicamos todo o processo de aplicação da oficina de poesia. Quando falamos da possibilidade de usar uma rede social (Facebook) na oficina, fomos informados de que, na escola, não era permitido usar rede social no horário das aulas. Mesmo assim, a coordenadora disse que colocaria para a diretora a minha proposta.

No mês de setembro/2013, fomos à segunda reunião na escola para falar sobre a oficina e solicitar o termo de consentimento, fui informado de que a escola abriria mão da regra de proibição do uso de uma rede social durante os horários de aula, concedendo assim, minha autorização para fazer a pesquisa (carta de autorização no apêndice 2). Percebemos ali que conseguimos quebrar o primeiro paradigma quanto ao uso das tecnologias nas práticas escolares do aluno.





CAPÍTULO 5

ANÁLISE DOS RESULTADOS DA OFICINA E PESQUISA DE CAMPO

Parafraseando o mestre Paulo Freire, registro que “o professor é aquele que quando está ensinando aprende, e o aluno aquele que quando está aprendendo ensina”. Nunca me sentir tão professor em minha vida quanto às trinta horas como facilitador do Projeto-oficina Teoria e Prática Poética com a turma do 1º ano B, turno manhã, da Escola do Ensino Fundamental e Médio Egídia Cavalcante Chagas.

5.1 APLICAÇÃO DA OFICINA POÉTICA

O primeiro encontro com a turma aconteceu no dia 10 de outubro no laboratório de Informática da escola, com o propósito de apresentar os objetivos do projeto-oficina e iniciar os trabalhos.

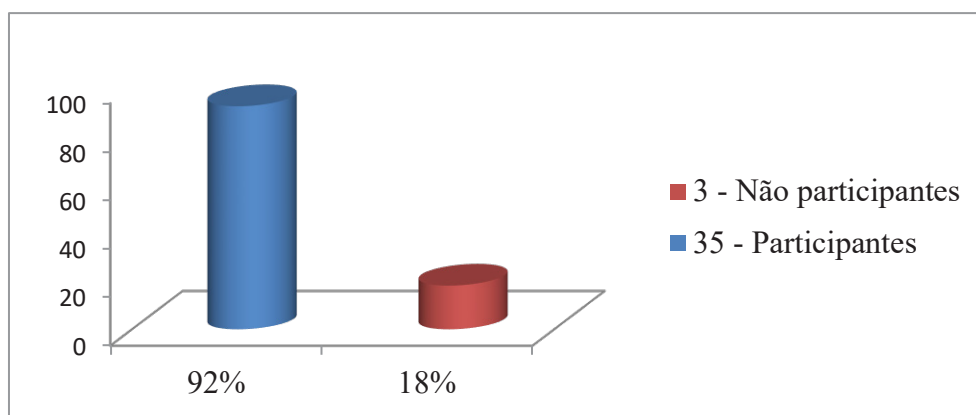
Quando falamos que seria um trabalho voltado para a construção de poesia houve alunos(as) que não quiseram participar de imediato.

Ao colocamos que teríamos acesso a uma rede social (Facebook) para a publicação das produções, a adesão à oficina foi quase unânime. Muitos argumentaram que não sabiam “fazer poesia”, mas com meus argumentos, resolveram participar e “tentar construir alguma coisa”. No anexo, temos uma fotografia de registro do primeiro encontro com a turma – figura 2.

Dos 38 alunos que participaram do primeiro encontro, apenas três não quiseram participar da oficina (gráfico 1), ficando, portanto, a turma composta por 35 alunos(as).

Ressaltamos que os três que não quiseram participar alegaram que onde moravam não tinha acesso à Internet e, portanto, não poderiam participar das atividades online.

GRÁFICO 3 – Alunos(as) que participaram e não participaram da oficina



Fonte: Elaboração própria

O gráfico acima mostra que 92% (35 alunos/as) confirmaram suas participações nas atividades da oficina de poesia, contra apenas 18% (3 alunos/as) que não quiseram participar.

Com o recurso do retroprojektor expusemos a programação da oficina, conforme ementa abaixo:

PROJETO-OFICINA TEORIA E PRÁTICA POÉTICA

Pesquisa de campo para Dissertação de mestrado em Ciências da Educação

Local: ESCOLA EGÍDIA – Turma 1º ano B

Professora: Socorro Raulino

Mestrando: Gilnei Neves Nepomuceno

I – EMENTA

Compreensão da poesia como gênero literário capaz de facilitar a aprendizagem escolar através da apreciação do mesmo. A terminologia poética, características da poesia, linguagem poética, elementos formais do poema, sugestões para a produção de poemas destinados ao público jovem.

II – OBJETIVOS

Objetivo Geral

Compreender a arte literária como ferramenta útil ao aprendizado e ascensão do cidadão na sociedade, proporcionando com esse gênero textual a formação e expansão intelectual, bem como promover a cognição, explorando, criando cenários a partir do imaginário e produzindo literatura.

Objetivos Específicos

Trabalhar técnicas de criação de versos.

Identificar os elementos formais do poema.

Orientar para a prática da separação de sílaba gramatical e sílaba poética.

Apresentar a diferença entre linguagens: denotativa (formal) e conotativa (figurada).

Familiarizar sobre gêneros literários, terminologia e características poéticas.

Mostrar a diferença entre Eu poético e o Eu ser humano.

Repassar técnicas básicas de construção de poesia.

Incentivar a criatividade.

Desenvolver a capacidade de raciocínio.

Inserir a prática de leitura.

Motivar a produção da escrita.

III - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO DA OFICINA

Gêneros literários: épico, dramático e lírico

Terminologia poética

Características da poesia: subjetividade, estrutura em versos, ritmo

Linguagem da poesia - conotativa

Elementos formais do poema: verso, estrofe, métrica, metro e rima.

Modalidades poéticas

Em seguida à apresentação dos objetivos e metodologia de aplicação do projeto-oficina, passamos a explicar como se daria a participação na rede social Facebook. Entramos em acordo acerca da exposição deles no grupo e todos(as) não fizeram objeção, pelo contrário, se sentiram envaidecidos da possibilidade de publicar suas produções no mundo virtual. A professora do Centro de Multimeios da escola que acompanhava a aula presencial colocou que, como se tratava de um projeto realizado pela escola e de cunho educativo, não havia necessidade da autorização dos pais para postagem dos trabalhos, visto que era uma atividade interdisciplinar realizada dentro do contexto escolar.

Falamos também sobre a questão do plágio¹ em relação aos textos produzidos e que todos os trabalhos seriam monitorados para evitar situações desagradáveis para a escola e para eles(as) próprios(as). Em relação ao uso das figuras para construção dos “fotopoemas” (poesia com imagem) esclarecemos que as imagens do Google poderiam ser utilizadas, desde que fossem indicadas de forma devida às fontes e endereços de onde foram retiradas.

¹ O plágio é o ato de assinar ou apresentar uma obra intelectual de qualquer natureza (texto, música, obra pictórica, fotografia, obra audiovisual, etc) contendo partes de uma obra que pertença a outra pessoa sem colocar os créditos para o autor original. No ato de plágio, o plagiador apropria-se indevidamente da obra intelectual de outra pessoa, assumindo a autoria da mesma. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pl%C3%A1gio>.

Dando prosseguimento a aula, passamos o endereço do grupo do Facebook para que todos pudessem entrar para participar das atividades online. Durante o resto da aula tratamos de criar e-mails para os(as) alunos(as) que não tinham, como também criar perfis no Facebook. É interessante colocar que os(as) alunos(as) que sabiam manusear melhor as ferramentas da Internet ajudaram os que tinham dificuldades, pois não tinham acesso à Internet em casa. Com a criação dos e-mails e perfis, todos(as) ficaram hábitos a participar e interagir durante toda a aplicação do projeto-oficina.

Como proposta de interação semipresencial, solicitamos que toda a turma entrasse no grupo criado na Internet, em casa ou em Lanhouse, solicitasse participação para que pudessem ter acesso a todas as etapas da oficina – publicando, curtindo, comentando e compartilhando as informações.

É importante registrar que o grupo do Facebook foi criado para a participação dos(as) alunos(as) com a publicação de suas produções poéticas, mas, ao final do projeto, já contava com mais de 100 (cem) usuários que solicitam participação, somando-se com os(as) alunos(as).

Na figura 3, no anexo, vemos um print(recorte) do grupo, tendo como foto de capa uma produção da oficina.

No segundo encontro presencial com a turma, iniciamos a parte teórica da oficina. Foram explanados e discutidos os seguintes assuntos no decorrer da aula:

- Gêneros literários
- Terminologia poética (poesia, poema, verso, estrofe, métrica, metro e rima)
- Linguagem da poesia (conotativa ou figurada)
- Figuras de linguagem
- Linguagem denotativa (real)
- Linguagem conotativa (figurada)

Para melhor entendimento da turma sobre a diferença entre linguagem conotativa e denotativa apresentamos um quadro demonstrativo, com exemplos:

QUADRO 2: EXEMPLOS DE VERSOS DENOTATIVO E CONOTATIVO	
Sentido denotativo	Sentido conotativo (figurado)
A cruz da estrada é sinal de morte	A cruz na estrada chora a morte
O espinho feriu meu pé	O espinho do amor feriu meus sentimentos
O sol nasce toda manhã	De manhã o sol acorda o dia
As paredes do quarto são brancas	As paredes brancas falam de solidão
Lágrimas descem dos olhos	Lágrimas molham as cortinas dos olhos
Versos de Gilnei Nepomuceno	

Fonte: Elaboração própria

Durante as aulas teóricas sempre ouvíamos e registrávamos depoimentos dos(as) participantes. Muitos relataram que não conheciam de forma mais profunda o gênero poesia e suas formas de escrita.

É imperativo colocar que, quando se fala sobre a abordagem do poema em sala de aula, em primeira instância, imaginamos que a escola venha a atender de forma satisfatória, de modo geral, pelo menos a análise formal dos poemas, explorando suas características e estruturas.

De forma histórica podemos imaginar isso porque essa modalidade de texto já existe no cotidiano escolar faz muito tempo. As rimas, as cantigas de rodas, as quadrinhas, os cordéis, os sonetos, dentre outros, são elementos que se mostram fortes de nossa cultura e vem acompanhando a educação em todos os momentos na escola.

Conforme Guebara (2005), contudo, o texto do gênero poético circula na escola, quase que exclusivamente pelo livro didático, e temos certeza que na Biblioteca da Escola tem livros paradidáticos com esse gênero. A fala dos alunos mostra que a exploração da poesia na escola não é explorada de forma adequada em relação à estrutura estética do poema.

No geral, os poemas são utilizados para outros fins como o estudo das formas gramaticais. Mas, isso não é generalizado, haja vista que muitas escolas já trabalham com projetos voltados à construção poética, embora ainda de forma tímida.

Como atividade para as aulas semipresenciais (virtual) ficou estabelecido que cada aluno(a) comporia um poema com tema livre e postaria na caixa de mensagem do grupo para apre-

ciação do professor e posterior publicação. Só poderiam publicar após uma análise. Ficando as postagens para serem realizadas no encontro seguinte.

No terceiro encontro presencial, conforme ficou acertado no encontro anterior, publicaríamos os poemas construídos nas trocas interativas através de mensagens entre alunos(as) e professor pesquisador. Surgiram no grupo os primeiros poemas construídos pela turma.

No quadro seguinte, colocamos alguns deles:

QUADRO 3 - POEMAS CONSTRUÍDOS PELA TURMA - TEMA LIVRE	
MADRUGADA É na madrugada que vejo o quanto alguém faz falta. o quanto dói ficar longe o quanto uma lagrima pesa na face É na madrugada que vem a reprise do filme mais lindo da vida. Michelle Raquel	PAPAI Papai amado Papai querido Quero você sempre ao meu lado Esteja comigo Na alegria ou na dor És o meu exemplo Do meu amor. Aldair Rabelo
O AMOR O amor nasceu em mim, Forte no meu coração, Por que eu te amo tanto? Você é meu amorzão O amor resplandeceu o meu ser Hoje, sou tudo pra você. Eu te amo, sem te não sei viver Mas, eu agora te peço: Não me faça sofrer. Esta palavra, AMOR, é pequena, Porém, tão grande em meu ser,	

O amor é tudo pra mim,
Por que eu amo você?

Se você não me quiser,
Eu prometo te deixar,
Sei que muito vou sofrer,
Contudo, um dia vai passar.

Anne Kelly Silva

Fonte: Elaboração própria

Tais poemas são frutos do pensamento dos(as) alunos(as), de forma livre. Quanto a isso, ressaltamos, segundo Deleuze (1995), que pensar é experimentar, é problematizar, é viver e é falar, pois, cada vez que se pensa, inventamos entrelaçamentos de ideias. O ato de pensar instiga o(a) aluno(a) a descobrir conhecimentos.

Com fundamento em Peres & Porto (2006), enfatizamos que os escritos dos nossos pensamentos se realizam de forma concreta com instrumentos tecnológicos, mecânicos ou eletrônicos, como a caneta e o lápis para registros em cadernos (velhas tecnologias); utilizamos o microcomputador para redigirmos nosso pensamento através do teclado, tais como cartas, e-mails, relatórios, poesias, etc., onde nos auto referenciar-mos, ou não. Tais escritas do pensamento estão expressando amor, alegrias, tristezas, desejos, fantasias, habilidade e, enfim, observações e sensações do cotidiano. A escola não pode perder de vista essas oportunidades de criação dos(as) alunos(as).

As primeiras publicações no grupo da oficina poética renderam muitas curtidas e compartilhamentos no grupo do Facebook, como também comentários entre os alunos(as), promovendo assim interatividade educacional com a troca de informações.

Continuamos com as aulas teóricas, envolvendo o estudo com algumas modalidades poéticas, a saber: DUETO, SONETO e POETRIX.

O dueto, como o próprio nome sugere, é um poema feito por dois autores. Normalmente é composto de um poema já existente. Melhor dizendo: para se compor um dueto não é necessário que as duas pessoas estejam juntas ao mesmo tempo, haja vista que podemos pegar o poema já pronto e entrelaçar nossos pensamentos, conforme observamos no exemplo seguinte (quadro 4):

QUADRO 4 - EXEMPLO DE DUETO
AMANHÃ // SEM DEPOIS Se amanhã seremos cinza, É a única certeza que temos Vamos ser fogo agora, Colocar energia no candeeiro da vida Enquanto há brasa em nossos olhos! E deslizar futurista nos trilhos do tempo Se seremos nada amanhã, Não estacionemos agora Sejamos tudo hoje, Vamos preencher os vagões e seguir Para não perdermos o trem desse tempo Com passos largos, sem hora de chegar Os ponteiros não param Que não espera ninguém! Pra ouvir as maldizências Se nosso futuro é solidão, Não vamos viver de hipóteses Vamos ser alegria agora Que não fique nada para depois (...) Félix Mariano e Gilnei Nepomuceno

Fonte: Elaboração própria

Recomendamos aos(as) alunos(as) que, ao se fazer um dueto, colocasse em evidência a escrita dos autores, conforme vemos na figura 4, onde o pensamento de um autor encontra-se em negrito. Podemos usar também cores diferentes para cada autor.

No quadro 5, vemos a produção de um dueto por um aluno e uma aluna da turma. De acordo com o que visualizamos na figura 4 (no anexo), os participantes da oficina usaram cores para a identificação da escrita dos autores do dueto. Percebemos na produção literária dos participantes da oficina um trabalho produzido de forma interativa.

QUADRO 5 - CONSTRUÇÃO DE DUETO POR ALUNO(A)

O AMOR IMPOSSÍVEL

Quem ama sofre
Com as decepções
Quem sofre sente
Quando por alguém é humilhado
Quem sente luta
Por suas realizações
Quem luta vence
Um amor que foi negado.

WallisonMayk

Zilderlene

Fonte: Elaboração própria

Dando continuidade à aula, conversamos sobre alguns pontos importantes da estrutura do soneto, salientado que este é um tipo de poesia bastante popular na língua portuguesa; tem as seguintes características:

Composição poética de 14 versos;

soneto italiano - estruturado em dois quartetos (estrofes de quatro versos) e dois tercetos (estrofes de três versos);

soneto inglês - estruturado em três quartetos (estrofes de quatro versos) e um dístico (estrofes de dois versos);

geralmente, desenvolve uma ideia no decorrer do poema;

o final do poema sintetiza o que o poeta desenvolveu (essa síntese chama-se chave do poema).

Para melhor visualização da turma quanto à estrutura de um soneto, apresentamos exemplos de soneto inglês e soneto italiano, de acordo com os quadros seguintes:

QUADRO 6 - EXEMPLO DE SONETO INGLÊS
INSÔNIA A noite fria se mostra angustiada No quintal um galo canta sem parar Anunciando os sinais da madrugada E o sono parece nunca chegar Meus olhos estremecem nas cobertas A escuridão envolve o quarto E as pálpebras, como cortinas abertas Encenam a insônia em um ato Meu corpo em paredes ilhado Mil carneirinhos já passaram pela mente Há gemidos de gatos no telhado Enquanto a caneta acaricia o papel dormente As paredes brancas anunciam a escuridão De mais uma peça que me prega a solidão Gilnei Neves Nepomuceno

Fonte: Elaboração própria

QUADRO 7 - EXEMPLO DE SONETO ITALIANO

SONETO DE FIDELIDADE

“De tudo, ao meu amor serei atento
Antes e com tal zelo e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar e ao seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive)
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

(Vinicius de Moraes)

Fonte: Elaboração própria

Concluído o estudo com as devidas explicações da construção de um soneto, começamos a estudar o poetrix.

O Poetrix é um gênero poético bem moderno. Digamos que é como um primo mais simples do haicai. Goulart Gomes, poeta baiano, nascido no ano de 1965, criou a linguagem poética POETRIX: (POE – Poesia) + (TRIX – Três), ou seja, poema de três versos e até 30 sílabas métricas.

O poetrix exige concisão (dizer muito em poucas palavras). Neste gênero poético o título não é obrigatório, mas tem uma função bem importante, pois ele pode funcionar como um quarto verso, sendo um complemento do texto ou vice-versa.

O poetrix é minimalista no que se refere ao uso das palavras, visto que, para compô-lo, devemos evitar usar artigos, conjunções, preposições, entendendo que quanto menos palavras se usar melhor fica o resultado da mensagem (porém, a supressão dessas palavras não é regra geral).

Nessa modalidade poética o título não entra na contagem das sílabas, por isto ele pode funcionar como um quarto verso.

Para exemplificar a estrutura do poetriz mostramos alguns para a turma, conforme vemos na figura 4, no anexo, e no quadro 8, abaixo.

QUADRO 8 - EXEMPLOS DE POETRIZ	
EM CÍRCULO Brincando no chão No trem da fantasia O homem vira criança Gilnei Nepomuceno	POESIA Pesca de letras Feixes de palavras Uni_versos a letrar Gilnei Nepomuceno
OLHOS DAS LETRAS As páginas dos livros Nos mostram caminhos Em viagens na leitura Gilnei Nepomuceno	SO_LETRANDO No segredo das palavras Livros traduzindo Enigmas de letras Gilnei Nepomuceno

Fonte: Elaboração própria

Ao finalizar o estudo sobre o poetriz, estudamos também sobre o duplix, que se trata de um poetriz transformado para duplix, aumentando assim a interpretação do poema. Solicitamos da turma a construção de poetriz com a temática educação e elencamos alguns, na sequência, salientando da importância contida em cada mensagem. Houve também construção de duplix.

QUADRO 9 - POETRIX CONSTRUÍDOS POR ALUNOS(AS)	
UM NOVO SOL VAI BRILHAR Com os frutos da educação E sempre estudando Serei forte e guerreiro cidadão. DIEGO SILVA DE ALMEIDA.	NA VIDA TUDO É LIÇÃO E sigo estudando, contente Assim, eu levo a vida E colho os frutos lá na frente. Guilherme Rabelo
O LIVRO CONTA SEGREDOS Nos leva para o mundo Desvenda mistérios da aprendizagem Mostra nas letras o caminho do futuro. MARIA JOSÉ LIMA NETA	A MAGIA DE APRENDER Faz-nos crescer todo dia Fazendo muita alegria À vitória é troféu da sabedoria... Patrícia Silva

Fonte: Elaboração própria

QUADRO 10 - CONSTRUÇÃO DE DUPLIX POR ALUNOS(AS)
A MAGIA DE APRENDER / APRENDER É VIVER Faz-nos crescer todo dia / No mundo do conhecimento Fazendo muita alegria / Sem medo de sonhar, aprendendo A vitória é troféu da sabedoria... / Vivendo cada momento Patrícia Silva / Guilherme Rabelo

Fonte: Elaboração própria

Durante a construção dos poemas pelos alunos, registramos algumas falas que saem de formas espontâneas. Dentre elas uma chamou a atenção, quando um aluno disse a seguinte frase: “nunca pensei que fazer poesia fosse tão bom, vou fazer mais”. Esse tipo de comentário emociona até o mais frio dos professores, pois vem recheado de uma honestidade ímpar e muito mais ainda de perceber que vale apenas ensinar e aprender dentro de um contexto escolar. As palavras do aluno saíram de uma forma tão natural e empolgante que fez aflorar nossa emoção.

Nesse momento, fiquei indagando sobre o fato da escola não permitir o uso das redes sociais. Esse aluno, com certeza, nunca iria aprender a gostar de poesia.

As figuras seguintes registram o uso de uma rede social na Escola Egídia pela primeira vez durante as aulas. Nas imagens contidas na figura 5 (ver anexo) vemos alunos(as) postando suas produções, bem como curtindo e compartilhando as produções dos(as) colegas de turma.

Como era de se esperar, também ouvimos comentários quanto ao uso do Facebook na escola. Uma aluna disse a seguinte exclamação: “eu não acredito que a diretora tenha permitido usar o Facebook!”. Quanto a isso, intervimos dizendo que estava liberado para fins educacionais, visto que alguns ousaram em abrir seus perfis sociais, o que é natural. Com certeza foi um momento especial para os(as) alunos(as) e muito mais ainda para o professor/pesquisador presenciar a produção poética da turma.

Como proposta para as atividades à distância, sugerimos que alunos e alunas continuassem suas produções em casa e mandassem via mensagem para o professor para apreciação e, depois de aprovadas, postarem no grupo.

Nos quarto e quinto encontros, dedicamos as aulas para a explicação e criação de FOTOPOEMAS utilizando o recurso tecnológico do computador, com o programa PowerPoint, cuja técnica a denominamos de ateliê poemático.

O ATELIÊ POEMÁTICO ou FOTOPOEMAS trata-se de uma ideia criada pelo pesquisador desse trabalho com a intenção de integrar a poesia a outras formas artísticas, como fotografias, paisagens, ilustrações e outras formas de interações.

A proposta foi criar ilustração para os poemas construídos durante o decorrer da oficina. As figuras utilizadas, explicamos para a turma, poderiam ser produzidas ou retiradas de livros e sites, contando que fosse dado o devido crédito ao autor.

Para facilitar o aprendizado com a criação de artes a partir do PowerPoint, a turma comparecia ao laboratório de informática por equipe. Enquanto uma equipe estava com o professor pesquisador o restante da turma ficava com a professora na sala de aula realizando outras atividades.

Os grupos com o professor-pesquisador ficavam por vinte minutos, voltando para a sala de aula e vindo outro grupo. Assim, todos os(as) alunos(as) participaram da oficina do ateliê poético.

A figura 6 (ver no anexo – figuras do corpo do texto) mostra um dos momentos de interação do professor-pesquisador repassando o passo a passo da construção artística através do PowerPoint.

Entre os encontros presenciais e semipresenciais, na sala de aula e através de interações via mensagem pelo grupo do Facebook, foram criados 20 FOTOPOEMAS com os alunos. É um número muito bom, considerando que foi a primeira vez que eles(as) tiveram contato com esse tipo de recurso tecnológico na escola. Para ilustrar a produção dos(as) alunos colocamos, na figura 7, contida no anexo, um fotopoema produto da oficina.

Nesta figura (7, no anexo), vemos um POETRIX que virou DUPLIX e se transformou em um FOTOPOEMA. Aqui tivemos a interação de três alunos para chegarmos à arte final. Um fez o poetrix, outro o duplex e um terceiro fez a arte.

Com esse exercício de promover a integração de tecnologias educacionais, enfatizamos, de acordo com Kesnki (2001) que

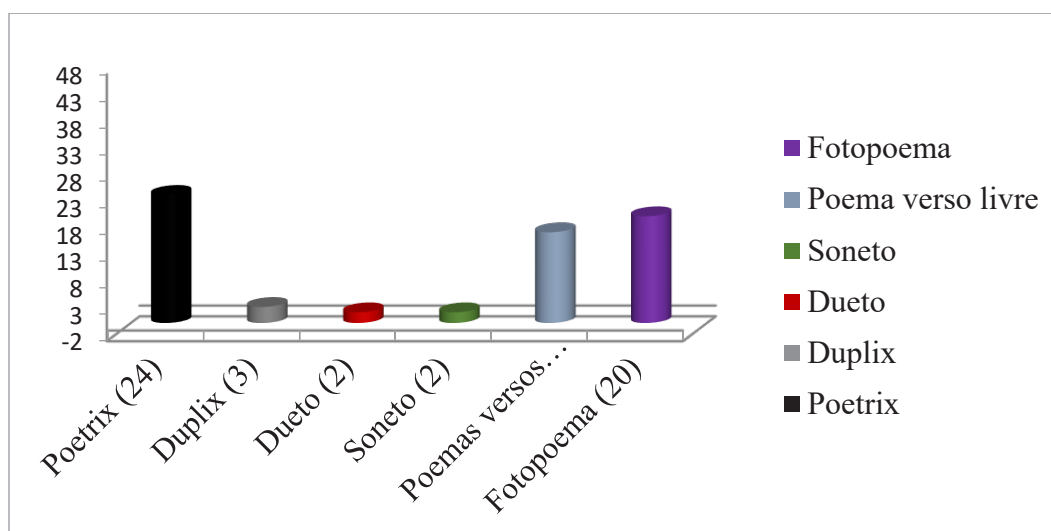
o desafio é o de inventar e descobrir usos criativos da tecnologia educacional que inspirem professores e alunos a gostar de aprender, para sempre. A proposta é ampliar o sentido de educar e reinventar a função da escola, abrindo-a para novos projetos e oportunidades, que ofereçam condições de ir além da formação para o consumo e a produção. (...) os projetos educacionais desenvolvidos via rede não podem ser pensados apenas como uma forma diferenciada de promover o ensino. (...) eles viabilizam o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da gestão da educação em caminhos novos e diferenciados (KANSKI, 2001, pp. 67-68).

Pelo enunciado do autor, podemos acrescentar que, o uso integrado das tecnologias (velhas e novas) na educação, necessita da adoção de novas abordagens pedagógicas, novos caminhos que acabem com o isolamento da escola e a coloque em permanente situação de diálogo e cooperação entre seus principais segmentos, a começar pelos alunos, ouvindo-os, e estender essa ação para a família e demais instâncias escolares.

Por falar em família, a figura 8 que encontra-se no anexo, revela o desejo de um dos participantes da oficina de ter o pai sempre ao seu lado. A arte criada pelo aluno revela seu desejo de ter a companhia do pai colaborando no seu crescimento, isso fica bem evidente quando diz em forma poética “quero você sempre do meu lado (...) na alegria ou na dor”. Que pai não se emocionaria caso visse essa mensagem em sua linha do tempo ou postada em seu perfil no Facebook? Ou recebesse a mensagem através de um cartão? Esses tipos de atitudes enobrecem o homem e faz bem às relações sociais e familiares.

Durante as trinta horas das atividades teóricas e práticas da Oficina Poética Escola Egídia, foram construídos 48 poemas nas modalidades poetrix(24), duplix(3), duetos(2), sonetos(2) e poema verso livre(17); 20 fotopoemas, totalizando assim 68 produções no geral, de acordo com o que observamos no gráfico seguinte:

GRÁFICO 4 - Produções literárias dos(as) alunos(as)



Fonte: Elaboração própria

Todas as produções literárias e criações artísticas constantes no gráfico acima estão publicadas no grupo criado no Facebook, na seguinte página:

<https://www.facebook.com/groups/417121935077674/> -

Até o final da oficina tínhamos mais 2.830 (duas mil oitocentos e trinta) visualizações, além das curtidas e compartilhamentos.

Terminada as atividades proposta com a realização do projeto com a turma de alunos(as), solicitamos destes uma avaliação do trabalho propondo dois questionamento, cujas perguntas estão no anexo. Foram apenas duas perguntas, sendo que alunos e alunas responderam as duas, enquanto professores e internautas responderam somente a segunda questão. Os professores que responderam a questão proposta são da escola onde o projeto foi desenvolvido. Chamamos de internauta as pessoas que acessaram o grupo do Facebook onde se encontram as etapas do projeto e as produções dos participantes (alunos e alunas).

5.2 VISÃO DOS PARTICIPANTES (ALUNOS E ALUNAS) SOBRE A IMPORTÂNCIA DO PROJETO-OFICINA

Ao finalizar as atividades do projeto-oficina com alunos(as), solicitamos deles(as) uma avaliação do projeto e do uso das tecnologias na educação. Todos os participantes responderam o questionário. Devido a semelhança nas respostas pegamos como amostra a resposta de 10 alunos(as). Foram somente dois questionamentos (questionário no apêndice), cujas respostas se encontram abaixo.

Na sequência, expomos e comentamos as respostas dos(as) alunos(as) à *primeira questão*: Qual sua avaliação sobre a importância do Projeto-oficina Teoria e Prática Poética Escola Egídia para seu crescimento educacional?

Aluno 1 – “Eu adorei o projeto-oficina que ensinou a fazer poesia. Agora eu sou poeta, KKKKKKKKK e vou fazer mais poesia”.

Aluno 2 – “Eu achei bom, pois todos nós aprendemos mais o que está no nosso cotidiano, e ter um futuro mais realizado, cheio de conhecimentos e conquistas”.

Aluno 3 – “Eu achei bom, pois todas as aulas foram bastante interessantes e a gente aprendeu muitas coisas legais e também aprendemos melhor. Ah, como é bom a interação das tecnologias em nossas vidas!”.

Aluno 4 – “A importância dos projetos é conhecer, ou seja, saber fazer uma poesia correta. É muito legal e ajuda muito na aprendizagem dos alunos”.

Aluno 5 – “A importância é que nós aprendemos novas coisas com atos e práticas diferentes, e ao mesmo tempo aperfeiçoamos nossos conhecimentos”.

Aluno 6 – “Adorei aprender a fazer poesia. Nunca pensei que ia fazer uma um dia”.

Aluno 7 – “Foi importante porque fizemos poesia e colocamos no Facebook e meu nome tá lá como poetisa. Gostei”.

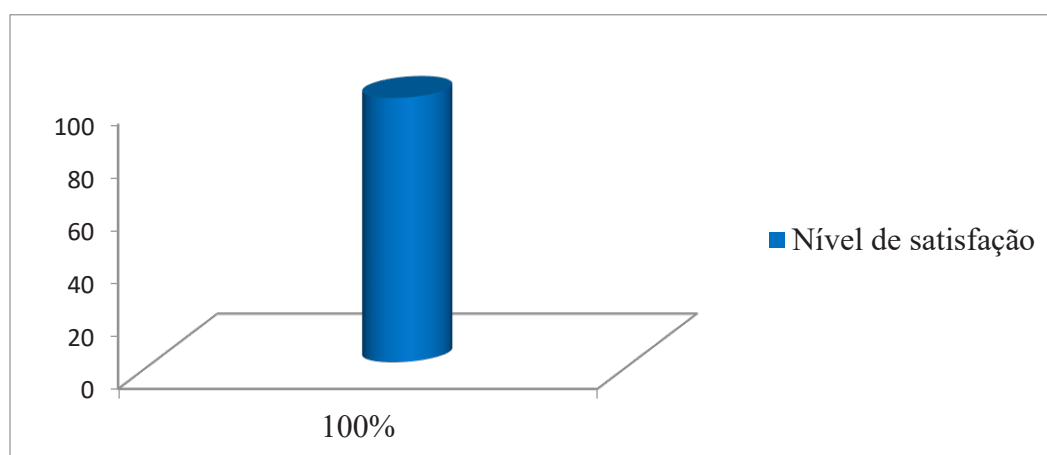
Aluno 8 – “Pra mim foi bom demais, pois aprendi coisas novas, fazer poesia e foto-poema e publicar na rede social”.

Aluno 9 – “Adorei demais. Foi uma aula diferente”.

Aluno 10 – “Eu adorei o projeto-oficina que mostrou outras formas de ensinar. Aprendi a fazer poesia e achava que nunca ia fazer uma”.

Como percebemos, dez alunos(as) responderam o questionário e todos(as) demonstraram muita satisfação em ter participado do projeto na escola, conforme vemos no gráfico 5:

GRÁFICO 5 – Pergunta 1: nível de satisfação do(a) aluno(a) com o projeto



Fonte: Elaboração própria

Com o percentual de 100% de aprovação, notamos que, de acordo com as respostas dos(as) alunos(as) participantes do projeto-oficina, este trata-se, portanto, no que se refere à satisfação de todos(as), de atividades realizadas com base na interação social, colaborativa, compartilhada, cheia de significados aceitos de forma social, mostrando o aluno como um sujeito ativo na sociedade, capaz de produzir e reproduzir seu cotidiano e conhecimentos.

Nas etapas do projeto-oficina privilegiamos e mediamos a aprendizagem daquilo que o aluno desconhece, no caso a poesia, criando estratégias, levando-o a tornar-se independente em sua criação independente e preparando-o para interagir dentro dos espaços de diálogos com seus colegas e internautas. Tal trabalho se enquadra dentro da teoria interacionista da aprendizagem, que pressupõe formar um aluno crítico e criativo, com capacidade de interagir com o meio social através da realização de atividades coletivas e trocas de experiências envolvendo a realidade dos sujeitos participantes das atividades.

Essa realidade existencial do sujeito mostra muito significado quando constatamos que pode possibilitar uma melhor compreensão com a ajuda da vivência e convivência quem mantemos com o mundo das formas e ideias através das interações sociais.

Frente a isso e considerando a multiplicidade dos sentidos de nossa cultura, é que o educando pode apreender e aprender com aqueles que o levam à compreensão...

... e nisto reside a capacidade criadora: construir, a partir do existente, um sentido que norteie nossa ação enquanto indivíduos. Ou seja: reside na busca de nossos valores, dentre os inúmeros provenientes da estrutura cultural. A educação que pura e simplesmente transmite valores asfixia a avaliação como ato. O ato de valorização e significação somente se origina na vida concretamente vivida; valores e significados impostos tornam-se, portanto, insignificantes. A educação é, fundamentalmente, um

ato carregado de características lúdicas e estéticas. Nela procura-se que o educando construa sua existência ordenadamente, isto é, harmonizando experiências e significações simbólicas desconectados de experiências são vazios, são insignificantes para o indivíduo. Quando a educação não leva o sujeito a criar significações fundadas em sua vida, ela se torna simples adestramento: um condicionamento a partir de meros sinais (DUARTE JUNIOR, 1981, p. 56).

A educação precisa ter como foco principal modificar o modo de ver do(a) aluno(a) e sua relação com o mundo. E isso deve ser um exercício que precisa ser feito de forma coletiva, pois é um fator de suma importância para o enriquecimento e para o desenvolvimento do ser humano, a formação de sua autoestima e a valorização do trabalho coletivo.

As respostas dos(as) alunos(as) em relação à avaliação do projeto-oficina ministrado pelo pesquisador mostraram que foi trabalhada a autoestima dos participantes, quando em suas respostas ao questionário revelam que ficaram orgulhosos de terem escrito os poemas e estes estarem sendo apreciados por outras pessoas através da rede social Facebook.

Em seguida passamos a registrar e comentar as respostas dos(as) alunos(as) à *segunda questão*:

Sobre a integração das tecnologias educacionais para promover conhecimento, você acha que usar uma rede social (Facebook) pode ajudar no processo de ensino-aprendizagem? () Sim () Não. – comente sua resposta.

Aluno 1 – “Sim. Tem que usar pra escola postar os nossos trabalhos”.

Aluno 2 – “Sim. Pois nós sempre estamos ligados no que pode nos proporcionar conhecimento, nas coisas e ter mais aprendizagem, para que possamos ver o mundo de outra maneira”.

Aluno 3 – “Sim. Pode ajudar e muito, pois uma rede social pode contribuir e muito na aprendizagem”.

Aluno 4 – “Sim. Porque interage com pessoas que você não conhece”.

Aluno 5 – “Sim, pois é um modo de aprendizado diferente, é fácil e diversificado, e com esse modo os alunos compreendem e participam mais”.

Aluno 6 – “Sim. Hoje a escola tem que deixar os alunos acessar a Internet, ela tá em todo lugar”.

Aluno 7 – “Sim. Claro que sim. A gente aprende com as postagens das outras pessoas”.

Aluno 8 – “Sim. A gente pode aprender, pois coloca nossas poesias e podemos ler a dos outros alunos e aprende mais”.

Aluno 9 – “Sim. Claro que pode ajudar no nosso crescimento. É uma pena que a escola não deixe usar as redes sociais”.

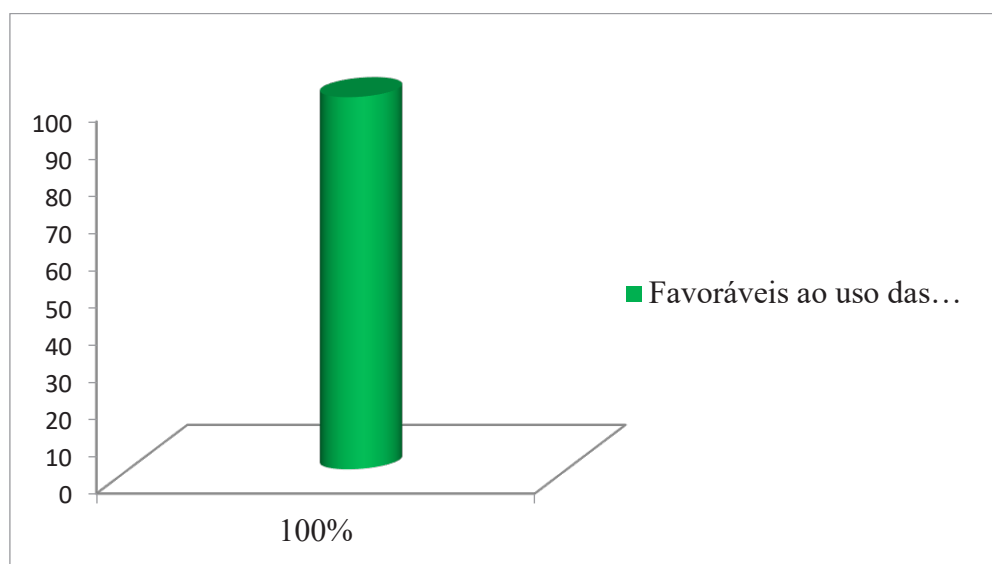
Aluno 10 – “Sim, pois a gente publica os nossos trabalhos e ler os de outras pessoas”.

De forma unânime, os(as) dez alunos(as) confirmaram que é possível utilizar uma rede social para adquirir conhecimento, considerando todos(as) que trabalhar com in-

teração de tecnologias há maior facilidade de se firmar interação entre alunos e que a escola pode usar o recurso da Internet, por exemplo, para publicar os trabalhos dos(as) alunos(as). Alguns colocaram que aprendem com as postagens de outros alunos.

O gráfico abaixo mostra que 100% dos alunos acreditam que usar a integração de tecnologias é fundamental para se promover uma melhor educação.

GRÁFICO 6 – pergunta 2 para alunos(as) quanto à integração das tecnologias na educação



Fonte: Elaboração própria

Quanto as resposta dos(as) alunos(as) no tocante a integração de tecnologias educacionais para favorecer o conhecimento, podemos reconhecer que, com o advento da informação, as tecnologias surgem como pano de fundo para inserir novos modelos de planos de aula e essa prática inaugura um novo tipo de aluno que também é intitulado de cidadão virtual. Com isso, a educação moderna quebra o paradigma do aluno cliente da educação bancária, vendo-o um ser capaz de conviver no meio de constantes mudanças, e essas mudanças também podem acontecer em seu modo de aprender.

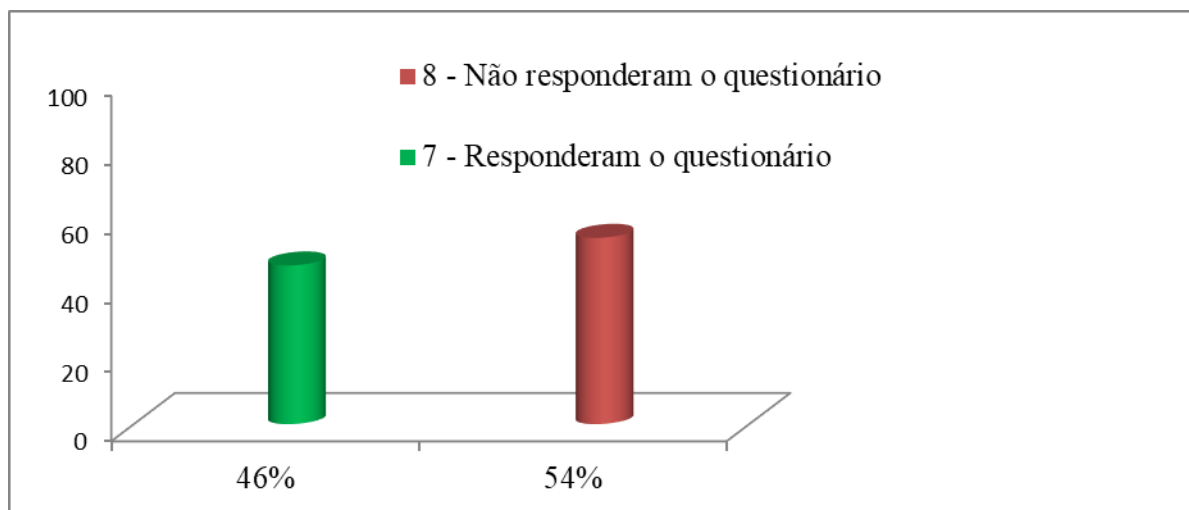
5.3 VISÃO DE PROFESSORES SOBRE A INTEGRAÇÃO DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS NA APRENDIZAGEM

Para colher a visão de professores e internautas sobre a integração de tecnologias educacionais, colocamos uma questão no grupo do Facebook. Entregamos a questão em uma folha impressa para 15 professores(as) que trabalham na Escola Egídia Cavalcante Chagas, onde foi realizado o projeto-oficina poética.

Ficou esclarecido que a resposta poderia ser entregue pessoalmente ou pelo e-mail do pesquisador, como também via grupo do Facebook. Como já citado anteriormente, eles responderam apenas a questão dois do questionário.

Questão 2 - Sobre a integração de tecnologias educacionais para promover conhecimento, você acha que usar uma rede social (Facebook) pode ajudar no processo de ensino-aprendizagem? () Sim () Não – comente sua resposta. Dos 15 (quinze) questionários distribuídos, recebemos de volta apenas sete de professores(as) que responderam os questionário, contribuindo com suas respostas quanto a essa questão, conforme mostra o gráfico 7:

GRÁFICO 7 – Participação de professores(as) na pesquisa



Fonte: Elaboração própria

Em relação à pergunta, sobre a integração de tecnologias educacionais para promover o conhecimento, obtivemos as seguintes respostas dos professores da Escola Egídia:

Professor(a)1 – “Não. Porque, na realidade, as pessoas não acessam esse meio de comunicação para adquirir novos conhecimentos, mas sim para “fofocas” e conversa que não tem contribuição para a educação”.

Professor(a) 2 – “Sim. Tudo depende de com foi direcionado o trabalho pelo corpo docente”.

Professor(a) 3 – “Sim. Tendo em vista que a produção textual, sobretudo de gêneros textuais ligados as mídias e crucial no desenvolvimento intelectual e interacional entre membros que compartilham valores ideológicos afins, portanto, o uso desse recurso para fins pedagógicos e essencial para uma comunicação ativa e moderna”.

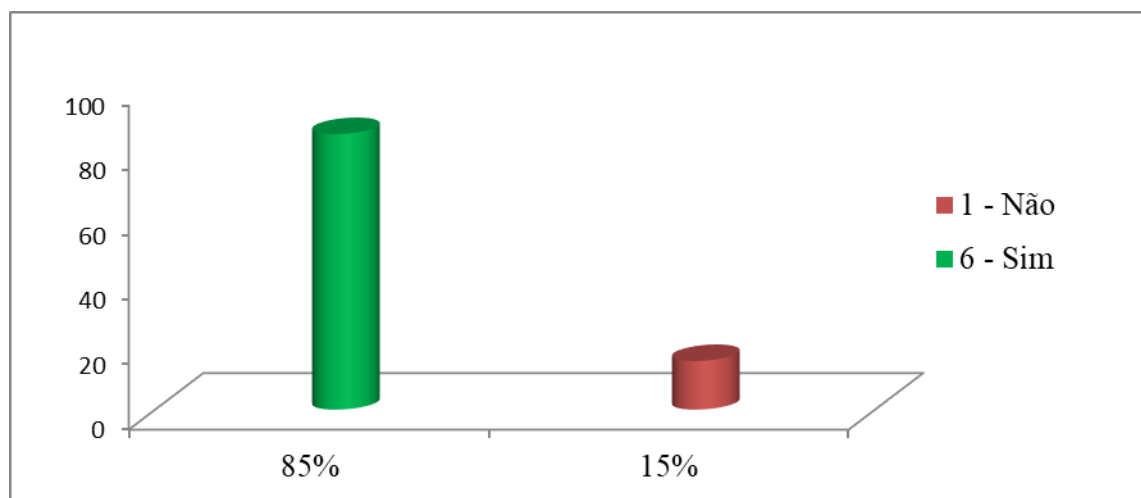
Professor(a)4 – “Sim. O Facebook oferece diversas oportunidades de aprendizagem desde a forma de escrever ate na diversidade de informações que faz circular”.

Professor(a)5 – “Sim. Sabemos que atualmente as tecnologias permeiam toda nossa vida, portanto as tecnologias educacionais promovem um avanço no processo de ensino-aprendizagem de nossos jovens”.

Professor(a)6 – “Sim, embora não tenho uma postura bem definida em relação a essa questão. Acredito que possa ajudar sim mas, dependendo de inúmeros fatores, podemos facilmente obter um resultado inverso ao que era esperado”.

Professor(a)7 – “Sim. Com certeza o uso das tecnologias sendo utilizadas com objetivos educacionais, ou seja, para promover a aprendizagem é um meio eficaz de grande importância para os docentes e discentes no dia-a-dia”.

GRÁFICO 8 – Professores(as) e o uso de rede social na aprendizagem



Fonte: Elaboração própria

O gráfico 8 mostra que 85%, seis dos professores que responderam o questionário confirmam que usar uma rede social pode promover a aprendizagem, contra apenas um professor (15%) que marcou a opção “não” da resposta, justificando que as pessoas não acessavam a rede social Facebook para adquirir conhecimento, mas apenas para “focar”. Vinda de um professor, essa resposta é preocupante e mostra-se totalmente contrária à opinião dos demais professores e dos alunos, que asseguram a possibilidade de se aprofundar os conhecimentos nas interações e convívios das redes sociais. A resposta soou muito radical e cheia do autoritarismo que sempre pautou a educação. A prática das “focas” é uma cultura típica do ser humano. Podemos dizer que o Facebook, para muitos que fazem esse tipo de atividade, é apenas uma extensão da calçada.

Nos estudos de Esnaola & Alonso (2006)

Desde todos los tiempos, el saber há conservado esa peculiaridad de su origen centralizado en las figuras de autoridad que deseñaban las estrategias de intervención sobre los sujetos que debían iniciarse en las instituciones de control social (...)(ESNAOLA & ALONSO, 2006, p. 23).

Salientamos que, por conta desse tipo de pensamento, a escola é castrada em sua cultura de fazer uma educação participativa. Não podemos viver em uma sociedade educacional com os valores éticos em segundo plano. A educação precisa se mostrar alerta e trabalhar no resgate do tempo perdido pelo autoritarismo tradicional. Os professores têm um papel de extrema importância nesse resgate, e agir conforme os questionamentos e sugestões de quem precisa dela para adquirir conhecimentos – alunos e alunas.

Um professor colocou que não tem uma posição definida sobre o assunto, mas assegurou que pode haver integração de tecnologias, desde que esta aconteça com base em um planejamento capaz de obter êxito, para que o resultado não aconteça inverso do que se pretende.

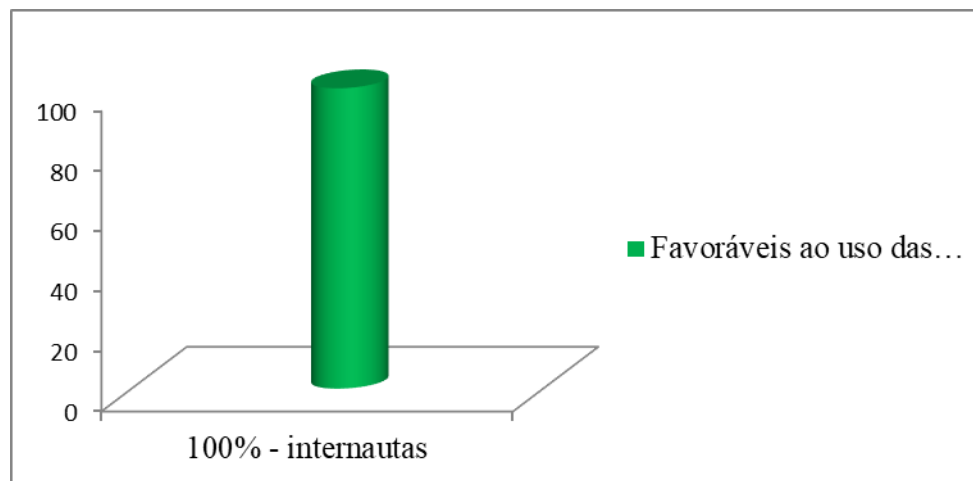
Os(as) demais professores(as) responderam que “sim”, pois as tecnologias já é um fato concreto e a escola não pode ficar alheia a esses recursos para auxiliar de forma mais abrangente na sua atuação para explorar e desenvolver o conhecimento.

5.4 VISÃO DE INTERNAUTAS SOBRE A INTEGRAÇÃO DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS NA APRENDIZAGEM

Não especificamos o número de internautas a ser indagado sobre a pergunta do questionário (pergunta dois, somente). Solicitamos suas respostas através do grupo do Facebook criado para postagem das produções literárias da oficina.

Questão 2 - Sobre a integração de tecnologias educacionais para promover conhecimento, você acha que usar uma rede social (Facebook) pode ajudar no processo de ensino-aprendizagem? () Sim () Não – comente sua resposta. Recebemos respostas de quatro internautas e todos(as) indicaram a opção sim, conforme vemos no gráfico 9.

GRÁFICO 9 – Internautas e o uso de rede social na aprendizagem



Fonte: elaboração própria

Em relação aos comentários dos internautas à pergunta, obtivemos as seguintes respostas:

Internauta 1 – “Sim. As redes sociais são meios de comunicações que facilitam a interação do indivíduo com o meio. Porém, muitos as utilizam de maneira errada. Com relação ao ensino-aprendizagem é de muita importância para o feedback, troca de experiências, dentre outras”.

Internauta2 – “Sim. Trabalhar a prática poética, a vocação, pois pode fazer nascer, ressuscitar, esse dom adormecido em alguém... melhor inspirar que forçar... parabéns, tem que usar a rede para promover esse dom e a educação...”.

Internauta3 – “Sim, pois pelas produções que vi no grupo do Facebook tenho certeza que as redes sociais devem ser utilizadas na educação”.

Internauta 4 – “Sim, não tenho a menor dúvida”.

Pelas respostas salientamos que a escola precisa realizar sua função social em relação ao ensino, focando a aprendizagem dos conteúdos dos livros didáticos, como também a presente na sociedade, como as novas tecnologias.

Os internautas nos dão a ideia de que a educação deve ser um processo integral, e que deve está presente em todos os momentos da vida e não somente no interior da escola. Perante isso, o professor precisa adotar dois papéis: contribuir na aprendizagem de conteúdos e ser um intermediário para promover uma melhor compreensão das capacidades de crescimento do homem enquanto estudante.

Para tanto, tais papéis não dependem somente da tecnologia, ela é somente mais um meio; depende da atitude do educador e do estudante querer aderir ao processo de assimilar conhecimentos.

Moran (1998) assevera, no que diz respeito à integração de tecnologias educacionais, que é preciso haver uma inter-relação maior das tecnologias e das metodologias de trabalhar com o oral, a escrita e o audiovisual. Não há necessidade de deixar de lado as formas já conhecidas pelas tecnologias telemáticas, só porque estão na moda. Ao integrarmos às tecnologias novas e as já conhecidas, iremos utilizá-las como mediação facilitadora de processo de ensinar e aprender de forma participativa.

Mesmo diante dos avanços tecnológicos existentes na sociedade atual, a situação de acesso à Internet na escola pesquisada é muito precária. Lá existem dois laboratórios de informática com acesso à Internet, mas o sinal da Internet é muito lento e se perde muito tempo, pois a conexão cai na hora das explicações, os documentos costumam a ser carregados para publicação, e com isso, se perde muito tempo, causando, inclusive, mal estar entre os(as) alunos(as) e professores.

Mesmo diante de inúmeros problemas de conexão a Escola do Ensino Fundamental e Médio Egídia Cavalcante Chagas, tem um blog no endereço eletrônico: <http://leiegidiacavalcante.blogspot.com.br/> (destina-se a acompanhar as ações desenvolvidas no Laboratório Educacional de Informática 1, no sentido de qualificar e promover a formação de educadores e educandos, preparando-os para um melhor convívio em sociedade).

Acessando esse blog, podemos constatar que a escola trabalha muito com a pedagogia de projetos e todo material produzido é publicado no blog da escola através das ações do Centro de Multimeios. Esse Centro de Multimeios da Escola Egídia é o conjunto formado pelos espaços da biblioteca, banco de livros, sala de leitura, sala de vídeo e laboratório de informática, que funcionam como ambientes estimulantes da aprendizagem.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo trabalho realizado, conclui-se que é possível a integração de tecnologias educacionais, através da colaboração e interação na aprendizagem promovendo as possibilidades de *feedback* imediato, de simulação de situações e fenômenos; a facilidade de construção e reconstrução de textos, a capacidade de movimentação de figuras na tela de um computador, ou até mesmo o uso de códigos de comando por meio de ordens claras, diretas e lógicas.

Todos(as) os(as) alunos que participaram da oficina poética se mostraram satisfeitos e apontaram como satisfatória a metodologia de se trabalhar com a integração de tecnologias à educação através de projetos interdisciplinares, bem como o uso de uma rede social para a publicação e divulgação de seus trabalhos. Quanto aos professores investigados sobre esse assunto, alguns se mostraram contra ao uso de uma rede social nas dinâmicas escolas, mas a maioria registrou totalmente favorável esse recurso. Os internautas que acompanharam os trabalhos da oficina publicados no grupo do Facebook também se mostraram favoráveis ao uso das tecnologias para promover o conhecimento. Assim sendo, estas novas exigências vigentes na sociedade, agregada ao crescente aumento tecnológico em todos os segmentos sociais, indicam transformações no modo de pensar e resolver problemas dos indivíduos, os quais, a realidade escolar não pode ficar de fora.

O objeto de pesquisa, ministrar uma oficina de poesia integrando as tecnologias educacionais de forma interdisciplinar foi cumprido, visto que todas as etapas foram realizadas com sucesso, considerando o problema, objetivos geral e específicos, hipóteses e variáveis.

O objetivo geral “Elaborar um projeto-oficina de poesia integrando tecnologias para favorecer o conhecimento em literatura de forma interdisciplinar” foi atingido em sua íntegra. Todas as 30 horas-aula previstas na oficina foram concluídas com êxito, bem como a integração de tecnologias educacionais atingiu seu a proposta de trabalho com a turma de alunos do 1º ano do ensino médio da Escola Egídia Cavalcante.

Todos os objetivos específicos da pesquisa foram alcançados: foi identificada a evolução das tecnologias vigentes na sociedade, ao tempo em que também eram explanadas suas aplicações favoráveis à aprendizagem, quando da realização da pesquisa bibliográfica; o desenho e aplicação de uma proposta interdisciplinar de integração das tecnologias educacionais na produção de estudos literários através de uma oficina de poesia foi estruturado de forma a promover o interesse dos alunos em participar de todas as suas etapas, que foram realizadas de acordo com o planejamento – foram 10 encontros presenciais com a explicação do conteúdo programático e construção da produção literária pelos(as) alunos(as), as quais se encontram no anexo, além dos en-

contos online que superaram as expectativas – entre um encontro presencial e outro o pesquisador fazia interações à distância com os alunos, revendo as produções, aperfeiçoando-as e postando no grupo do Facebook; foi detectado os benefícios da proposta interdisciplinar de ensino no processo de ensino-aprendizagem, na visão dos alunos e professores, e também de internautas, conforme mostra os resultados da análise, haja vista que todos que participaram da pesquisa contribuíram com os dados empíricos, com a aplicação do questionário, com suas opiniões no tocante à integração de tecnologias à educação de forma interdisciplinar, para favorecer o conhecimento.

Consolidando as considerações sobre os objetivos da pesquisa, verifica-se que, além de conseguir integrar tecnologias educacionais com a aplicação desse projeto-oficina, foi trabalhado, também, a promoção da interdisciplinaridade através do trabalho oral, escrito, digital e audiovisual com os participantes. Para tanto, utilizou-se as seguintes tecnologias: papel, caneta, livros, apostilas, Data show, computador, Internet e rede social, em um projeto-oficina ministrado de forma interdisciplinar.

Ressalta-se, pelo exposto que, que mudanças possam ser feitas no modo de ensinar são necessários utilizar nas práticas educativas instrumentos de análises capazes de ajudar no discernimento sobre quais as mídias ou recursos são mais adequados para favorecer êxito ao ensino aprendizagem, de forma integrada.

Considera-se que seria um equívoco quebrar de forma radical o método atual de ensino nas escolas. Substituir a metodologia tradicional por novas tecnologias de ensino não é tão fácil. Este fato é constatado quando nos apercebemos que a metodologia tradicional está arraigada na prática pedagógica dos professores, e mudar esse paradigma metodológico só poderá acontecer em longo prazo, de forma gradativa, iniciando pela formação continuada dos profissionais que fazem educação.

É verdade que a introdução de computadores conectados à Internet e outros recursos tecnológicos nas escolas já é uma realidade, embora ainda aconteça de forma pouco praticável.

Diante disso, coloca-se que o computador dotado de Internet, sozinho, é apenas uma máquina. Para garantir sua funcionalidade, é inerente que o professor saiba aproveitar de forma positiva seu uso, como também das demais mídias, como o vídeo, a rádio web, a televisão e outras ferramentas propícias à aprendizagem, incluindo aqui o livro didático. O computador também pode ser um grande livro, com seus hiperlinks e hipertextos.

Parece óbvio, pois, que é necessário introduzir no ensino métodos novos e mais eficientes, que levem o aluno a melhores desempenhos na disciplina. Isso será possível

quando a escola começar a vivenciar a educação como uma extensão da vida social e familiar do aluno.

No caso específico desse trabalho de Dissertação de Mestrado, a escola e seu corpo docente necessita, urgentemente, dinamizar as aulas com uma bem programada integração de tecnologias, enquanto recursos imprescindíveis para a construção do conhecimento de forma interdisciplinar – do material impresso à Internet.

Conforme o resultado dessa pesquisa fica algumas recomendações:

- A escola deve levar em conta o meio social em que o aluno vive, com todos os recursos tecnológicos existentes.
- O professor precisa se capacitar para realizar suas práticas docentes utilizando as velhas e novas tecnologias, de forma mais horizontal com seus alunos, e de forma interdisciplinar.
- É muito importante considerar o aluno como sujeito aberto e apto para utilizar os recursos tecnológicos disponíveis na educação e na sociedade.
- A escola necessita se instrumentalizar, tecnologicamente, para acompanhar o ritmo dos avanços tecnológicos, considerar a aceitação dos alunos para esses recursos, afim de que a instituição escolar também promova avanços educacionais com o uso integrado das tecnologias disponíveis.

Essa pesquisa ora apresentada mostra-se concluída, mas deixa margens para novos estudos, visto ser um assunto que requer muitas interrogações e tomadas de decisões. Fica, pois a proposta de ser ampliada em uma pesquisa transcultural, envolvendo escolas de outros países para se detectar como a integração de tecnologias educacionais está sendo utilizada para promover um ensino-aprendizagem mais eficiente, utilizando os recursos tecnológicos existentes e disponíveis para se trabalhar de maneira mais diversificada os conhecimentos. Portanto, deixa-se registradas as contribuições que o trabalho ora apresentado deixa para a sociedade da educação:

- Para a escola investigada, a grande contribuição foi a criação do grupo no Facebook para postagem das produções literárias da oficina, visto que ficará para apreciação pública, como também a publicação de um E-book com toda a produção no blog da escola, além da possibilidade de impressão do livro para estudos.
- Todo o conteúdo da oficina foi entregue à Secretaria de Educação do Município para servir de fundamentação teórica para estudos com educadores e a possibilidade do pesquisador desse trabalho dissertativo ministrar a mesma oficina para ser disseminada nas escolas.
- O grande legado que esta pesquisa deixa para a educação é, sem dúvidas, a certeza de que aprendemos e podemos trabalhar a educação de forma mais interativa, numa relação de aprendizagem mais estreita entre professor, aluno e a integração das tecnologias educacionais como recursos importantes para a aquisição do conhecimento.

Finalizando, pode-se acrescentar ainda que, educar para a inovação e a mudança de atitudes significa programar, implantar e implementar propostas dinâmicas de aprendizagens, garantindo assim, uma formação de pessoas conscientes de seu papel

na sociedade, para o exercício da cidadania e do trabalho consciente, com liberdade de criatividade. Portanto, o tamanho da aprendizagem do(a) aluno(a) vai depender da metodologia interativa adotada pelo professor para ampliar as formas de se trabalhar com o conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de (2004). *PEDAGOGIA DE PROJETOS E INTEGRAÇÃO DE MÍDIA*. Pgm 5 - prática e formação de professores na integração de mídias. Salto para o futuro / TV Escola. Recuperado em 06 de novembro, 2013: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/ppm/tetxt5.htm>.
- ALVES, Lynn & BRITO, Mário. O Ambiente Moodle como Apoio ao Ensino Presencial. *Atas do 12º Congresso Internacional da Associação Brasileira de Educação a Distância - ABED*. 2005.
- ALVES, Lucineia. *Educação à distância: Conceitos e história no Brasil e no mundo*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 30/08/2011. Recuperado em 08 de abril, 2014: http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_07.pdf. Acessado em 08/04/2014.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: A teoria do romance*. Tradução de Aurora F. Bernardini e outros. São Paulo, Hucitec e Fund. para o Desenv. da Unesp, 1988.
- BARBOSA, Ana Mae. *A IMAGEM NO ENSINO DA ARTE*. 3ª ed. São Paulo-SP: Editora Perspectiva S.A, 1998, 134 p.
- Bottentuit Junior**, João Batista. *Laboratórios Baseados na Internet: Desenvolvimento de um laboratório virtual de química na plataforma MOODLE*. Dissertação de Mestrado. Faculdade do Porto, 2007.
- BRASIL**. *Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs*. Vol 3 - Português. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- _____. **Decreto 5.622**, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o artigo 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 20 dez, 2005.
- _____. **PORTAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**. *Legislação da Educação a Distância*. Recuperado em 25 de abril, 2014: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12778%3Alegislacao=-de-educacao-a-distancia&catid=193%3Aseed-educacao-a-distancia&Itemid=865>.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Vol6: arte/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. 130p, 1997.
- BUSSMANN, A. C. O Projeto Político-Pedagógico e a Gestão da Escola. IN.: Veiga, I.P.A. (org.). *Projeto Político-Pedagógico da Escola: Uma construção possível*. 15a edição. Campinas: Papirus, 2002.
- CALDAS, G. *Leitura crítica da mídia*. Comunicarte, Campinas, v. 19, n. 25, p. 133-144, 2002.
- CASELL, Catherine., & SYMON, Gillian. *Qualitative methods in organizational research*. London: Sage Publications: 1994.

CAGLIARI, Luís Carlos. *Alfabetização e Lingüística*. 8 ed. São Paulo: Scipione. (Série pensamento e ação no magistério), 1997.

_____. *Alfabetização e Linguística*. 11 ed. São Paulo, Scipione, 1989. (Série pensamento e ação no magistério), 1994.

CÓCCO, Maria Fernandes., & HAILER, Marcos Antonio. *Alfabetização: Análise, linguagem e pensamento: Um trabalho de linguagem numa proposta socioconstrutivista*. São Paulo: FTD, 1995.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. *Fundamentos Estéticos da Educação*. São Paulo: Cortez Editora, 1981.

DELEUZE, G. *O atual e o virtual*. São Paulo: Ed, 34, 1996.

ESNAOLA, Graciela Alicia., & ALONSO, Angel San Martín. **La identidad em la sociedad de la información:** Reconstruyendo la fragmentación. In Peres, Lúcia Maria Vaz; Porto, Tania Maria Esperon (orgs.). *Tecnologias da educação: Terceiro relações entre imaginário, corporeidade e emoções*. Araquara: Junqueira e Martins, 2006.

FAZENDA, Ivani. *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo, Cortez, 1991.

FRAGALE FILHO, Roberto (org.). *Educação a distância: Análise dos parâmetros legais e normativos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. Projeto Político-Pedagógico da Escola: Fundamentos para sua realização. IN.: Gadotti, M. & Romão, J. E. (orgs). *Autonomia da Escola: Princípios e propostas*. 4a edição. São Paulo: Cortez. Instituto Paulo Freire (guia da escola cidadã, vol 1), 2001.

GADOTTI, Moacir.; & Freire, P.; & GUIMARÃES, S (2000). *Pedagogia: Diálogo e conflito*. 5. ed. São Paulo: Cortez.

GATTI JÚNIOR, Décio. *A escrita escolar da história: Livro didático e ensino no Brasil*. Bauru, SP: Edusc; Uberlândia, MG: Edufu, 2004.

GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A poesia na escola:** Leitura e análise de poesia para crianças. São Paulo, Cortez. (Coleção Aprender e ensinar com textos, v.10), 2002.

GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZALEZ, Mathias. *Fundamentos da tutoria em educação à distância*. São Paulo, Avercamp, 2005.

GUSDORF, Georges. *Interdisciplinaire*. In Enciclopédia Universales, Paris: Payot, 1984.

JAPIASSU, Hilton. **A atitude interdisciplinar no sistema de ensino**. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 108, p. 83-94, jan./mar, 1992.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papirus, 2007.

LEÃO, Raimundo Matos de. *A Arte no Espaço Educativo*. Artigo WEB. Recuperado em 12 de fevereiro, 2014: http://caracol.imaginario.com/paragrafo_aberto/rml_arte-duca.html. (2004)

LENOIR, Yves. **Didática e interdisciplinaridade**: Uma complementaridade necessária e incontornável. In: Fazenda, Ivani (org.). *Didática e interdisciplinaridade*. Campinas: Papirus. p. 45-76, 1998.

_____. **A importância da interdisciplinaridade na formação de professores do ensino fundamental**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 102, p. 5-22, novembro, 1997.

LUDKÉ, M., & ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1986.

MAGINA, Sandra. *O computador e o ensino da Matemática*. In: *Tecnologia Educacional*. Rio de Janeiro: ABT, v. 26 (140) jan., mar, 1998.

MARTINS, Simone R., & IMBROISI, Margaret H. – *História da Arte*. Recuperado em 15 de fevereiro, 2014: <http://www.historiadaarte.com.br/> Website por Simone R. Martins & Imbroisi - Webdesign por Márcio Lopes, 1998.

MISUKAMI, M.G.N. *Ensino: As Abordagens do Processo*. São Paulo: E.P.U, 1986.

MORAN, José Manoel; MASETTO, Marcos T., & BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas Tecnologias e mediação pedagógica*. 19ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

MORAN, José Manuel. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas**. IN: Moran, José Manuel; Masetto, Marcos T., & Behrens, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 5ed: Campinas, SP: Papirus, 2000.

MORIN, Edgar (2011). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2ª ed. rev. São Paulo: Cortez, 2011.

PEREZ, Lúcia Maria Vaz., & PORTO, Tania Maria Esperon (orgs.) *Tecnologias na educação: Tecendo relações entre imaginário, corporeidade e emoções*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006.

PLANK, David N (2001). **Política educacional no Brasil**: Caminhos para a salvação pública. Porto Alegre: Artmed, 2001.

REIS, E. S. **Projeto Político Pedagógico**: moda, exigência ou tomada de consciência? IN.: Belo, José Luiz de Paiva. *Pedagogia em Foco*. RJ, 2001. Recuperado em 18 de maio, 2014: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br>

RESENDE, L. M. G. **Paradigma – Relações de Poder – Projeto Político-Pedagógico**: Dimensões indissociáveis do fazer educativo. IN.: Veiga, I. P. A. (org). *Projeto Político-Pedagógico: Uma construção possível*. 15a edição. Campinas: Papirus, 2002.

ROCHA, Antônia Gersa Maciel. *O uso das tecnologias em sala de aula, através do ProInfo nas escolas do município de Aratuba (Ceará)*. Tese de Mestrado do Curso de Ciências da Educação da Universidade San Lorenzo – UNISAL, 2012.

SANCHO, Juana M. (Org.) *Para uma tecnologia educacional*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SANDHOLTZ, Judith Haymore. *Ensinando com tecnologia: Criando salas de aula centradas nos alunos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SETÚBAL, M. A. (Org.) *Raízes e Asas*. São Paulo: Centro de Pesquisas para Educação e Cultura, volumes 3 e 4, 1994.

SILVA, Antonio Aleixo da.; MAUAD, Rogério Furquim.; ANJOS, Afonso, Daniel Lico.; LEITE, Maria Teresa Meirelles.; RAMOS, Monica Parente.; SIGULEM, Daniel. **Proposta de Estudo:** análise da utilização do Moodle como ambiente virtual de apoio ao ensino presencial. *Atas do X Congresso Brasileiro de Informática em Saúde*, Florianópolis, 2006.

STRAY, Chris. QuiaNominor Leo. **Versune sociologie historique du manuel**. In: Choppin, Alain (org.) *Histoire de l'éducation*. n° 58 (numérospecial). Manuelsscolaires, États-sociétés. XIXe-XXesiècles, Ed. INRP, 1993.

RIBEIRO, Laura C. *Interação em sala de aula: Questões conceituais e metodológicas*. São Paulo: Fapesp, 1986.

VALENTE, José Armando, (org.). *O computador na sociedade do conhecimento*. Campinas: UNICAMP/ Núcleo de Informática Aplicada à Educação-NIED, 1999.

_____, José Armando, (Org.). *Computadores e conhecimento: repensando a educação*. 2. ed. Campinas: UNICAMP/ Núcleo de Informática Aplicada à Educação (NIED), 1998.

VEIGA, I. P. A. Projeto Político-Pedagógico: continuidade ou transformação para acertar? IN.: Castanho, S., & Castanho, M. E. (orgs). *O que há de novo na educação superior: Do projeto pedagógico à prática transformadora*. Campinas: Papirus, 2000.

_____, I. P. A (org). *Projeto Político-Pedagógico da Escola: Uma construção possível*. 15a edição. Campinas: Papirus, 2002.

Vygotsky, Lev. S. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar**. In: Vygotsky, L. S.; Luria, A.R., & Leontiev, A.N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 4. ed. São Paulo: Ícone. p. 103-117, 1988.

Vygotsky, Lev. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

QUESTIONAMENTO PARA ALUNOS(AS), PROFESSORES E INTERNAUTAS

Colocamos no grupo do Facebook dois questionamentos para as respostas dos alunos(as) e internautas sobre a integração de tecnologias na educação, com o seguinte texto:

Para finalizar as atividades dessa oficina peço aos participantes (alunos da turma B da Escola Egídia – ensino médio) que contribuam respondendo duas interrogações, essenciais para a conclusão do trabalho desenvolvido. Aos demais participantes (professores e internautas) que não participaram da oficina, se possível, responder a segunda questão:

1ª) Qual sua avaliação sobre a importância do Projeto Oficina Teoria e Prática Poética Escola Egídia para seu crescimento educacional?

2ª) Sobre a integração de Tecnologias Educacionais para promover conhecimento, você acha que usar uma rede social (Facebook) pode ajudar no processo de ensino-aprendizagem?

() Sim

() Não

Comente sua resposta

Observação:

Sua identidade será mantida em sigilo na formatação final da Dissertação.

Envie suas respostas via mensagem por este grupo (Facebook) ou para meu e-mail pessoal: gilneipoeta@gmail.com.

APÊNDICE 2

CARTA DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA DE CAMPO



A

Universidad San Lorenzo

CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Referente: Carta de autorização para pesquisa de campo

Informamos que o Sr. GILNEI NEVES NEPOMUCENO, acadêmico do Curso de Mestrado em Ciências da educação, ministrado pela Universidad San Lorenzo - UNISAL, está autorizado a realizar sua pesquisa de campo na Escola do Ensino Fundamental e Médio Egidia Cavalcante Chagas, localizada na cidade de Morada Nova, estado do Ceará-Brasil, pertencente à rede estadual de ensino. Salientamos que a pesquisa trata-se de uma oficina de poesia com alunos do 1º ano do ensino médio, com duração de 30 horas aulas presenciais e semipresenciais, como também a aplicação de questionário semi-estruturado com professores(as) e alunos(as). A presente pesquisa é parte dos pré-requisitos para conclusão do Curso de Mestrado em Ciências da Educação. Salientamos que sua pesquisa de campo tem seu período de início e término compreendido entre outubro de 2013 a janeiro de 2014, onde a responsável pela supervisão das atividades do pesquisador na escola ficou a cargo da professora Isabel Cecília Cavalcante da Silva, que ocupa o cargo de professora de apoio do Centro de Multimeio.

Outrossim, informamos ainda que o(a) acadêmico(a) **está autorizado** a divulgar o nome desta instituição em seu trabalho de conclusão de curso na modalidade de dissertação.

Morada Nova-CE, 21 de setembro de 2013

Atenciosamente,


Sílvia Helena Claudino Brandão

Diretora

Sílvia Helena Claudino Brandão
Diretora Geral
D.O. da nomeação 21/08/2013

EEFM EGIDIA CAVALCANTE CHAGAS
Av. Manoel Castro, 473 - Centro - Morada Nova - CE
Fonéfax: (85) 3422-2810 Email: egidial@escola.ce.gov.br
INEP: 23128739 - CNPJ: 00.126.592/0014-07
Reconhecida Pelo CEE Parecer Nº 0514/2013
data: 21/12/2013

ANEXOS

ANEXO 1

FIGURAS DO CORPO DO TEXTO

FIGURA 1 – BANNER DOS 10 ANOS DO FACEBOOK

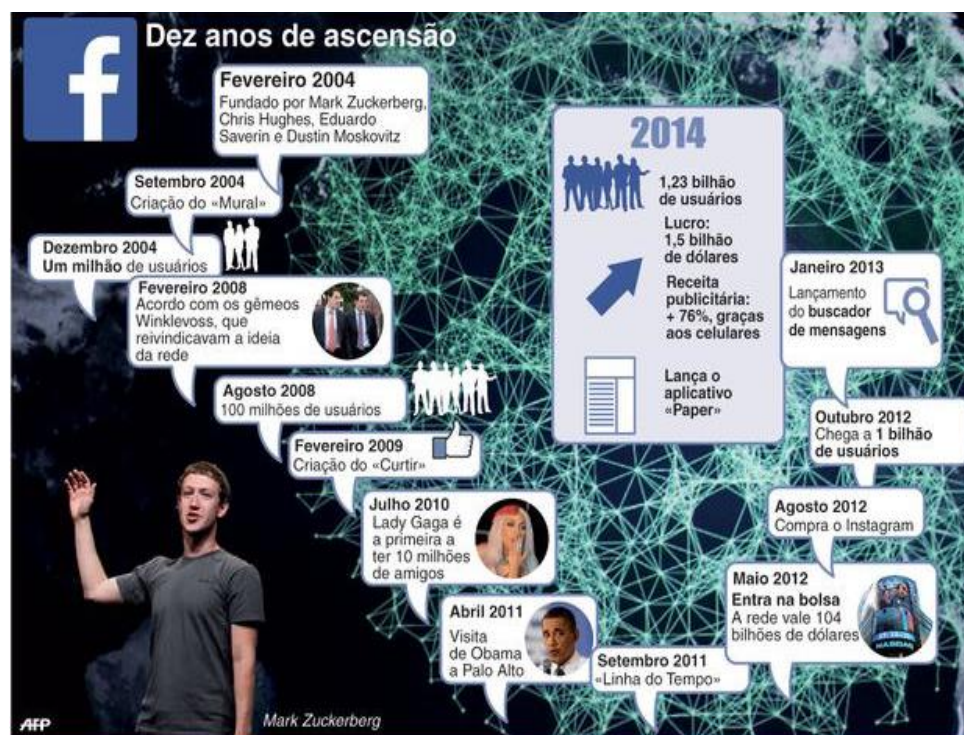


FIGURA 2- PRIMEIRO ENCONTRO COM A TURMA



FIGURA 3 - PINT DO GRUPO OFICINA POÉTICA ESCOLA EGÍDIA - FACEBOOK



FIGURA 4 - EXPOSIÇÃO DO POETRIX COM O RECURSO DATASHOW



FIGURA 5 – ALUNOS(AS) ACESSANDO REDE SOCIAL NA ESCOLA



FIGURA 6 – APRENDENDO A FAZER ARTE COM O POWER POINT



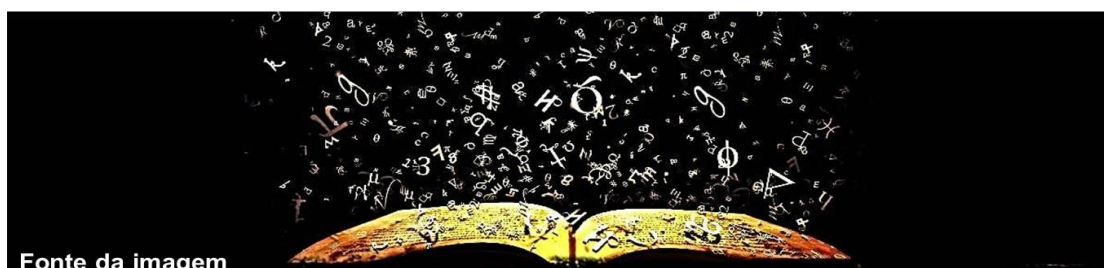
FIGURA 7 - FOTOPOEMA CRIADO POR ALUNOS(AS)



O LIVRO CONTA SEGREDOS / REVELA OS CONHECIMENTOS

**Nos leva para o mundo; / desperta as fantasias
Desvenda mistérios da aprendizagem / nos prepara para a vida
Mostra nas letras o caminho do futuro. / A nós dando sabedoria.**

MARIA JOSÉ LIMA NETA / DIEGO DA SILVA DE ALMEIDA



Fonte da imagem

<http://pofilhodedavi.com/wp-content/uploads/2012/05/leitura-da-biblia-dificil-complicada.jpg>

FIGURA 8 - FOTOPOEMA CRIADO POR UM ALUNO



Fonte da imagem: <http://2.bp.blogspot.com/-PNKypAjzCnE/UX7PNdPrb4I/AAAAAAAAABQ8/GkluTMzDKIs/s1600/pai%2Bespiritual%2Be%2Bguia.jpg>

ANEXO 2

REGISTRO FOTOGRÁFICO DA OFICINA



ANEXO 3

ALGUNS POEMAS PRODUZIDOS NA OFICINA

(Poemas que não entraram no corpo da Dissertação)

NO SILÊNCIO DO HORIZONTE

Vem um pássaro voando

Deitando e rolando

As alegrias de sua vitória

Aldair Rabelo



NAS RUAS O LIXO

Compõe cenário da poluição

Nos rios, lagos e ruas

Somos responsáveis pela preservação!!!!

Daiane Saraiva



IMAGINAÇÃO / DA NOSSA MENTE

(Dueto)

Na minha imaginação

Tudo posso

Vejo tudo diferente

Um mundo desconhecido

Gosto de imaginar

Algo novo para o presente

Tudo fora do lugar

É assim que gosto

Com minha imaginação

Vou para onde quiser

me divertir de montão

Onde o horizonte não tem fim.

Daiane Saraiva

Felipe saraiva

ANEXO 4

ALGUNS FOTOPOEMAS CRIADOS NA OFICINA



NA VIDA TUDO É LIÇÃO

**E sigo estudando, contente
Assim, eu levo a vida
E colho os frutos lá na frente.**

Guilherme Rabelo



Fonte da imagem: <https://123rf.com/400wm/400400cienpiescienpies1208cienpies12080004214777579-aprenda-a-ler-na-escola-de-educaa-a-o-conceito-ma-o-a-rvore-o-arquivo-do-vetor-em-camadas-para-fa-ci.jpg>

MAGIA DE APRENDER / APRENDER É VIVER

**Faz-nos crescer todo dia / No mundo do conhecimento
Fazendo muita alegria / Sem medo de sonhar, aprendendo
A vitória é troféu da sabedoria... / Vivendo cada momento**



Patrícia Silva / Guilherme Rabelo

Fonte da imagem: <http://data.whicdn.com/images/68126944large.jpg>

QUEM...

**Quem ama sofre, dizem
Quem sofre sente, isso eu sei
Quem sente luta, insiste
Quem luta vence, constatei
Precisamos continuar a dança da vida**

Wallison Mayk

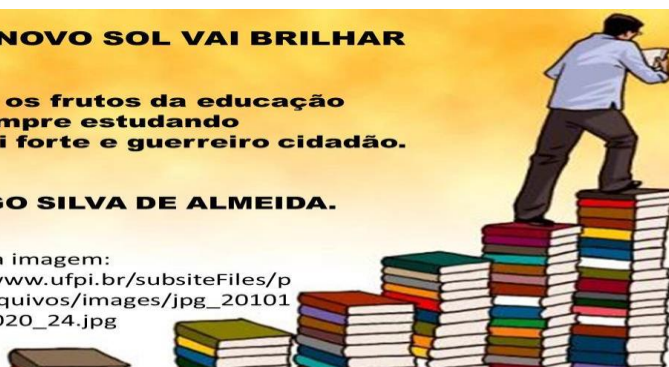
Fonte da imagem:
http://6.storage.canalblog.com/6627106178182939587_o.jpg

UM NOVO SOL VAI BRILHAR

**Com os frutos da educação
E sempre estudando
Serei forte e guerreiro cidadão.**

DIEGO SILVA DE ALMEIDA.

Fonte da imagem:
http://www.ufpi.br/subsiteFiles/pped/arquivos/images/jpg_20101210180020_24.jpg



SOBRE O AUTOR

Gilnei Neves Nepomuceno, nasceu na cidade de Quixadá, Ceará. Possui Título de Cidadão da Cidade de Morada Nova, no mesmo estado. Possui graduação em PEDAGOGIA pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2002). Lato Sensu em Novas Tecnologias na Educação pela Escola Superior Aberta do Brasil (2006) em regime semi-presencial, Especialização em Mídias na educação pela Universidade Federal do Ceará (2011), Pós-graduação em Ciências da Educação pela Faculdade Estela Maris (2015) e pós-graduado em Pedagogia Empresarial e Social pela Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI (2017); Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade Alfamérica. Possui mestrado em Ciências da Educação pela Universidade San Lorenzo (2014). Já atuou como professor/tutor online pela Secretaria de Educação Básica do Ceará - SEDUC, Curso de Certificação de Gestores, realizado de dezembro/2017 a fevereiro/2018. Exerceu função sem vínculo empregatício como professor da Universidade Vale do Acaraú - UVA, e outras. É professor efetivo da Secretaria da Educação Básica de Morada Nova. Atualmente, é Professor Formador de Língua Portuguesa, 4º ano, da Secretaria Municipal de Educação - SME de Fortaleza-CE. Poeta, já publicou livros e participou de várias antologias. Faz parte da Academia Quixadaense de Letras - AQL.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aluno 9, 11, 17, 18, 21, 26, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 48, 55, 61, 63, 68, 73, 80, 83, 86, 91, 92, 93, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 113, 114, 115

Alunos 6, 7, 10, 11, 14, 15, 17, 19, 20, 23, 27, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 51, 52, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 63, 66, 67, 70, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 109, 112, 113, 114, 119, 120

Aprender 11, 15, 16, 17, 23, 28, 30, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 43, 48, 50, 60, 63, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 109

Aprendizagem 7, 9, 10, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 52, 54, 55, 59, 60, 61, 64, 68, 76, 77, 78, 87, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 118, 119, 120

Atividades 11, 19, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 39, 44, 45, 52, 53, 54, 57, 60, 61, 63, 71, 86, 87, 89, 99, 101, 102, 103, 120

Aula 15, 17, 19, 20, 23, 28, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 46, 53, 54, 60, 76, 77, 80, 83, 88, 89, 90, 94, 99, 100, 102, 105, 112, 118, 119

C

Computador 9, 18, 19, 20, 21, 22, 30, 35, 38, 41, 42, 43, 52, 55, 59, 76, 99, 112, 113, 118, 119

Comunicação 15, 16, 19, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 44, 45, 50, 51, 54, 55, 58, 59, 72, 106

Conhecimento 4, 7, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 60, 61, 62, 63, 64, 68, 72, 80, 104, 105, 106, 107, 108, 112, 113, 114, 115, 119, 120

Conhecimentos 14, 27, 29, 36, 39, 42, 45, 48, 49, 50, 51, 53, 60, 67, 77, 92, 102, 103, 106, 107, 109, 114

Construção 9, 14, 15, 17, 20, 21, 26, 31, 33, 34, 42, 46, 48, 55, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 76, 86, 88, 90, 96, 97, 98, 100, 112, 114, 116, 118, 119

D

Desenvolvimento 9, 20, 22, 23, 26, 29, 34, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 76, 78, 100, 104, 106, 119

E

Educação 9, 11, 14, 15, 16, 17, 26, 27, 28, 30, 31, 34, 36, 38, 39, 41, 42, 43, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 79, 90, 97, 100, 102, 103, 104, 105,

106, 107, 109, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120

Educacionais 7, 9, 10, 11, 15, 17, 18, 19, 21, 23, 27, 28, 29, 31, 33, 35, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 48, 49, 51, 53, 54, 55, 57, 59, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 77, 78, 80, 99, 100, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 114

Educacional 15, 18, 26, 30, 34, 36, 42, 43, 49, 52, 54, 56, 57, 63, 65, 67, 68, 70, 92, 100, 102, 107, 118, 119, 120

Ensino 6, 7, 9, 10, 11, 18, 19, 20, 21, 27, 28, 30, 31, 36, 37, 38, 43, 44, 45, 46, 52, 54, 55, 57, 59, 60, 62, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 73, 76, 77, 78, 80, 81, 100, 104, 106, 108, 109, 112, 113, 114, 117, 118, 119, 120

Escola 9, 10, 11, 14, 17, 19, 20, 21, 23, 26, 27, 29, 30, 32, 33, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 49, 51, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 86, 88, 90, 92, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 114, 117

F

Facebook 9, 77, 78, 80, 83, 86, 88, 89, 92, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 120, 121

Forma 6, 7, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 30, 31, 35, 37, 38, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 88, 90, 92, 93, 98, 100, 103, 104, 106, 108, 109, 112, 113, 114

G

Grupo 9, 14, 15, 19, 23, 28, 29, 32, 39, 53, 56, 61, 63, 67, 68, 69, 73, 80, 88, 89, 91, 92, 99, 100, 101, 105, 108, 109, 112, 113, 114, 120, 121

I

Integrando 3, 9

Interdisciplinar 7, 9, 10, 11, 35, 38, 41, 42, 48, 50, 61, 62, 63, 64, 71, 76, 78, 88, 112, 113, 114, 117

Interdisciplinar 3, 9

Interdisciplinaridade 7, 19, 48, 49, 51, 60, 61, 62, 63, 113, 118

Internet 18, 19, 36, 42, 55

L

Leitura 9, 17, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 61, 88, 110

Linguagem 11, 15, 16, 22, 37, 38, 39, 44, 46, 63, 64, 87, 89, 96, 117

M

Metodologia 19, 27, 28, 30, 32, 37, 38, 54, 57, 59, 76, 77, 80, 88, 112, 113, 115

Mundo 4, 17, 22, 27, 30, 32, 34, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 48, 49, 50, 52, 56, 61, 64, 68, 78, 88, 103, 104, 116, 127

O

Oficina 7, 9, 10, 11, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 95, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 120

P

Participantes 7, 11, 44, 76, 77, 78, 81, 82, 90, 93, 100, 101, 102, 103, 104, 113, 120

Pedagógica 10, 20, 21, 23, 26, 27, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 43, 45, 54, 60, 61, 64, 65, 66, 69, 70, 73, 79, 113, 118

Pesquisa 7, 9, 10, 11, 19, 20, 30, 33, 37, 38, 49, 52, 59, 62, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 87, 89, 91, 93, 95, 97, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 107, 109, 112, 113, 114, 117

Poesia 7, 9, 10, 11, 36, 61, 62, 64, 76, 77, 78, 81, 82, 83, 86, 87, 88, 89, 90, 94, 98, 99, 102, 103, 112, 117

Prática 10, 21, 26, 27, 29, 31, 33, 35, 36, 37, 39, 41, 43, 45, 48, 49, 50, 61, 63, 64, 70, 73, 76, 77, 80, 87, 88, 105, 107, 109, 113, 116, 119

Processo 7, 10, 14, 17, 19, 20, 21, 27, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 42, 44, 45, 46, 60, 61, 62, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 77, 79, 104, 106, 108, 109, 113, 120

Professores 7, 10, 15, 19, 26, 29, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 42, 43, 48, 49, 51, 52, 54, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 69, 70, 73, 77, 78, 79, 81, 98, 100, 101, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 116, 118, 120

Projeto 7, 10, 20, 29, 32, 33, 39, 42, 43, 56, 57, 60, 61, 62, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 80, 86, 88, 89, 101, 102, 103, 104, 105, 112, 113, 119

Proposta 7, 10, 19, 23, 48, 51, 65, 66, 70, 82, 83, 89, 99, 100, 101, 112, 113, 114, 117

R

Recursos 14, 15, 17, 18, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 43, 51, 53, 55, 58, 61, 76, 108, 113, 114

S

Social 9, 11, 15, 26, 27, 28, 31, 32, 35, 37, 44, 45, 48, 49, 50, 53, 57, 62, 63, 65, 67, 68, 69, 70, 76, 78, 80, 83, 86, 88, 99, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 117, 119, 120

T

Tecnologias 7, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 43, 45, 48, 49, 51, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 67, 69, 71, 73, 77, 78, 80, 83, 92, 100, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 117, 118, 120



A POESIA DE APRENDER INTEGRANDO TECNOLOGIAS À EDUCAÇÃO DE FORMA INTERDISCIPLINAR



A POESIA DE APRENDER INTEGRANDO TECNOLOGIAS À EDUCAÇÃO DE FORMA INTERDISCIPLINAR



Rfb
Editora